



*Personagens*

REI EDUARDO IV.

EDUARDO, Príncipe de Gales, depois  
Rei Eduardo V  
RICARDO, Duque de York

} filhos do Rei.

JORGE, Duque de Clarence  
RICARDO, Duque de Gloster  
depois Rei Ricardo III

} irmãos do Rei.

Um jovem filho de Clarence.

HENRIQUE, Conde de Richmond, depois Rei  
Henrique VII.

CARDEAL BOURCHIER, Arcebispo de Cantuária.

TOMÁS ROTHERHAM, Arcebispo de York.

JOHN MORTON, Bispo de Ely.

DUQUE DE BUCKINGHAM.

DUQUE DE NORFOLK.

CONDE DE SURREY, seu filho.

CONDE DE RIVERS, irmão da esposa do Rei  
Eduardo.

MARQUÊS DE DORSET  
LORDE GREY

} seus filhos.

CONDE DE OXFORD.

LORDE HASTINGS.

LORDE STANLEY, denominado também Conde de  
Derby.

LORDE LOVEL.

SIR TOMAS VAUGHAN.

SIR RICARDO RATCLIFF.

SIR WILLIAM CATESBY.

SIR JAMES TRYRRELL.

SIR JAMES BLOUNT.

SIR WALTER HERBERT.

SIR ROBERT BRAKENBURY, tenente da Torre.

SIR WILLIAM BRANDON.

CRISTÓVÃO URSWICK, padre.

Outro padre.

Lorde Prefeito de Londres. Xerife de Wiltshire.

TRESSEL  
BERKELEY

} gentis-homens do séquito de Lady Ana.

ELISABETE, esposa do Rei Eduardo IV.

MARGARIDA, viúva do Rei Henrique VI.

DUQUESA DE YORK, mãe do Rei Eduardo IV, de  
Clarence e de Gloster.

LADY ANA, viúva de Eduardo, Príncipe de Gales,  
filho do Rei Henrique VI; depois, casada com o  
Duque de Gloster.

LADY MARGARIDA PLANTAGENETA, jovem filha de  
Clarence.

Nobres e outros servidores; dois gentis-homens,  
um passavante, escrivão, cidadãos, assassinos,  
mensageiros, espectros das pessoas assassinadas por  
Ricardo III, soldados, etc.

*Cena*  
*Inglaterra.*

# Ato I · Cena I

*Londres. Uma rua.*

*Entra Gloster.*

**GLOSTER** · Ora pelo sol de York o frio inverno do descontentamento foi mudado em glorioso verão. As negras nuvens que sobre nós pendiam já se encontram sepultadas no seio do oceano. Agora as fontes temos circundadas por grinaldas vistosas; nossas armas amalgadas estão como troféus; os severos alarmas se mudaram em reuniões alegres, nossas marchas temerosas em danças apazíveis. A guerra carrancuda as fundas rugas da frente já apagou, e em vez, agora, de montar em cavalos ajazados para a alma amedrontar de seus contrários cheios de medo, lestemente salta num quarto de mulher, aos sons alegres de um lascivo alaúde. Eu, no entretanto, que não nasci para essas travessuras desportivas, nem para declarar-me a um espelho amoroso; eu, que me vejo cunhado por maneira tão grosseira, carecente de dotes insinuantes para me pavonear ante uma ninfa de frívolos requebros; eu, que me acho falto de proporção, logrado em tudo por uma natureza enganadora, deformado, incompleto, antes do tempo lançado ao mundo vivo, apenas feito pela metade, tão monstruoso e feio que os cães me ladram, se por eles passo... eu, em suma, nesta época abatida de paz amolentada, não conheço outra maneira de passar o tempo, a não ser contemplando a própria sombra, quando o sol a projeta, ou comentando minha deformidade. Se não posso tornar-me o amante que divirta os dias eloqüentes e alegres, determino conduzir-me qual biltre rematado e odiar os vãos prazeres de nossa época.

Por meio de conjuras, arriscadas insinuações, insanas profecias, pasquins e invencionices, mortal ódio mantenho entre o monarca e o irmão Clarence.

Ora, se o Rei Eduardo for tão justo, tão veraz quanto eu sou falso e traçoeiro, Clarence vai ser hoje transferido por causa de uma tola profecia segundo a qual um G será o assassino dos herdeiros de Eduardo. Pensamentos, mergulhai, pois Clarence vem chegando.

*(Entram Clarence, escoltado, e Brakenbury.)*

Bom dia, irmão; a guarda que é que indica junto de Vossa Graça?

**CLARENCE** · Interessando-se Sua Alteza por minha segurança, envia-me escoltado para a Torre.

**GLOSTER** · E o motivo?

**CLARENCE** · Porque me chamo Jorge.

**GLOSTER** · Ora, milorde, não é vossa a culpa.

Prender devia, então, vossos padrinhos.

Oh! Com certeza Sua Majestade

pretende vos rebatizar na Torre.

Mas Clarence, que é que há? Posso sabê-lo?

**CLARENCE** · Sim, Ricardo, depois que eu tiver ciência do que se deu; mas juro que até agora

não sei de que se trata. No entretanto,

pelo que dizem, ele se impressiona

com profecias, sonhos e outras coisas

desse gênero: risca do alfabeto

a letra G por lhe ter dito um mágico

que por G seus herdeiros morreriam;

e como G é a letra do meu nome,

julga que eu sou o G de que se trata.

Foi essa ninharia e outras quejandas

que Sua Alteza a me prender levaram.

**GLOSTER** ·

Sim, eis o que acontece quando os homens se deixam governar pelas mulheres.

Não é o rei que vos envia à Torre;

é sua esposa, Lady Grey, Clarence;

ela é que o faz fazer esses extremos.

Pois não foi ela e aquele senhor digno,

Antônio Woodville, seu mui digno irmão,

que o forçaram, também, a pôr na Torre Lorde Hastings, que hoje, apenas, saiu livre?

Ah, Clarence! não temos segurança; Clarence! todos nós corremos riscos.

CLARENCE · Pelo céu, segurança, nestes tempos, só a possuem os parentes da rainha e os arautos que o rei todas as noites a Mistress Shore envia. Não soubestes da súplica humilhante de Lorde Hastings porque ela a seu favor intercedesse?

GLOSTER · Humilde suplicando à divindade, obteve o camareiro a liberdade.

Ouvi, pois, o que penso: o melhor modo de estarmos sempre bem com o soberano é entrarmos para a casa da rainha e usarmos sua farda, como todos.

A ciumenta e estragada viúva e ela, desde que nosso irmão as deixou nobres são comadres influentes no governo.

BRAKENBURY ·

Suplico a ambas as Graças me perdoarem, mas Sua Majestade me deu ordens expressas para que pessoa alguma de qualquer posição ou qualidade, com vosso irmão à parte conversasse.

GLOSTER · Sim? Se Vossa Excelência for servido, Brakenbury, podeis ficar sabendo quanto nós conversamos. Não fazemos traição, homem! Só disse que o monarca

era sábio e virtuoso e sua esposa muito nobre, de idade já passada, bela e nada ciumenta. Sim, falamos da consorte de Shore, que tem lábios de cereja, pezinhos delicados, olhinhos de boneca e língua afável.

Por último dissemos que os parentes da rainha são finos gentis-homens. Que dizeis? Podereis negar tudo isso?

BRAKENBURY · Não me meto, milorde, nessas coisas.

GLOSTER · Com Mistress Shore não te metes? Digo-te, amigo, que, tirante um consulente, devem agir os mais secretamente.

BRAKENBURY · Visando quem, milorde, ressaltastes?

GLOSTER · O marido, imbecil! Quereis trair-me?

BRAKENBURY · Peço que Vossa Graça me perdoe e que ponha remate à conferência com o nobre duque.

CLARENCE · Sei perfeitamente, Brakenbury, a missão que te confiaram; desejo obedecer-te.

GLOSTER · Somos súditos da rainha; forçoso é obedecer-lhe. Adeus, irmão; vou procurar o rei. De bom grado farei quanto quiserdes, até mesmo chamar de irmã à viúva do Rei Eduardo, se assim for preciso, para vos libertar. Esta profunda desgraça que atingiu nossa irmandade me toca mais no fundo do que acaso possais imaginar.

CLARENCE · Sei que é assim mesmo; a nenhum pode ser ela agradável.

GLOSTER · Bem; vossa detenção não será longa; hei de livrar-nos ou ficar convosco. Mas, até lá, paciência.

CLARENCE · Que remédio!

*(Saem Clarence, Brakenbury e o guarda.)*

GLOSTER · Vai, percorre o caminho de onde nunca retornarás, Clarence ingênuo e simples. Tenho-te tal amor que dentro em pouco mandarei para o céu tua alma cândida, se aceitar destas mãos o céu a oferta. Mas quem vem vindo? É Hastings, já liberto?

*(Entra Hastings.)*

HASTINGS ·

Ao meu gracioso lorde um dia esplêndido.

GLOSTER · Outro tanto desejo ao meu bondoso camareiro. Ao ar livre sois bem-vindo. Mas como suportares a prisão?

HASTINGS · Meu nobre lorde, com paciência, como compete aos prisioneiros. Mas ainda, milorde, hei de ter vida porque possa dar agradecimentos às pessoas que foram causa de eu ter sido preso.

GLOSTER · Sem dúvida, sem dúvida, tal como se vai dar com Clarence; são os mesmos os inimigos de ambos, que contra ele prevalecem agora de igual modo.

HASTINGS · Dá muita pena ver engaioladas as águias e com plena liberdade para prear os búbios e os milhanos.

GLOSTER · E aí por fora, quais as novidades?

HASTINGS · Nenhuma tão ruim como as de casa; o rei está doente, melancólico

e fraco; os médicos estão receosos.

**GLOSTER** · Por São Paulo, a notícia é ruim, de fato.

Abusou, por demais, de um mau regime,

prejudicando a sua real pessoa.

Só de pensar, dá pena. Está de cama?

**HASTINGS** · Está.

**GLOSTER** · Ide na frente; já vos sigo.

*(Sai Hastings.)*

Viver não pode, espero-o; mas não deve

morrer enquanto Jorge despachado

não for em extraposta para o céu.

Vou ver se o encontro, para espicaçá-lo

contra Clarence com bem aceradas

mentiras e argumentos ponderosos.

Se não gorar meu plano meditado,

não viverá Clarence mais um dia.

Feito isso, Deus receba o Rei Eduardo  
na sua graça e me conceda o mundo  
para nele agitar-me. Logo tomo  
por mulher a mais nova filha de Warwick.  
Que importa que ao seu pai e a seu marido  
tivesse eu dado a morte? O melhor meio  
de dar satisfações a essa donzela  
é ficar sendo dela pai e esposo,  
o que farei, não por amor, decerto,  
mas por um fim profundamente oculto  
que preciso alcançar com o casamento.  
Mas desse jeito estou indo na frente  
do cavalo. Clarence ainda respira;  
Eduardo está com vida e ocupa o trono:  
só depois que tiverem ido embora  
é que me vai raiar a nova aurora.

*(Sai.)*

## Ato I · Cena II

*Londres. Outra rua.*

*Entra o corpo do Rei Henrique VI em um esquife aberto.*

*Gentis-bomens com alabardas fazem a guarda; Lady Ana, como carpideira.*

**ANA** · Deponde aí mesmo vosso fardo honroso —

se é que pode ficar amortalhada

a honra num ataúde — enquanto o pranto

dos funerais eu verto, lastimando

a queda prematura de Lencastre.

Pobre figura fria de um rei santo!

Pálidas cinzas de uma casa nobre!

Restos exangues desse sangue real!

Permite que ora o espírito eu te invoque,

porque ele ouça os gemidos da pobre Ana,

mulher do teu Eduardo, de teu filho,

de teu filho que foi apunhalado

pela mão que te fez essas feridas.

Nas janelas por onde a tua vida

se escapou eu derramo o triste bálsamo

destes doridos olhos. Oh! Maldita

seja a mão que estes furos praticou!

Maldito o coração que para tanto

teve coragem! Sim, maldito o sangue

que este sangue verteu. Caiam maiores

calamidades sobre o miserável  
que nos fez miseráveis com tua morte  
do que a aranhas e sapos eu deseje  
e a quanto verme venenoso exista.

Se filho vier a ter, seja ele aborto  
monstruoso, prematuro à luz trazido,  
cujo aspecto medonho e extravagante  
à esperançosa mãe pavor infunda.

A maldade do pai lhe seja herança.

Se algum dia casar, torne-se a esposa  
mais infeliz com a morte do marido

do que eu com a tua e a do meu jovem dono.

Levai agora o vosso fardo santo  
para Chertsey, tirado de São Paulo,

a fim de ser ali posto no túmulo.

Sempre que o peso vos deixar cansados,

parai, para que eu possa novamente

sobre o corpo chorar do Rei Henrique.

*(Os carregadores levantam o ataúde e dão alguns passos.)*

*(Entra Gloster.)*

**GLOSTER** · Ponde o corpo no chão, carregadores!

**ANA** · Qual foi o negro mágico que o diabo  
conjurou para vir se opor aos atos  
de caridade?

**GLOSTER** · Biltres! Ponde o corpo

no chão! Caso contrário, por São Paulo, há de morto ficar aqui o rebelde.

**PRIMEIRO GENTIL-HOMEM** ·

Afastai-vos, milorde, porque o fêretro possa passar.

**GLOSTER** · Cachorro descarado, pára, quando eu mandar! Se levatares tua alabarda à altura deste peito por São Paulo, a meus pés hei de prostrar-te e de pisar em ti, para castigo dessa temeridade.

*(Os carregadores depõem o ataúde no chão.)*

**ANA** · Como! Todos ficastes trêmulos? Estais com medo?

Ah! não vos culpo, porque sois humanos e o olhar humano suportar não pode a vista do demônio. Fora, horrendo comissário do inferno! Tu só tinhas poder sobre o seu corpo transitório; sobre tua alma, não. Por isso, vai-te!

**GLOSTER** · Pelo céu, doce santa, não te mostres tão zangada.

**ANA** · Por Deus, demônio horrível, não nos perturbes! Transformaste a terra feliz em teu inferno, transbordante de maldições e de profundas queixas. Se achas prazer em contemplar teus feitos horripilantes, olha esta obra-prima de toda a tua matança. Oh gentis-homens, vede as feridas do defunto Henrique que as frias bocas abrem e, de novo, põem-se a sangrar. Cria vergonha, monte de atroz e vil deformidade! É a tua presença que provoca esta sangueira das frias veias que já não têm sangue. Teu feio ato contra a natureza faz um dilúvio contra a natureza.

Oh Deus! Criaste este sangue; a morte vingá-lhe! Terra, tu o bebes; vingá-lhe o trespassse! Que um dos teus raios, céu, mate o assassino!

Ou então, terra, escancara a larga boca para logo tragá-lo, como o fazes com o sangue deste rei de alma bondosa que o seu braço infernal privou da vida.

**GLOSTER** · Desconheceis, senhora, a caridade, que paga o mal com o bem e retribui as maldições com bênçãos.

**ANA** · Desconheces, vilão, as leis divinas e as humanas.

As próprias feras mostram-se piedosas.

**GLOSTER** · Não sou fera; no entanto, sou impiedoso.

**ANA** · O diabo falou certo... Oh coisa estranha!

**GLOSTER** · Mais estranho é haver anjo tão zangado. Divina perfeição do belo sexo, consente que eu me absolva, nestas mesmas circunstâncias, de todos esses crimes imaginários.

**ANA** · Infecção monstruosa de homem, deixa que nestas circunstâncias, por todos os teus crimes conhecidos, maldito, eu te maldiga.

**GLOSTER** · Oh mulher linda, muito mais do que cabe nas palavras, ouve-me com paciência, porque eu possa desculpar-me, afinal.

**ANA** · Oh monstro horrendo mais do que pode crer a mente humana, só te enforcando é que terás desculpa.

**GLOSTER** · Com esse desespero eu me acusara.

**ANA** · Por esse desespero te escusaras, infligindo-te a pena merecida por teres morto tantos inocentes.

**GLOSTER** · Dize que os não matei.

**ANA** · Então declara que os não mataram; mas matados foram e por ti, justamente, infernal monstro.

**GLOSTER** · Não matei vosso esposo.

**ANA** · Ele está vivo?

**GLOSTER** · Não, já morreu; mas pela mão de Eduardo.

**ANA** · Mentas pela garganta! Margarida viu teu gládio assassino, fumegante de seu sangue; e contra ela o dirigiras, se acaso o não desviassem teus irmãos.

**GLOSTER** · Sua língua aleivosa me irritara, pondo a culpa de todos nos meus ombros inocentes.

**ANA** · Foi tua alma sanguinária que te irritou, porque ela só cogita de matanças e crimes. E o monarca não foi morto por ti?

**GLOSTER** · Isso eu concedo.

**ANA** · Concedes isso, monstro? Então conceda-me também Deus que danado tu te vejas

por esse crime horrível. Doce ele era,  
amável e virtuoso.

GLOSTER · Merecia  
morar com o rei do céu, que o tinha criado.

ANA · Está no céu, para onde nunca irás.

GLOSTER · Deve-me, então, ser grato pela ajuda.  
Está melhor no céu do que na terra.

ANA · E tu não tens melhor lugar que o inferno.

GLOSTER · Não; há outro: quereis que vo-lo diga?

ANA · A prisão, certamente.

GLOSTER · Vossa alcova.

ANA · Seja o sono banido do teu quarto!

GLOSTER · Sê-lo-á, enquanto não dormirmos juntos.

ANA · Espero que assim seja.

GLOSTER · Sei que é assim.

Porém gentil Lady Ana, arrematemos  
de uma vez estes ásperos assaltos  
de nossa inteligência, para um método  
mais seguro empregar, embora lento.

A causa do trespassse prematuro  
de Eduardo e Henrique, esses Plantagenetas,  
não será, por acaso, tão culpável  
como o seu próprio autor?

ANA · Tu foste a causa;  
tu és o que fizeste a ação maldita.

GLOSTER · A causa desse efeito a tentes perto:  
vossa beleza. Sim, essa beleza  
que até durante o sono me mandava  
matar o mundo todo, porque uma hora  
viesse a gozar em vosso brando seio.

ANA · Afirmo-te, homicida, que no caso  
de eu pensar desse jeito, essa beleza  
com estas unhas eu própria a destruiria.

GLOSTER · Jamais suportariam estes olhos  
a vista de tal quadro. Estando eu perto,  
não fareis nenhum dano a essa beleza.  
Tal como o sol ao mundo, ela me anima:  
é meu dia e, ainda mais, é minha vida.

ANA · Que a noite deixe escuro esse teu dia,  
e a tua vida a morte.

GLOSTER · Não maldigas,  
criatura encantadora, de ti mesma,  
que para mim és ambos.

ANA · Desejara  
sê-lo, para tomar de ti vingança.

GLOSTER · Seria uma contenda absurda e injusta  
na pessoa vingares-te que te ama.

ANA · Seria uma contenda mui razoável  
matar o matador do meu marido.

GLOSTER · Quem te privou, senhora, do marido,  
vai-te ajudar a achar melhor marido.

ANA · Melhor, nenhum respira sobre a terra.

GLOSTER · Vive quem te ama muito mais do  
que ele.

ANA · Quem é?

GLOSTER · Plantageneta.

ANA · Era o seu nome.

GLOSTER · O nome é o mesmo, mas melhor  
pessoa.

ANA · Onde se encontra?

GLOSTER · Aqui.

*(Ana lbe cospe no rosto.)*

GLOSTER · Por que me cospes?

ANA · Que bem que te seria esse meu cuspo,  
se ele atirasse qual mortal veneno!

GLOSTER · Jamais o produziu lugar tão doce.

ANA · Jamais caiu num sapo tão medonho.  
Fora daqui! Os olhos me infeccionas!

GLOSTER · Esses olhos, senhora, é que me cegam.

ANA · Quem dera que eles fossem basiliscos,  
para a morte te darem!

GLOSTER · Desejara  
isso mesmo; que, assim, morrera logo;  
eles me estão matando lentamente.

Dos meus esses teus olhos tiram lágrimas,  
deixando-lhes a luz envergonhada  
com as gotas infantis. Jamais haviam  
estes olhos chorado. Não, nem mesmo  
quando choraram meu pai York e Eduardo,  
aos gemidos de Rutland, atingido  
pela espada do negro e horrendo Clifford,  
nem quando teu valente pai contava,  
como uma criança, a história comovente  
da morte de meu pai e vinte vezes  
parava a suspirar, deixando o rosto  
dos presentes como árvores molhadas  
pela chuva. Naquela época triste  
meus olhos varonis sempre metiam  
a ridículo as lágrimas humildes.

Ora bem: o que à dor fora impossível,  
tua beleza o fez, deixando-os cegos  
de chorar. Jamais fiz nenhuma súplica  
a amigos ou inimigos; nunca soube  
esta boca dizer palavras ternas.

Mas agora que a tua formosura  
meu feudo se tornou, vencido abate-se-me  
o altivo coração e a língua fala.

*(Ela lbe lança olhar desdenhoso.)*

Não ensines aos lábios o desprezo,  
que para os beijos foram eles feitos,  
senhora, não para esses sentimentos.  
Se não sabe perdoar esse orgulhoso  
coração, aqui tens a aguda espada:  
esconde-a neste peito verdadeiro,  
e a alma deixa escapar que te idolatra.  
Ei-lo: ofereço-o, aberto, ao mortal golpe,  
e, de joelhos, humilde, a morte imploro.

*(Descobre o peito; ela faz menção de feri-lo.)*

Não pares, que eu matei o Rei Henrique,  
mas foi tua beleza o móvel disso.  
Despacha-me depressa; o moço Eduardo  
foi por mim trespassado...

*(Ela faz novamente menção de feri-lo.)*

...mas foi esse

rosto divino o instigador de tudo.

*(Ela deixa tombar a espada.)*

Toma de novo a espada, ou me levanta.

ANA · Hipócrita, levanta-te! Conquanto  
eu deseje tua morte, não me agrada  
ser teu carrasco.

GLOSTER · Manda que eu me mate,  
nesse caso, que logo eu te obedeco.

ANA · Já o fiz.

GLOSTER · Mas fizeste-o transtornada  
pela cólera. Ordena-o novamente,  
que no mesmo momento esta mão forte,  
que, por amor de ti, fez que morresse  
teu amor, por amor de ti, igualmente,  
matará outro amor mais verdadeiro:  
e, assim, tu ficarás, decerto, cúmplice  
na morte de ambos.

ANA · Conhecer quisera  
como é esse coração.

GLOSTER · Na língua o trago.

ANA · Tenho receio que ambos sejam falsos.

GLOSTER · Então, ninguém jamais disse a verdade.

ANA · Está bem, está bem; guardai a espada.

GLOSTER · Estamos, pois, em paz?

ANA · Depois vereis.

GLOSTER · Posso ter esperanças?

ANA · Quem tem vida

sempre espera, é ditado muito certo.

GLOSTER · Ficai, pois, com este anel de minha parte.

ANA · Aceitar não é dar.

*(Coloca o anel no dedo.)*

GLOSTER · Vê como o anel o dedo te circunda:  
assim teu peito faz com meu sofrido  
coração. Usa os dois, que te pertencem.

E se este servo fiel pode uma graça  
solicitar de tua mão graciosa,  
confirma para sempre esta ventura.

ANA · De que se trata?

GLOSTER · Deixar este dever dorido e triste  
para quem tem mais causa de tristeza  
e ir para Crosby-place sem demora,  
onde, depois de eu ter solenemente  
feito baixar à terra, no mosteiro  
de Chertsey, este nobre soberano,  
e lavado seu túmulo com lágrimas  
de meu pesar sincero, in continenti  
vos apresentarei meus cumprimentos.

Por diversos motivos ainda ocultos  
concedei-me essa graça, vos suplico.

ANA · De todo coração. Muito me alegra  
ter visto que ficastes penitente.

Vinde comigo, Berkeley e Tressel.

GLOSTER · Dizei-me adeus.

ANA · Não merecis tal coisa.

Mas já que me ensinastes a adular-vos,  
pensai que já vos tenha dito adeus.

*(Saem Lady Ana, Tressel e Berkeley.)*

GLOSTER · Senhores, carregai de novo o corpo.

GENTIL-HOMEM · Para Chertsey, milorde?

GLOSTER ·

Não, para White-Friars; lá me aguardareis.

*(Saem todos, menos Gloucester.)*

Já houve, acaso, mulher, em todo o mundo,  
que fosse cortejada desse modo?

Já houve mulher que assim ficasse noiva?

Vai ser minha, mas não por muito tempo.

Já se viu coisa igual? Matei-lhe o esposo,  
matei-lhe o sogro, apanho-a no momento  
do ódio mais acirrado, quando a boca  
de maldições estava transbordante,  
de lágrimas os olhos, e, ao seu lado,  
sangrando, a causa do seu ódio imenso:  
tendo Deus contra mim, sua consciência  
e este ataúde, sem que do meu lado

ninguém viesse o pedido reforçar-me;  
contando apenas com o favor do diabo,  
com olhares fingidos... e, no entanto,  
conquistá-la! Isso é o mundo contra nada!  
Ah!

Já se esqueceu, talvez, do bravo Príncipe  
Eduardo, seu marido, que, furioso,  
eu próprio apunhalei não há três meses,  
em Tewksbury? Um mais doce gentil-homem  
do que ele, mais amável, resultante  
da natureza pródiga, valente,  
sábio e moço, real em toda a linha,  
não poderá mostrar o vasto mundo.  
Baixará para mim, agora, os olhos  
tendo sido eu o ceifador das áureas  
primícias desse príncipe adorável,  
eu, que a joguei ao leito doloroso  
da viuvez? Eu, que valho muito menos

da metade de Eduardo? Eu, que sou coxo,  
disforme deste jeito? Meu ducado  
contra o vintém de um pobre: mas até hoje  
eu andava iludido a meu respeito.  
Por minha vida, embora eu não concorde,  
pareço encantador aos olhos dela.  
Vou tratar de adquirir um bom espelho  
e de pagar uma vintena ou duas  
de alfaiates que cuidem da maneira  
de me adornar o corpo. Já que tanto  
subi no meu conceito, vou mantê-lo  
com pequena despesa. Mas primeiro  
porei na sepultura aquele gajo,  
para depois voltar a lamentar-me  
junto do meu amor. Sol admirável,  
brilha até que eu adquira um bom espelho  
para eu ver com que monstro eu me assemelho.

(*Sai.*)

## Ato I • Cena III

*Londres. Um quarto no palácio.*

*Entram a Rainha Elisabete, Lorde Rivers e Lorde Grey.*

**RIVERS** • Minha senhora, calma! Sua Graça  
ficará bom, de novo, em pouco tempo.

**GREY** • Calma, senhora! Vosso desespero  
deixa-o pior. Por isso, sede forte.

Tende confiança em Deus, reconfortando  
Sua Graça com modos mais alegres.

**RAINHA ELISABETE** •

Se ele vier a morrer, como é que eu fico?

**GREY** • Perdereis tão-somente tal esposo.

**RAINHA ELISABETE** •

A morte desse esposo é total perda.

**GREY** • O céu vos abençoou com um bravo filho,  
para que na viuvez vos consolasse.

**RAINHA ELISABETE** •

Ah! Mas é muito criança e está confiada  
sua minoridade inexperiente  
a Ricardo de Gloster, que, é sabido,  
me vota, e a todos vós, ódio de morte.

**RIVERS** • Vai ser ele, de fato, o protetor?

**RAINHA ELISABETE** •

Foi indicado, apenas; mas no caso  
de falecer o rei, será nomeado.

(*Entram Buckingham e Stanley.*)

**GREY** • Lordes de Buckingham e Stanley chegam.

**BUCKINGHAM** • Muito bom dia a Vossa Real Graça!

**STANLEY** • Alegre Deus a Vossa Majestade  
como nos dias idos!

**RAINHA ELISABETE** • A Condessa  
de Richmond, meu bondoso Lorde Stanley,  
decerto não diria Amém ao vosso  
cumprimento amistoso. Mas, conquanto  
seja ela vossa esposa, caro Stanley,  
e não me ame, podeis, bondoso lorde,  
ficar certo de que eu não vos odeio  
por sua insuportável arrogância.

**STANLEY** •

Suplico-vos não dardes nenhum crédito  
à calúnia invejosa de seus falsos  
acusadores. Mas, se porventura  
for acusada com alguma base,  
considerai, vos peço, essa fraqueza  
como produto dos achaques dela  
e não como produto de malícia.

**RAINHA ELISABETE** •

Vistes hoje o monarca, Lorde Stanley?

**STANLEY** • Eu e o Duque de Buckingham estamos  
vindo de visitar Sua Majestade.

**RAINHA ELISABETE** •

Notastes nele indícios de melhora?

**BUCKINGHAM** · Há muitas esperanças; Sua Graça discorre alegremente.

**RAINHA ELISABETE** · A Deus proveira deixá-lo com saúde! E lhe falastes?

**BUCKINGHAM** · Sim, senhora; deseja fazer pazes entre o Duque de Gloster e milordes vossos irmãos, e entre estes e milorde camareiro. Com esse pio intento à sua real presença a todos chama.

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh, se isso acontecesse! Mas não creio; é impossível. Receio que já esteja nossa felicidade no declínio.

*(Entram Gloster, Hastings e Dorset.)*

**GLOSTER** · Ofendem-me; não posso suportá-lo.

Quem são os que se queixam junto ao rei de que eu — vejam só isto! — sou severo, que amor não lhes dedico? Por São Paulo, é preciso amar pouco a Sua Graça, para as onças lhe encherem com rumores. Porque adular não sei, nem falar muito, rir na face dos homens, alisá-los ludibriá-los, fazer-lhes reverências à francesa, tal qual momo ensinado, passo por inimigo rancoroso.

Viver não pode alguém de gênio simples, alheio a qualquer mal, sem que lhe sejam torcidos os intentos generosos

por qualquer João meloso, astuto e hipócrita?

**GREY** · A quem, dentre os presentes, se refere Vossa Graça?

**GLOSTER** · É a ti mesmo, que careces de honestidade e graça. Quando, acaso, te fiz alguma ofensa, ou fui injusto?

Ou a ti? Ou a ti? Ou a algum do vosso bando?

A peste em todos! Sua Real Graça — Deus o conserve além de vosso gosto — não pode respirar um só momento, sem com queixas idiotas o inquietardes.

**RAINHA ELISABETE** ·

Alterais, mano Gloster, esse assunto.

Por sua real disposição, Sua Graça, sem ser solicitado por estranhos, vosso ódio interior talvez visando, ódio que transparece em vosso todo, contra meus filhos, meus irmãos e eu própria, mandou chamar-vos, porque saber possa

qual é o motivo dessa mal-querença e, esclarecido o fato, removê-lo.

**GLOSTER** · Não sei dizê-lo; o mundo piorou tanto, que a carriça se atreve onde a própria água mal ousa debicar. Desde que todos os joãos-ninguém ficaram gentis-homens, virou muito fidalgo um joão-ninguém.

**RAINHA ELISABETE** ·

Está bem, mano Gloster; nós sabemos perfeitamente o que visais com isso. Invejais minha dita e a de meus manos. Deus queira que nós nunca precisemos de vós em coisa alguma.

**GLOSTER** · Pois Deus queira que nós de vós a precisar venhamos. Por tricas vossas nosso irmão foi preso; no desagrado eu me acho; os nobres todos desprezados se vêem, enquanto grandes prêmios são diariamente conferidos a pessoas que apenas há dois dias não valiam sequer um simples nobre.

**RAINHA ELISABETE** ·

Pelo que me elevou de minha humilde felicidade à altura em que me encontro, jamais espicacei Sua Majestade contra Clarence. Muito longe disso: eu sou a que falei a favor dele, sempre com muito empenho. Injuriais-me, milorde, por maneira vergonhosa, contra mim levantando essas suspeitas.

**GLOSTER** · Podeis negar a vossa conivência na recente prisão de milorde Hastings?

**RIVERS** · Ela pode, milorde, que...

**GLOSTER** · Ela pode,

Lorde Rivers! Ora essa! Quem o ignora?

Ela pode, senhor, fazer mais que isso: colocar-vos em cargos mais rendosos, para depois negar que houvesse tido qualquer influência, atribuindo todas as honras tão-somente ao vosso mérito.

O que é que ela não pode? Ora, ela pode...

Sim, poderia, acaso... poderia...

**RIVERS** · Que poderia, acaso?

**GLOSTER** · Poderia casar com um rei solteiro, um rapazola de aparência agradável. Pior negócio fez vossa avó, tenho certeza disso.

**RAINHA ELISABETE** ·

Há muito tempo já milorde Gloster, venho agüentando vossas grosserias e pesados gracejos. Mas por tudo quanto há de mais sagrado, estou disposta, desta vez, a contar a Sua Graça quantos rudes sarcasmos tenho ouvido. Preferia viver como uma simples campônia, a ser rainha e majestade, para ser assaltada desse jeito, pisada e escarnecida. Muito poucas alegrias, de fato, me tocaram desde que eu sou Rainha da Inglaterra.

*(Aparece no fundo a Rainha Margarida.)*

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* ·

Diminui ainda mais essas pequenas alegrias, Oh Deus, é o que eu te peço! Tudo me debes: honra, estado e trono.

**GLOSTER** · Como! Ameaçais-me de contar ao rei?

Contai-lhe tudo, sem vos esquecerdes de coisa alguma. Olhai: quanto vos disse, na presença do rei vou confirmá-lo.

Desta arte arrisco ser mandado preso para a Torre; mas urge que alguém fale. Meus serviços estão quase esquecidos.

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* ·

Fora, demônio! Tenho-os na memória: na Torre assassinaste meu marido, meu Henrique; em Tewksbury, meu Eduardo por ti também veio a perder a vida.

**GLOSTER** · Antes de terdes vindo a ser rainha, ou o vosso esposo rei, eu era o burro de carga de seus múltiplos negócios, o destruidor de seus inumeráveis adversários; era eu que seus amigos com bolsa liberal recompensava.

Cheguei mesmo a verter o próprio sangue para o seu deixar real.

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* · Sim, derramaste sangue muito mais nobre do que o de ambos.

**GLOSTER** · Todo esse tempo, vós e vosso esposo Grey contra a casa de Lencastre estáveis.

E vós, Rivers, também. Vosso marido não morreu, porventura, na batalha de Santo Albano, ao lado dos adeptos de Margarida? Vejo-me forçado a vos fazer lembrada dessas coisas,

o que éreis antes e o que sois agora; bem como eu: quanto fui e como me acho.

**RAINHA ELISABETE** *(à parte)* ·

Um vilão assassino é o que és ainda.

**GLOSTER** ·

O bom Clarence não deixou o pai Warwick, tornando-se perjuro?... Que Jesus lhe perdoe esse passo!...

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* · Deus o puna!

**GLOSTER** · ... para lutar ao lado de Eduardo na conquista do trono? A recompensa foi ter sido o coitado encarcerado.

Quem me dera que me houvesse Deus provido de um coração de pedra, ou que tivesse feito o de Eduardo como o meu: suave e inclinado à piedade. Sou inocente por demais, e infantil, para este mundo.

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* ·

Então vai para o inferno e deixa o mundo, cacodemônio! É lá que tens o reino.

**RIVERS** · Naqueles dias tumultuosos, Lorde de Gloster, que citais com tanto empenho, para provar a nossa inimizade, nós seguíamos nosso soberano legítimo, tal como hoje o faríamos convosco, se chegásseis a ser rei.

**GLOSTER** · Se eu chegasse a ser rei? Antes mascate! Longe do coração tal pensamento!

**RAINHA ELISABETE** ·

Pela pouca alegria, Lorde Gloster que imaginais vos tocaria em sorte no caso de reinardes, é possível fazerdes uma idéia de quão pouca devo eu sentir depois de ser rainha.

**RAINHA MARGARIDA** *(à parte)* ·

Tão pouco quanto goza a verdadeira rainha, que sou eu, inteiramente privada de alegria. Mas não posso sopear a paciência por mais tempo.

*(Avançando.)*

Escutai-me, piratas querelantes, que discordais na divisão de quanto me foi roubado. Qual de vós não treme só de me olhar? Se como soberana não vos dobro, tal como cumpre a súditos, tremer vos faço como a rebelados? O meu caro vilão! não te escapulas.

**GLOSTER** · Que vens fazer de novo em minha frente, bruxa louca e enrugada?

**RAINHA MARGARIDA** · Repetir-te a história dos teus crimes; vou contá-la antes de te deixar.

**GLOSTER** · Sob pena, acaso, de morte não te encontras exilada?

**RAINHA MARGARIDA** ·

Sim, mas achei o exílio mais penoso de quanto possa a morte aqui aprestar-me. Um esposo me debes e um filho; debes-me um reino. E vós aí, deveis-me fidelidade. Esta tristeza imensa, por direito a só vós é que tocara, e a mim vossos prazeres usurpados.

**GLOSTER** · A maldição que te lançou meu pai, quando a fronte guerreira lhe coroaste com papel, quando, à força de sarcasmos, o fizeste verter rios de lágrimas e, para os olhos enxugar, ao duque deste um lenço molhado no inocente sangue do meigo Rutland: as palavras de maldição que sua alma amargurada te lançou, ora sobre ti caíram.

Não somos nós, é Deus que te castiga.

**RAINHA ELISABETE** ·

Sim, Deus é justo e protege os inocentes.

**HASTINGS** · Oh, pode haver ação mais sanguinária do que a morte daquele inocentinho?

Jamais se ouviu falar em tal barbárie.

**RIVERS** · Até os próprios tiranos derramaram lágrimas, ao ouvir contar o caso.

**DORSET** · Não houve quem vingança não previsse.

**BUCKINGHAM** ·

Northumberland chorou, vendo o homicídio.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Mas que acontece! Antes de minha vinda, rosnáveis, prontos a vos atracardes pelo pescoço, e agora todo esse ódio virastes contra mim? Teve tal força no céu a maldição terrível de York, que o trespasse de Henrique e o do adorável Eduardo, a usurpação brutal do reino, meu banimento odioso prevaleçam em confronto com a perda de um fedelho? Conseguem maldições cortar as nuvens e ao céu chegar? Então, nuvens pesadas,

abri caminho para as minhas rápidas maldições! Se não vier o vosso chefe a falecer na guerra, que se extinga pela devassidão, tal como o nosso pelo assassinio, para dar-lhe o trono. Possa teu filho Eduardo, que ora é Príncipe de Gales, por Eduardo, que foi Príncipe de Gales, meu filhinho, prematuro como este, perecer pela violência! És rainha; rainha também fui: possas sobreviver à tua glória na miséria em que a minha eu sobrevivo. Vive bastante, para lastimares a perda de teus filhos, para veres outra mulher, tal como ora eu te vejo, na posse dos teus títulos, do mesmo modo que ora me fazes. Que muito antes de ti morram teus dias de alegria; e após compridas horas de amargura, morras, por fim, sem seres nem esposa, nem mãe, nem mais rainha da Inglaterra! Rivers e Dorset, ambos vos acháveis presentes — como vós, também Lorde Hastings — quando foi transpassado o meu filhinho por punhais sanguinários. Deus, suplico que nenhum de vós viva o normal curso da natureza, mas, antes do tempo, pereçais por qualquer caso imprevisto!

**GLOSTER** · Chegaste ao fim dos teus encantamentos, bruxa enrugada?

**RAINHA MARGARIDA** · E ficarias fora? Espera aí, cachorro, que hás de ouvir-me. Se o céu guardar alguma peste estranha, que exceda a tudo quanto eu te pudesse desejar, oh! retenha-a até que fiquem maduros teus pecados indizíveis, para atirar-te a tua indignação, perturbador da paz do pobre mundo. Roa-te o peito o verme do remorso! Que por traidores tenhas os amigos; enquanto fores vivo, e dos traidores faças os teus amigos mais chegados. Que o sono jamais pouse nesses olhos assassinos, a menos que terríveis pesadelos te oprimam nessas horas com legiões de demônios horrorosos.

Monstro marcado, cerdo imundo, aborto  
que assinalado foste ao nascimento  
como filho do inferno e baixo escravo  
da natureza! Oh tu, caluniador  
do ventre de tua mãe, Oh detestável  
produto, e infame, dos paternos lombos,  
farrapo da honra, desprezível, ouve...

**GLOSTER** · Margarida!

**RAINHA MARGARIDA** · ... Ricardo!

**GLOSTER** · Aqui presente!

**RAINHA MARGARIDA** ·

Não te chamei.

**GLOSTER** · Então peço desculpas,  
porque pensei que o tinhas feito, logo  
depois de me jogares esses nomes.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Foi o que fiz; mas não pedi resposta.

Mas deixai-me acabar a maldição.

**GLOSTER** · Já está feito; termina em “Margarida”.

**RAINHA ELISABETE** ·

Assim, amaldiçoastes a vós mesma.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Rainha rebocada, estulta efigie  
do que foi minha dita, por que lanças  
açúcar sobre a aranha barriguda  
cuja teia mortal já te asfixia?

Louca! Tu própria estás afiando a faca  
que te vai dar a morte. Há de haver dia  
em que anseies por mim para ensinar-te  
como lançar as maldições mais raras  
neste sapo nocivo e deformado.

**HASTINGS** · Acaba, falsa profetisa, com essas  
maldições de maníaca. Não queiras  
cansar-nos a paciência, em teu prejuízo.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Envergonhai-vos todos, por me terdes  
atribulado tanto a paciência.

**RIVERS** · Se aceitásseis conselhos, saberíeis  
qual é o vosso dever.

**RAINHA MARGARIDA** · O mais sensato  
conselho é que homenagem me presteis.

Oh! Ensinai-me a ser vossa rainha,  
vós, meus vassalos. Oh! Aconselhai-me  
desse jeito e aprendei vosso dever!

**DORSET** · Não discutais com ela; está demente.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Mestre marquês, silêncio! Sois confiado  
por demais. Vosso título honorífico

emitido de pouco ainda não corre.

Oh! Se pudesse essa nobreza jovem  
ter consciência do que é vir a perder-se  
e ficar miserável! Os que se acham  
no alto suportam muitas tempestades;  
ao cáfrem, reduzem-se a pedaços.

**GLOSTER** · Excelente conselho, pelo demo!  
Tomai nota, marquês.

**DORSET** · Ele se aplica  
tanto a mim quanto a vós, milorde Gloster.

**GLOSTER** · Sim, mais ainda; mas nasci muito alto.  
Nossos filhotes de águia são criados  
nos cedros mais altivos; não se importam  
com os ventos e do sol não fazem conta.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Fazem sombra até ao sol! Ah! muito certo!

Haja vista meu filho, ora na sombra  
da morte, cujos raios resplendentes  
tua sombria cólera de pronto  
mergulhou na caligem sempiterna.

No nosso ninho de águias foi que os vossos  
filhotes se criaram. Não consintas,  
Deus, em tal coisa! Nada se te oculta.

Dá que venha a extinguir-se pelo sangue  
quanto foi conquistado pelo crime!

**BUCKINGHAM** · Calma, por caridade! Ficai quieta!  
Envergonhai-vos disso!

**RAINHA MARGARIDA** · Nem vergonha  
nem caridade deve vir à baila.

Sem caridade todos procedestes  
e asfixiastes as minhas esperanças.

Vergonha é a minha vida e afronta a minha  
caridade. Ainda vive toda a cólera  
da minha dor nessa vergonha imensa.

**BUCKINGHAM** · Acabai! Acabai!

**RAINHA MARGARIDA** ·

Oh nobre Buckingham, as mãos te beijo,  
como sinal de aliança e de amizade.

Sejas feliz com tua nobre casa.

Não estão tuas vestes salpicadas  
com nosso sangue, nem te encontras dentro  
do círculo de minhas maldições.

**BUCKINGHAM** ·

Nem nenhum dos presentes; nunca passam  
as maldições dos lábios que as proferem.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Não; creio que até ao céu elas se elevam

e a Deus despertam de seu sono plácido.  
Oh Buckingham! Cautela com esse cão!  
Quando ele adula, morde; e quando morde,  
seu dente venenoso a morte causa.

Assinalaram-no o pecado e a morte;  
marcou-o o inferno, e seus ministros todos  
lhe vão no rasto e como a chefe o servem.

**GLOSTER** · Que diz essa mulher, milorde  
Buckingham?

**BUCKINGHAM** ·

Nada que eu preze, meu gracioso lorde.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Como! Ainda zombas de meu bom conselho  
e afigas o demônio de que eu tanto  
te queria livrar? Oh, não te esqueças  
do que se está passando, quando as mágoas  
o coração te houverem triturado.  
Então dirás que a pobre Margarida  
foi boa profetisa. Que em futuro  
passeis a ser o objeto de seu ódio,  
ele do vosso, e todos do de Deus.

(*Sai.*)

**HASTINGS** · Só de ouvi-la, os cabelos se me eriçam.

**RIVERS** ·

E os meus também; não sei como anda solta.

**GLOSTER** · Tem razão. Pela santa mãe de Deus,  
sofreu demais. Eu próprio me arrependo  
de ter causado a ela desventura.

**RAINHA ELISABETE** ·

Que eu saiba, não lhe dei nenhum desgosto.

**GLOSTER** · Mas ficastes com todas as vantagens  
do mal que lhe fizeram. Fui ardente  
por demais ao pensar no bem dos outros,  
que hoje recordam disso friamente.

É o que se está passando com Clarence;  
por se ter esforçado, está engordando  
num chiqueiro: foi boa a recompensa.

Deus perdoe aos que têm culpa no caso.

**RIVERS** · Eis uma conclusão cristã e virtuosa,  
pedir o bem dos que nos são nocivos.

**GLOSTER** ·

Sempre procedo assim. (*À parte.*) Por ser ladino;  
que, do contrário, eu me amaldiçoaria.

(*Entra Catesby.*)

**CATESBY** ·

Senhora, o rei vos chama, e a Vossa Graça

também, e a todos vós, meus nobres lordes.

**RAINHA ELISABETE** ·

Catesby, não demoro. Vindes, lordes?

**RIVERS** · Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(*Saem todos, com exceção de Gloster.*)

**GLOSTER** ·

Promovo uma desgraça e sou o primeiro  
a levantar o alarma. Sobre os outros  
faço pesar o alarma dos malfeitos  
que eu próprio ocasionei. Assim, Clarence,  
por minha instigação, se acha no escuro,  
mas lhe choro o destino, quando em frente  
desses simplórios: Hastings, Stanley, Buckingham,  
e digo que a rainha e os do seu grupo  
são os que o rei atiram contra o duque,  
meu irmão. Eles todos acreditam  
no que eu afirmo e a me vingar concitam-me  
de Grey, Rivers e Vaughan. Nessa altura  
lhes cito a Bíblia, suspirando fundo,  
que o mal com o bem retribuir nos manda:  
é a palavra de Deus. Dessa maneira,  
visto a minha despida vilania  
com farrapos sedições da Escritura.  
Pareço um santo, quando sou o diabo.

(*Entram dois assassinos.*)

Devagar! Eis os meus executores!

Então, meus camaradas destemidos,  
dispostos e valentes, estais mesmo  
resolvidos a dar remate à coisa?

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Estamos, sim, milorde; só nos falta  
receber a ordem que nos facilite  
penetrar no local em que ele se acha.

**GLOSTER** · Foi bem pensado: tenho-a aqui comigo.

(*Dá-lhes uma autorização escrita.*)

Depois de tudo feito, voltai para  
Crosby-place. Porém, meus camaradas,  
sede prontos na ação. Além de duros,  
não lhe atendaís às súplicas. Clarence  
tem lábia e poderá vir a abalar-vos  
o coração, se ouvido lhe prestardes.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Ora, milorde! Nós não perderemos  
tempo com muita prosa. Os faladores  
são maus executores. Ficai certo:

vamos usar os braços, não a língua.

**GLOSTER** ·

Chorais pedra de moinho, enquanto os bobos choram apenas lágrimas. Agrado-me,

rapazes, de vós ambos. Mas, depressa!

Despachai-vos!

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Pois não, meu nobre lorde.  
(*Saem.*)

## Ato I · Cena IV

*O mesmo. A Torre.*

*Entram Clarence e Brakenbury.*

**BRAKENBURY** ·

Por que está Sua Graça hoje tão triste?

**CLARENCE** · Oh! Passei uma noite miserável, cheia de visões lúgubres e horríveis pesadelos. Por minha fé cristã, noite igual não desejo, nem que seja para comprar um mundo de bons dias, tal o pavor sentido nessas horas.

**BRAKENBURY** · Que sonhastes, milorde? Revelai-mo.

**CLARENCE** · Pareceu-me estar já fora da Torre, a bordo de um navio que singrava para Borgonha, onde também se achava meu mano Gloster, que com seus conselhos me fez sair do camarote, para passear pelo convés. De lá nós víamos a Inglaterra e lembravam-nos os tempos tão difíceis que tínhamos passado durante a guerra de York e de Lencastre. Ao passarmos por sobre a ponte móvel, pareceu-me que Gloster tropeçara; na queda, me jogou, quando eu tentava segurá-lo, por cima da amurada, nas agitadas ondas do oceano.

Oh Deus! como é dorida a morte na água! Que cachoeira medonha nos ouvidos, que de visões terríveis ante os olhos! Pareceu-me estar vendo mil naufrágios; entre cadáveres por peixes roídos, em meio a barras de ouro e grandes âncoras, espalhavam-se pedras preciosas, jóias de alto valor, montões de pérolas, pelo fundo do mar. Umás se achavam nas cabeças dos mortos; e nas órbitas onde outrora brilharam vivos olhos, como em mofa a eles próprios, se insinuaram

belas gemas que o limo do oceano namoravam, sem ver os mortos ossos esparsos em redor inumeráveis.

**BRAKENBURY** ·

No instante de morrer tivestes tempo de surpreender o abismo e seus segredos?

**CLARENCE** · Pareceu-me que sim. Por várias vezes quis exalar o espírito, mas vinha sempre uma onda invejosa a alma deter-me, não consentindo que saísse e fosse procurar o ar vazio, imenso e livre, e a tal ponto no corpo a comprimia que este quase estourava, pelo esforço de cuspi-la nas ondas do mar fundo.

**BRAKENBURY** · E não vos despertou tanta agonia?

**CLARENCE** · Não; foi além da vida o sonho horrível. Foi só então que teve início na alma, de fato, a tempestade. Pareceu-me ter passado a corrente melancólica com o terrível arrais que os poetas cantam e alcançado a região da noite eterna. O primeiro a saudar a alma estrangeira foi meu sogro eminente, o famoso Warwick, que a gritar começou: “Qual o castigo para o perjúrio que esta monarquia sinistra inventar pode para o falso Clarence?” Após falar, sumiu-se a sombra. Depois veio outra, semelhante a um anjo, de cabeleira clara, toda suja de sangue coagulado, que em voz alta começou de dizer: “Clarence veio, Clarence o falso, o trânsfuga, o perjuro, que me matou no campo de Tewksbury! Prendei-o, Fúrias! A ele! Atormentai-o!” Quis parecer-me, então, que um bando enorme de demônios hediondos me cercavam, gritando-me aos ouvidos tais horrores que, com o barulho, despertei tremendo, por algum tempo, ainda, acreditando

que me achava no inferno, tão horrível foi a impressão que me ficou do sonho.

**BRAKENBURY** · Não admira, milorde, que tivésseis ficado horrorizado. Só de ouvir-vos, me sinto dominado pelo medo.

**CLARENCE** · Oh Brakenbury, todas essas coisas que ora me pesam na alma atribulada, eu as fiz por amor tão-só de Eduardo.

E vede a recompensa! Oh Deus, se as minhas orações mais sentidas forem fracas para te comover, e se quiseres

castigar-me por todos esses crimes,

que em mim, somente, caia a tua cólera!

Poupa-me os filhos, poupa-me a consorte,

que não têm culpa alguma! Carcereiro,

suplico-te, não saias do meu lado;

tenho a alma carregada e estou com sono.

**BRAKENBURY** ·

Pois não, milorde. Deus vos dê bom sono.

*(Clarence adormece.)*

O cuidado transtorna as horas de ócio e as próprias estações, mudando a noite em manhã clara e em noite o meio-dia.

Os reis não têm mais glória do que o título, honras externas por infundadas dores.

Por imaginações, apenas ganham, muitas vezes, um mundo de cuidados.

Seus altos nomes e os do povo, em nada se distinguem, senão pela fachada.

*(Entram os dois assassinos.)*

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Oh! Quem está aí?

**BRAKENBURY** · Oh camarada, que desejas? Como conseguiste entrar?

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Desejo falar com Clarence e vim por minhas pernas.

**BRAKENBURY** · Assim! Tão lacônico!

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

É melhor isso do que ser tedioso.

Mostra-lhe a nossa comissão, e pronto!

*(Entregam um papel a Brakenbury, que o lê.)*

**BRAKENBURY** · Esse papel me ordena de entregar-vos em mãos o nobre Duque de Clarence.

Não desejo saber o que ele implica,

pois inocente quero conservar-me

quanto ao que ele sugere. Eis ali o duque;

está dormindo, e as chaves aqui as tendes.

Vou procurar o rei para dizer-lhe

que em vós eu resignei minhas funções.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Podeis ir, meu senhor; mostrai com isso que sois sabido. Passai bem.

*(Sai Brakenbury.)*

**SEGUNDO ASSASSINO** · Como! Devemos apunhalá-lo, enquanto está dormindo?

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Não, que, ao despertar, poderá dizer que procedemos como covardes.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Ao despertar, louco! Ele só vai despertar no dia do Juízo Final.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Pois é isso mesmo; então, ele dirá que o apunhalamos durante o sono.

**SEGUNDO ASSASSINO** · A palavra "Juízo Final" despertou dentro de mim uma espécie de remorso.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Como! Estás com medo?

**SEGUNDO ASSASSINO** · Não de matá-lo, porque tenho autorização para isso; mas de ser condenado às penas eternas por o ter feito, que disse não há autorização que me livre.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Pensei que estivesse resolvido.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Sim, estou resolvido a deixá-lo viver.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Vou procurar de novo o Duque de Gloster, para contar-lhe isso.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Não, não; demora um pouco; espero que desapareça logo esta minha disposição pacífica. Em geral, essas coisas só duram o tempo de a gente contar até vinte.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Como te sentes agora?

**SEGUNDO ASSASSINO** · Ainda percebo no meu íntimo algumas borras e consciência.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Lembra-te da nossa recompensa, depois de liquidado o caso.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Com a breca! Vai morrer; tinha-me esquecido da recompensa.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Onde se encontra agora a tua consciência?

**SEGUNDO ASSASSINO** · Na bolsa do Duque de Gloster.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Desse jeito, quando ele abrir a bolsa para nos dar a recompensa, a tua consciência escapa.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Não importa; que escape. Pouca gente, ou mesmo ninguém cuidará dela.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · E se voltar?

**SEGUNDO ASSASSINO** · Não me meterei com ela. É uma coisa perigosa, a consciência; deixa a gente covarde. Um indivíduo não pode roubar coisa

alguma, sem que ela o acuse; não pode blasfemar, sem que ela o contenha; não pode deitar-se com a mulher do vizinho, sem que o denuncie: é um espírito tímido e envergonhado, que promove revolta no coração da gente e levanta obstáculos a toda hora. De uma feita obrigou-me a restituir uma bolsa de ouro que eu havia encontrado. Quem lhe dá guarida vira mendigo; expulsam-na das cidades e dos burgos, com coisa perigosa; e quem quer que deseje viver bem, trata de confiar apenas em si próprio e de passar sem ela.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Com os diabos! Sinto-a neste momento aqui no cotovelo, a persuadir-me de que não mate o duque.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Firma no espírito o diabo e não lhe dê crédito; o que ela deseja, insinuando-se-te, desse modo, no ânimo, é que te ponhas a suspirar.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Não adianta; tenho uma natureza forte; comigo ela não arranjará nada.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Isso é que é fala de quem presa a reputação própria. Como é, começamos o trabalho?

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Arruma-lhe uma pancada no coco com o punho da espada, e depois o joga no barril de malvasia que se acha no quarto vizinho.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Ótimo conselho! Faremos uma sopa dele.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Devagar! Está acordando.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Dá logo a pancada!

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Não; primeiro vamos conversar com ele.

**CLARENCE** · Guarda, onde estás? Dá-me um copo de vinho.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Não falta muito, milorde, para terdes vinho à vontade.

**CLARENCE** · Em nome de Deus, quem és?

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Um homem, como vós.

**CLARENCE** · Mas não sois como eu, de condição real.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Nem vós sois como nós, de condição leal.

**CLARENCE** · Tens a voz de trovão, mas o olhar é humilde.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Neste momento a minha voz é a do rei e o olhar é meu mesmo.

**CLARENCE** · Que fala escura, que mortais palavras! Esses olhos me ameaçam. Que se passa convosco? Por que estais assim tão pálido?

Quem vos mandou? Por que motivo viestes?

**AMBOS OS ASSASSINOS** · Para... para...

**CLARENCE** · Para matar-me?

**AMBOS OS ASSASSINOS** · Sim.

**CLARENCE** · Falta-vos ânimo

sequer para dizerdes o a que viestes; não heis de tê-lo para pô-lo em prática.

Em que vos ofendi, caros amigos?

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

A nós, em nada; mas ao soberano.

**CLARENCE** · Farei as pazes com ele novamente.

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

Jamais, milorde. É tempo: preparai-vos.

**CLARENCE** · Escolheram-vos entre tantos homens para dardes a morte a um inocente?

Qual é o meu crime? Qual a testemunha

que me acusa? Quais foram os jurados

que se manifestaram legalmente

diante de um magistrado rigoroso?

Quem pronunciou o amargo veredicto

para a morte do mísero Clarence?

É cometer iniquidade, à morte

me condenar sem ser a lei ouvida.

Eu vos suplico, pois, por vossa crença

na salvação obtida pelo sangue

de Cristo, derramado por nós todos,

que vos retireis logo, sem tocar-me.

É condenável o ato que intentastes.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

O que vamos fazer é por mandado.

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

Foi o rei que para isto nos deu ordens.

**CLARENCE** · Oh vassalos transviados e iludidos!

O grande Rei dos reis, na sua tábua

das leis expressamente vos ordena:

Não matarás! Quereis zombar agora,

de seu edito santo, para as ordens

obedecer de um homem? Sede cautos,

que nas mãos ele tem sempre o castigo,

para atirá-lo sobre os transgressores.

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

E esse mesmo castigo ele te joga,

por teres sido criminoso e falso.

Tomaste o sacramento para a causa

defenderes da casa de Lencastre.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Como traidor, quebraste o juramento

de Deus, e com essa lâmina traidora  
ao filho de teu rei furaste as tripas.

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

Que a defender te achavas obrigado  
pelo teu juramento.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Como podes  
ameaçar-nos, então, com a lei divina,  
se a tal ponto perjuro te tornaste?

**CLARENCE** · Ah! Por quem cometi tantas vilezas?  
Por meu irmão Eduardo. Não posso isso,  
decerto, ele mandou que me matásseis,  
que esse crime em nós dois pesa igualmente.

Se Deus quiser a falta castigar-me,  
ficai sabendo, a pena será pública.

Não lhe tireis a causa da mão forte,  
que ele não necessita de processos

indiretos ou contra as leis eternas  
para o aniquilamento dos culpados.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Quem, pois te fez seu sanguinário agente,  
quando mataste aquele meigo broto  
que em beleza crescia, o bravo Príncipe  
Plantageneta?

**CLARENCE** · O amor que então eu tinha  
a meu irmão, o diabo e minha cólera.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Pois esse mesmo amor, teu próprio crime,  
nosso dever é que ora nos instigam  
a te tirar a vida.

**CLARENCE** · Se amor tendes  
a meu irmão, não me odiais por isso.

Sou seu irmão e lhe dedico amor.

Se vos foi prometido recompensa,  
voltai, que eu vos envio ao mano Gloster

que pela minha vida melhor paga  
vos há dar do que pela notícia  
da minha morte vos daria Eduardo.

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

Nisso vos enganais: vosso irmão Gloster  
vos odeia.

**CLARENCE** · Impossível! Ele me ama,  
tem-me grande afeição. Ide falar-lhe.

**AMBOS OS ASSASSINOS** ·

É o que faremos logo.

**CLARENCE** · Sim, dizei-lhe  
que no dia em que o nosso real pai York  
abençoou os três filhos com seu braço

vitorioso, incitando-nos a amarmo-nos  
mutuamente, de leve não pensava

que essa amizade a se partir viesse.

Se relembardes tudo isso a Gloster  
ele há de chorar lágrimas sinceras.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Chorará, mas é pedra, tal como ele  
nos ensinou.

**CLARENCE** · Oh! Não sejais injustos,  
caluniando-o, pois Gloster é bondoso,

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Certo,  
como neve na ceifa. Tu te enganas;  
ele é que nos mandou matar-te.

**CLARENCE** · Não pode ser! Nos braços apertou-me,  
lastimando-me a sorte e, entre soluços,  
jurou tudo fazer por libertar-me.

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

É o que ele ora pretende, libertando-vos  
da servidão terrena, para dar-vos  
as ditas celestiais.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Reconciliai-vos  
com Deus, milorde, que a hora está chegada.

**CLARENCE** · Abrigas na alma tão piedoso instinto  
para me aconselhares desse modo,

e tão cego te mostras no que toca  
à tua própria alma, que de Deus te afastas,  
procurando matar-me? Oh, meus senhores,

considerai que quem vos deu tal cargo,  
ódio vos votará depois do feito.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Que faremos?

**CLARENCE** · Mostrai-vos compassivos,  
para que a alma salveis.

**PRIMEIRO ASSASSINO** · Nós, compassivos?  
Isto é para mulheres e maricas.

**CLARENCE** · Não revelar piedade é ser selvagem.  
diabólico, bestial. Se fôsseis filho

de príncipe e, como eu, neste momento,  
da bela luz privados vos achásseis,

qual de vós não pedira instantemente  
que o deixassem com vida, se a visita  
recebesse de feros assassinos?

Caro amigo, piedade tens nos olhos,  
veja-bem. Se esses olhos não são falsos,  
vem pôr-te do meu lado e por mim fala,

como o farias caso te encontrasses  
na minha situação. Como não há de  
comover a um mendigo um real mendigo?

**SEGUNDO ASSASSINO** · Milorde, olhas as costas.

**PRIMEIRO ASSASSINO** (*apunhalando-o*) · Tomai isto, e isto também. No caso de ser pouco, vos darei um barril de malvasia.

(*Sai com o corpo.*)

**SEGUNDO ASSASSINO** ·

Façanha sanguinária, despachada desesperadamente. Desejara lavar as mãos, também, como Pilatos, deste horroroso e abominável crime.

(*Volta ao primeiro assassino.*)

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Em que estás a pensar, que não me ajudas?  
O duque vai ficar a par de tudo;

dir-lhe-ei que amoleceste.

**SEGUNDO ASSASSINO** · Desejara que soubesse que o irmão eu lhe salvara. Fica com a recompensa e dize-lhe isso. Sinto-me arrependido desta morte.

(*Sai.*)

**PRIMEIRO ASSASSINO** ·

Pois eu não me arrependo. Sai, covarde! Moleirão! Vou tratar de pôr o corpo nalgum buraco, até mandar o duque ordens para que seja sepultado. Recebido o dinheiro, caio fora, que espalhar-se a notícia não demora.

(*Sai.*)

## Ato II · Cena I

*Londres. Um quarto no palácio.*

*Entram o Rei Eduardo, doente, a Rainha Elisabete,*

*Dorset, Hastings, Buckingham e outros.*

**REI EDUARDO** · Foi muito bem aproveitado o dia.

Vós, pares, continuar assim unidos.

A todo instante espero uma embaixada do Redentor, que deste mundo me há de redimir. Mais tranqüila vai alar-se minha alma para o céu, depois que eu pude firmar na terra a paz entre os amigos.

Apertai-vos as mãos, Hastings e Rivers; sede francos, jurando amor sincero.

**RIVERS** · Pelo céu, sinto que a alma está expungida de qualquer sentimento rancoroso.

Selo com esta mão minha amizade.

**HASTINGS** · Por minha dita, o mesmo afirmo e juro.

**REI EDUARDO** · Tende cuidado, para não brincardes com vosso rei; se não, o que é o supremo Rei dos reis vos confunde a falsidade, determinando que vos torneis ambos o motivo da morte do contrário.

**HASTINGS** · Por minha dita, juro amor sincero.

**RIVERS** · De todo coração, juro amar a Hastings.

**REI EDUARDO** · Não estás dispensada, cara esposa, também, do compromisso; nem vós, Dorset, nem vós, milorde Buckingham, que todos tendes sido facciosos mutuamente.

Querida, amai Lorde Hastings; deixar que ele vos beije a mão: haja lealdade em tudo.

**RAINHA ELISABETE** ·

Hastings, eis minha mão; já não me lembro de nossas dissensões: assim eu venha, com os meus, a ser feliz.

**REI EDUARDO** · Dorset, abraça-o;

Hastings, vê sempre amigo do marquês.

**DORSET** · Juro que estes protestos de amizade serão de minha parte invioláveis.

**HASTINGS** · A mesma coisa eu juro.

(*Abraçam-se.*)

**REI EDUARDO** · Agora sela o pacto, nobre Buckingham, abraçando os parentes da rainha, para que essa união me deixe alegre.

**BUCKINGHAM** (*à rainha*) ·

Se contra Vossa Graça em algum tempo virar seu ódio Buckingham, sem mostras de respeitoso amor a vós e aos vossos, Deus me puna com o ódio das pessoas de quem maior amor eu esperasse.

Quando eu tiver necessidade extrema de recorrer a algum dos meus amigos, pondo sua amizade a toda a prova, falso, vazio, traiçoeiro e pérfido se revele ele então. É o que a Deus peço, se a vós e aos vossos eu me mostrar frio.

(*Abraçam-se.*)

**REI EDUARDO** · Teu juramento é um tônico, milorde, para este coração tão combalido.

Só falta estar presente o mano Gloster para que a paz tão grata arrematemos.

**BUCKINGHAM** ·

O nobre duque vem chegando a tempo.

*(Entra Gloster.)*

**GLOSTER** · Bom dia ao real casal, meus soberanos!

Nobres pares, a vós um feliz dia.

**REI EDUARDO** · Dia feliz, de fato, foi o de hoje.

Gloster, fizemos obra meritória:

mudamos em amor o ódio entranhável,

em paz a inimizade entre estes pares

que de ponta se achavam desde muito.

**GLOSTER** · Abençoado esforço, nobre príncipe.

Se neste grupo de pessoas nobres

há alguém que por suspeitas infundadas

ou falsa inteligência, como imigo

me considere;

se involuntariamente ou num momento

de cólera eu tivesse sido causa

de ofender qualquer um dos circunstantes:

reconciliar-me é meu desejo, agora, com ele, em amizade e paz sinceras.

A inimizade é para mim a morte;

odeio-a; só desejo o bem de todos.

Começando por vós, nobre senhora,

reine paz entre nós, paz verdadeira,

que saberei comprar com meus respeitos.

Entre nós, igualmente, nobre primo

Buckingham, caso algum ressentimento

tenha achado acolhida em nosso peito;

Lorde Grey, Lorde Rivers, a ambos falo,

que sem causa me haveis franzido o cenho;

vós, também, Lorde Scales, Lorde Woodvile,

duques, condes, fidalgos, gentis-homens:

todos, em suma. O nome eu desejara

saber do inglês com vida a que minha alma

possa odiar com mais intensidade

do que a criança que hoje ao mundo viesse.

É a Deus, tão-só, que eu devo esta humildade.

**RAINHA ELISABETE** · O dia de hoje vai ficar sagrado.

Deus permita que todas as discórdias

havidas entre nós assim terminem.

Meu nobre soberano, a Vossa Alteza

suplico receber o irmão Clarence

de novo em vossa graça.

**GLOSTER** · Então, senhora,

ofereci-vos meu amor para isso,

para me ver, num círculo como este,

alvo de tanto escárnio? Quem não sabe,

quem não sabe que é morto o gentil duque?

*(Todos revelam susto.)*

Não ficam bem tais chufas ao cadáver.

**REI EDUARDO** ·

Quem não sabe que é morto o gentil duque?

Quem sabe que morreu?

**RAINHA ELISABETE** · Oh céu potente!

em que mundo vivemos?

**BUCKINGHAM** · Lorde Dorset,

eu me tornei tão branco quanto os outros?

**DORSET** · Sim, milorde; não há pessoa alguma

que o róseo das faces não fugisse.

**REI EDUARDO** · Clarence já não vive? Mas eu tinha

mandado retirar a ordem de morte.

**GLOSTER** · Sim, coitadinho, a vida a perder veio

por vossa primeira ordem terminante,

por um Mercúrio alado apresentada.

A contra-ordem decerto foi levada

por algum aleijado que só pôde

ver-lhe o sepultamento. Deus permita

que alguém, menos leal e menos nobre,

mais perto de sanguíneos pensamentos

do que do sangue real e que ainda isento

se encontre de suspeita, não proceda

com mais culpa do que o infeliz Clarence.

*(Entra Stanley.)*

**STANLEY** · Uma graça, senhor, por meus serviços!

**REI EDUARDO** ·

Deixa-me em paz; minha alma está de luto.

**STANLEY** · Não me levantarei, sem Vossa Alteza

me atender.

**REI EDUARDO** · Então dize o que pretendes.

**STANLEY** · O perdão para um servo que hoje a vida

tirou de um gentil-homem turbulento

até há pouco, do séquito de Norfolk.

**REI EDUARDO** · Então eu tive língua para a vida

tirar a meu irmão e terei língua

para não condenar um vil escravo?

Meu irmão não matou; o seu delito

único foi pensar; no entanto teve

como castigo a inexorável morte.

Quem por ele pediu? Quem, no mais forte

de minha cólera, se pôs de joelhos

para me concitar à reflexão?

Quem me falou de amor? Quem, de amizade fraternal, e me fez então lembrado do momento em que aquela alma inocente por mim deixara o incontrastável Warwick? Quem me contou como ele, na batalha de Tewksbury viera em meu socorro, e disse: “Caro irmão, vive e sê rei!” Quem me trouxe à memória o dia em que ambos, enregelados e sem vida, quase, no campo de batalha, ele envolveu-me nas suas próprias vestes, entregando-se, franzino e nu à noite entorpecente? Tudo isso, uma brutal e feroz cólera já me havia tirado da memória por modo criminoso, sem que houvesse tido nenhum de vós a caridade de me fazer lembrado. Mas no instante em que um carreiro, ou um dos vossos criados, pratica um crime, por haver bebido, desfigurando a efigie inestimável do nosso Redentor, sem mais delongas sabeis dizer: Perdão! Perdão! de joelhos,

sendo preciso, contra o sentimento da justiça, que eu ceda! Por meu mano ninguém me disse uma palavra, ao menos, nem eu próprio falei comigo mesmo a favor do coitado. Ingrato! Ingrato! Os mais altivos dentre vós deveis-lhe obrigações; no entanto, nenhum veio interceder por ele. Oh Deus, receio que, por isso, recaia o teu castigo sobre mim, sobre os meus, sobre vós todos. Hastings, vamos daqui, Pobre Clarence!

*(Saem o Rei Eduardo, a rainha, Hastings, Rivers, Dorset e Grey.)*

**GLOSTER** · É a precipitação que faz tudo isso. Vistes como os parentes da rainha pálidos se tornaram, ao saberem que Clarence morrera? Oh! não cessavam de espicaçar o rei para isso mesmo. Mas Deus guarda o castigo. Vamos, lordes, levar ao mano Eduardo algum conforto.

**BUCKINGHAM** · Estamos ao dispor de Vossa Graça.  
*(Saem.)*

## Ato II · Cena II

*O mesmo. Um quarto no palácio.*

*Entra a Duquesa de York com o filho e a filha de Clarence.*

**FILHO** · Dize-nos, boa avó: papai morreu?

**DUQUESA** · Não, meu filho.

**FILHA** · Então por que fazeis assim com as mãos e no peito bateis a todo instante, repetindo: Oh Clarence, infeliz filho!

**FILHO** · Por que nos contemplais dessa maneira, sacudindo a cabeça, e de infelizes nos chamais, órfãos, míseros, largados, se o nosso nobre pai ainda está vivo?

**DUQUESA** · Estais equivocados, meus netinhos; choro a doença do rei, não choro a morte de vosso pai; perda fora a mágoa dependida por quem já está perdido.

**FILHO** · Então, avó, concluí que ele está morto. É o rei meu tio o causador de tudo. Deus lhe reserva o merecido prêmio.

Para isso hei de assaltá-lo diariamente com minhas orações.

**FILHA** · Farei o mesmo.

**DUQUESA** · Quietinhos, filhos; não faleis assim. O rei vos tem amor. Meus inocentes, não podeis suspeitar quem fosse a causa de ter vosso bom pai perdido a vida.

**FILHO** · Podemos, avozinha; que o bondoso tio Gloster nos pôs a par de tudo, contando como o rei fora levado pela esposa a inventar falsos motivos de o encerrar na prisão. Ao contar isso, nosso tio chorava, lastimando-nos, e o rosto me beijou, sem que cessasse de dizer que eu podia confiar nele como num pai, porque ele me haveria de estimar como a seu querido filho.

**DUQUESA** · Como pode assumir a falsidade forma tão delicada, o vício imundo dissimulando com feições virtuosas?

É meu filho, de fato, e o meu opróbrio;  
mas não bebeu, decerto, a hipocrisia  
no leite destes peitos.

**FILHO** · A avozinha  
pensa que nosso tio está fingindo?

**DUQUESA** · Sim, meu filho.

**FILHO** · Não posso crer. Mas que barulho é esse?

*(Entra a Rainha Elisabete, fora de si; Rivers e  
Dorset a seguem.)*

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh! Quem me impedirá de lastimar-me,  
de gemer, de acusar a sorte ingrata?

Lanço contra minha alma o desespero,  
para imiga tornar-me de mim própria.

**DUQUESA** · A que vem a selvagem impaciência?

**RAINHA ELISABETE** · Para um ato de trágica violência.

Eduardo, meu senhor, teu filho, nosso  
soberano, morreu! Por que florirem  
os galhos, quando o tronco já está seco?

Por que as folhas não murcham, por carência  
de seiva? Se quereis viver, chorai;

se morrer, sede breve, porque possam  
nossas almas aladas e velozes

alcançar a do rei, ou, como súditos  
obedientes, ficar ao lado dele

no novo reino do repouso eterno.

**DUQUESA** · Tomo tanto interesse por tua mágoa  
quanto direito eu tinha em teu marido.

Chorei a morte de um consorte digno,  
tendo passado a vida tão-somente  
a contemplar seus vívidos rebentos.

Mas dois espelhos de seus nobres traços  
foram quebrados pela dura morte,

só me tendo ficado por consolo  
um vidro enganador que me tortura,  
quando nele contemplo o meu opróbrio.

Ficaste viúva, mas és mãe ainda  
com o consolo dos filhos. Mas a morte  
dos braços me arrancou o caro esposo,

para, logo depois, duas muletas  
dos membros me tomar: Clarence e Eduardo.

Oh! Como tenho causa suficiente —  
não sendo a tua dor senão metade  
de todo o meu sofrer — para com as minhas  
lamentações sobrepujar as tuas!

**FILHO** · É isso, tia; a morte não chorastes  
do nosso pai; por que, com nossas lágrimas

infantis ajudar-vos neste transe?

**FILHA** · Sem lágrimas ficou nossa orfandade;  
fique vossa viuvez também sem prantos.

**RAINHA ELISABETE** ·

Ajuda não vos peço na tristeza  
que estéril eu não sou para queixar-me.

Sinto nos olhos concentrados todos  
os cursos d'água, porque a lua  
úmida me governe e eu possa lágrimas  
sem conta derramar que o mundo afoguem.

Meu caro esposo, caro Lorde Eduardo!

**FILHOS** · Caro Lorde Clarence, pai querido!

**DUQUESA** ·

Chora a perda dos dois, Clarence e Eduardo.

**RAINHA ELISABETE** ·

Eduardo, o meu arrimo, já não vive!

**FILHOS** · Clarence, nosso arrimo, já não vive!

**DUQUESA** ·

Ambos, meus dois arrimos, já não vivem!

**RAINHA ELISABETE** ·

Jamais sofreu viúva tão cruel perda.

**FILHOS** · Jamais filhos sofreram tão cruel perda.

**DUQUESA** · Não sofreu mãe alguma tão cruel perda.

Ai de mim! Sou a mãe desses queixumes.

Dividido é o sofrer de cada um deles;  
somente o meu é inteiro. Ela lastima  
a morte de um Eduardo: o mesmo eu faço.  
Mas, como eu, por Clarence ela não chora.

Os meninos a morte de Clarence  
lastimam, como o faço; mas não choram  
a de Eduardo, como eu. Ah! desgraçada

três vezes! Sobre mim é que recaem  
todas as vossas lágrimas; sou a ama  
de vossa dor conjunta; vou deixá-la  
saciada e farta só com meus soluços.

**DORSET** · Boa mãe, acalmi-vos! Deus se zanga  
por terdes recebido desse modo  
quanto ele decidiu. No baixo mundo

se chama ingratidão pagar a dívida  
com mostras de desgosto, quando fora  
concedida por mão bondosa e franca.

Muito mais grave é contra o céu virardes,  
quando ele pede contas da real dívida  
que com ele fizéreis neste mundo.

**RIVERS** · Minha senhora, com mãe cuidadosa  
pensai no vosso filho, o moço príncipe.

Mandai buscá-lo para ser coroado.

Ele é o vosso consolo neste transe.  
Enterrai vossa dor na sepultura  
do morto Eduardo, e vossas alegrias  
no trono colcai do vivo Eduardo.

*(Entram Gloster, Buckingham, Stanley,  
Hastings, Ratcliff e outros.)*

**GLOSTER** · Calma, irmã! Todos nós temos motivos  
de lastimar o triste apagamento  
do nosso brilhante astro. Mas tristezas  
não se curam com lágrimas. Suplico-vos  
que me perdoeis, minha bondosa mãe;  
mas eu não tinha visto Vossa Graça.

De joelho, humilde, peço a vossa bênção.

**DUQUESA** · Deus te abençoe e ponha-te no peito  
brandura, caridade, obediência,  
fidelidade e amor.

**GLOSTER** · Amém.

*(À parte)* · E me faça morrer depois de velho.

Eis como a bênção de uma mãe termina.

Não sei porque Sua Graça esqueceu isso.

**BUCKINGHAM** · Príncipes enublados, pares tristes,  
que o comum fardo suportais das dores:  
em vosso amor recíproco alegrai-vos.

Conquanto esteja gasta toda a ceifa  
do nosso soberano, ainda nos resta  
colher os frutos que promete o filho.  
A discórdia de há pouco, abandonada  
por vossos corações intumescidos,  
já agora transformada no contrário,  
deve ser preservada com carinho.

Parece-me que fora conveniente  
sem demora mandar trazer de Ludlow  
o príncipe, com séquito pequeno,  
para ser logo coroado em Londres.

**RIVERS** ·

Por que com pouca gente, Lorde Buckingham?

**BUCKINGHAM** · Ora, milorde, para que as feridas  
do ódio, há pouco fechadas, não se reabram  
ante um grande cortejo, o que seria  
tanto mais perigoso, por achar-se  
nosso Estado ainda novo e sem governo.  
Quando os cavalos correm desenfreados,  
tomando a direção que bem entendem,  
não só o perigo, mas o medo dele,  
é o que penso, precisam ser banidos.

**GLOSTER** · Penso que o rei fez paz com todos nós.  
Do meu lado a promessa é leal e firme.

**RIVERS** · Do meu também e, quero crer, de todos.  
Mas, sendo nova a paz, é conveniente  
protegê-la do risco de partir-se  
por excesso de gente. Eis porque faço  
meu, também, o pensar do nobre Buckingham,  
de que deve constar de poucos membros  
a comissão que for buscar o príncipe.

**HASTINGS** · É o que penso, também.

**GLOSTER** · Então, que seja assim. E ora nomeemos  
os que vão ser enviados para Ludlow.  
Querida mãe, e vós, minha senhora,  
não quereis dar vossa opinião valiosa  
sobre assunto de tanta relevância?

*(Saem todos, com exceção de Buckingham e de Gloster.)*

**BUCKINGHAM** ·

Pouco importam, milorde, os escolhidos;  
mas, por amor de Deus, não nos excluamos.  
Hei de encontrar ensejo, no caminho,  
para início do assunto combinado:  
razões para afastar o jovem príncipe  
da orgulhosa família da rainha.

**GLOSTER** · Oh tu, meu outro eu, meu consistório,  
querido primo, meu profeta e oráculo!  
Seguirei, como criança, os teus conselhos.  
Não ficaremos; vamos para Ludlow.

*(Saem.)*

## Ato II · Cena III

*O mesmo. Uma rua.*

*Entram dois cidadãos por lados diferentes.*

**PRIMEIRO CIDADÃO** ·

Bom dia, amigo; por que tanta pressa?

**SEGUNDO CIDADÃO** ·

Nem eu sei mesmo a causa; é o que vos digo.

Acaso sabes a última notícia?

**PRIMEIRO CIDADÃO** ·

Já sei: o rei morreu.

**SEGUNDO CIDADÃO** · Pior é impossível,  
pelo céu! Coisa boa ninguém conta.

O mundo vai virar de catrapus.

*(Entra o terceiro cidadão.)*

**TERCEIRO CIDADÃO** ·

Vizinhos, Deus vos guarde!

**PRIMEIRO CIDADÃO** · E vos conceda muito bom dia.

**TERCEIRO CIDADÃO** · Sabereis, acaso: confirmou-se a notícia do trespasse do nosso Rei Eduardo?

**SEGUNDO CIDADÃO** · É certo, amigo; foi confirmada. Deus nos seja plácido.

**TERCEIRO CIDADÃO** ·

Aguardai, pois, um mundo tempestuoso.

**PRIMEIRO CIDADÃO** ·

Não, pelo céu! Vai para o trono o herdeiro.

**TERCEIRO CIDADÃO** ·

Ai do país em que uma criança reina!

**SEGUNDO CIDADÃO** ·

Há esperanças de termos bom governo, pois enquanto for criança, o seu conselho governará por ele, e, quando adulto, tomará a direção da causa pública.

Fará um bom governo, não há dúvida.

**PRIMEIRO CIDADÃO** ·

Era essa a situação do Estado, quando em Paris foi coroado Henrique VI, com apenas nove meses.

**TERCEIRO CIDADÃO** · Era idêntica a situação do Estado? Não, amigos, só Deus o sabe; pois naqueles tempos se orgulhava o país de ter um grave conselho de políticos, e tios virtuosos ao monarca não faltavam, para amparar o rei.

**PRIMEIRO CIDADÃO** · Ora, isso mesmo possui o nosso, agora, e dos dois lados, do pai, como da mãe.

**TERCEIRO CIDADÃO** · Melhor lhe fora ter só tios paternos, ou de todo

carecer desses tios, que o problema de quem do trono ficará mais próximo vai nos tocar de perto, se Deus grande não nos desviar o mal. Oh, como o Duque de Gloster é daninho! Como os filhos e os irmãos da rainha são soberbos e intoleráveis! Se mandados fossem todos eles, em vez de governarem, nossa terra achacada melhorara.

**PRIMEIRO CIDADÃO** ·

É muito pessimismo! Ainda há esperança.

**TERCEIRO CIDADÃO** ·

Quando as nuvens se adensam, as pessoas sensatas põem capa; quando as folhas começam de cair, o inverno é próximo; quem não espera pela noite, quando se deita o sol no ocaso? Tempestades fora de tempo são sinal de ruína, de colheita estragada. É bem possível que tudo venha a acabar bem; mas caso Deus assim determine, é mais, sem dúvida, do que nós merecemos e eu espero.

**SEGUNDO CIDADÃO** ·

De fato. O coração dos homens se acha cheio de inquietações. Não é possível conversar com ninguém sem que possamos ler-lhe nos olhos o que na alma sente.

**TERCEIRO CIDADÃO** ·

Isso acontece sempre que há mudança. Por instinto divino, o entendimento do homem sente o perigo, tal como a água que cresce antes de grande tempestade. Mas Deus cuidará disso. Para onde ides?

**SEGUNDO CIDADÃO** · Fomos chamados pelo juiz.

**TERCEIRO CIDADÃO** · O mesmo se dá comigo; assim, iremos juntos.

(Saem.)

## Ato II · Cena IV

*O mesmo. Um quarto no palácio.*

*Entram o Arcebispo de York, o jovem Duque de York, a Rainha Elisabete e a Duquesa de York.*

**ARCEBISPO** · Ouvi dizer que eles dormiram ontem em Northampton e que hoje à noite dormem em Stony-Stratford. É certo, pois, chegarem amanhã ou depois.

**DUQUESA** · Estou ansiosa por ver de novo o príncipe. Desde a última vez que o vi deve ter crescido muito.

**RAINHA ELISABETE** ·

Dizem que não; pretendem que meu filho York o alcançou.

**YORK** · É certo, mãe; contudo, preferia não ter crescido tanto.

**DUQUESA** · Por quê, primo? Crescer é sempre bom.

**YORK** · Uma noite, avozinha, quando ceávamos, meu tio Rivers disse que eu crescia mais depressa que o mano. “Sim”, meu tio Gloster lhe respondeu, “erva pequena tem graça; o joio só produz desgraça”. Desde aí não me agrada o crescimento, que as flores perfumadas são morosas e o joio e as outras pragas correm muito.

**DUQUESA** · É certo; mas o dito não se aplica à pessoa que fez esse reparo.

Dava dó contemplá-lo quando criança.

Crescia devagar e retardado.  
Pela regra, deveria ser gracioso.

**ARCEBISPO** · O que, em verdade, ele é, graciosa dama.

**DUQUESA** · Penso que sim. Contudo, as mães duvidam.

**YORK** · Por minha fé, tivesse eu me lembrado, poderia ter feito uma pilhéria

com meu gracioso tio, que saísse muito mais acertada do que a dele.

**DUQUESA** · Qual seria ela? Dize-a, jovem York.

**YORK** · Consta que o crescimento de meu tio tão depressa se deu, que após duas horas

do nascimento ele morder podia

uma côdea de pão, ao passo que eu

levei dois anos para ter um dente.

A graça morderia, não, avó?

**DUQUESA** · Quem foi que te disse isso, gentil York?

**YORK** · Ora, avó, a ama dele.

**DUQUESA** · A ama dele? Impossível, que morrerá antes de tu nasceres.

**YORK** · Nesse caso, não sei dizer de quem soube tal coisa.

**RAINHA ELISABETE** · Menino espirituoso! É muito fino.

**ARCEBISPO** · Não se zangue com ele Vossa Graça.

**RAINHA ELISABETE** · Têm ouvido as paredes.

*(Entra um mensageiro.)*

**ARCEBISPO** · Um mensageiro! Que notícias trazes?

**MENSAGEIRO** · De tal monta, milorde, que me sinto sem saber como vo-las anuncie.

**RAINHA ELISABETE** ·

Como ficou o príncipe?

**MENSAGEIRO** · Senhora,

ficou bem de saúde.

**DUQUESA** · Quais as novas, afinal?

**MENSAGEIRO** · Lorde Grey e Lorde Rivers se acham presos em Pomfret e, com eles, Sir Tomás Vaughan.

**DUQUESA** · Quem deu essa ordem?

**MENSAGEIRO** ·

Os grandes Duques Buckingham e Gloster.

**ARCEBISPO** · Que crimes cometeram?

**MENSAGEIRO** · Já vos disse tudo quanto sabia a esse respeito.

Quanto às razões de terem sido presos os nobres, meu senhor, não sei de nada.

**RAINHA ELISABETE** ·

Ai de mim! Vejo a minha casa em ruínas!

O tigre já apanhou a corça tímida.

Começou a injuriosa tirania

a atacar o inocente e fraco trono.

Sejam bem-vindos, pois, a morte e o crime, bem-vinda a destruição! Como num mapa, já vejo desenhado o fim de tudo.

**DUQUESA** · Malditos dias de agitadas lutas que tantas vezes estes olhos viram!

No afã de obter o trono, o meu marido

perdeu a vida; com variável sorte,

meus filhos se têm visto sacudidos

para meu gáudio e minha dor, conforme

perdessem tudo, ou tudo conquistassem.

Depois de tudo ganho, quando a rixas

domésticas já estavam removidas,

eles mesmos, os próprios vencedores,

a guerrear uns aos outros começaram:

irmão com irmão, sangue com sangue, todos

contra si mesmos. Oh inaudito ultraje,

fúria insensata, esse rancor aplaca,

ou me deixa morrer para que ao menos

contemplar eu não possa a cruel morte!

**RAINHA ELISABETE** ·

Vamos, meu filho, procurar abrigo

nalgum lugar sagrado. Adeus, senhora.

**DUQUESA** · Esperai um momento; irei convosco.

**RAINHA ELISABETE** · Não tendes causa.

**ARCEBISPO** *(à rainha)* · Não fiquéis, senhora;

levai vosso tesouro e vossos bens.

Por minha parte, o selo ora deponho

nas mãos de Vossa Graça. Só desejo

que o céu me trate sempre com carinho

tal qual o meu para convosco e os vossos.

Vamos; levar-vos-ei para o santuário.

*(Saem.)*

## Ato III · Cena I

*O mesmo. Uma rua.*

*Clarins. Entram o Príncipe de Gales, Gloster, Buckingham, Catesby, o Cardeal Bourchier e outros.*

**BUCKINGHAM** ·

Sede bem-vindo a Londres, vossa câmara, meu doce príncipe.

**GLOSTER** · Bem-vindo, primo, rei dos meus pensamentos. Estou vendo que a viagem vos deixou cansado e triste.

**PRÍNCIPE** · Não, tio; os desagradados muito próprios da viagem a fizeram cansativa, carregada e enfadonha. Desejara ver, à minha chegada, os outros tios.

**GLOSTER** · Meu doce príncipe, a virtude pura de vossos anos não sondou ainda toda a maldade deste baixo mundo.

Só distinguis os homens pelas formas exteriores, que muito raramente, Deus o sabe, ou jamais, estão acordes com o coração. Os tios que acabastes de reclamar vos eram perigosos.

Vossa Graça escutava os seus dizeres açucarados, mas não atendia ao veneno que no íntimo eles trazem.

Deus vos proteja dos amigos falsos.

**PRÍNCIPE** · Deus me proteja dos amigos falsos! Mas falso nenhum deles me parece.

**GLOSTER** · Eis, milorde, o prefeito da cidade; vem vos cumprimentar.

*(Entra o prefeito de Londres, com séquito.)*

**PREFEITO** · Deus abençoe Vossa Graça e vos dê muita alegria.

**PRÍNCIPE** · Muito obrigado; a todos agradeço.

Pensei que minha mãe e meu mano York nos desejassem ver ainda em caminho.

Oh! Como Hastings se mostra preguiçoso, que não nos vem contar onde eles se acham!

*(Entra Hastings.)*

**BUCKINGHAM** · Eis que chega, a suar, o nosso lorde.

**PRÍNCIPE** ·

Bem-vindo, milorde Hastings. Que notícias trazeis de nossa mãe? Não virá ver-nos?

**HASTINGS** · Só Deus sabe o motivo verdadeiro; vossa mãe a rainha e, junto com ela,

vosso mano York o amparo procuraram de um lugar inviolável. Desejara

vir saudar Vossa Graça o doce príncipe; mas sua mãe o dissuadiu do intento.

**BUCKINGHAM** · Que ato pueril e impertinente o deles!

Lorde Cardeal, apraz a Vossa Graça convencer a rainha de enviar logo o Duque de York ao príncipe seu mano?

Ide também, Lorde Hastings, arrancai-o dos ciumentos braços da rainha, caso infensa ao pedido ela se mostre.

**CARDEAL** · Se minha débil eloquência, caro milorde Buckingham, tiver prestígio para tirar à mãe o Duque de York, contaí com ele aqui dentro de pouco.

Mas se às minhas palavras a rainha se mostrar obstinada, Deus não queira que eu violar possa o privilégio sacro de um santuário abençoado. Não me torno passível de um pecado tão monstruoso nem por toda a Inglaterra.

**BUCKINGHAM** · Sois demasiadamente escrupuloso, milorde, muito cheio de pontinhos tradicionais, de cerimônias fúteis.

Deveis pesar as coisas tendo em conta nosso tempo grosseiro. Apoderando-vos do duque, não violais nenhum santuário.

A Igreja só concede tal vantagem a quem dela faz jus por seus princípios normativos, ou a quem revela senso para pedir o necessário amparo.

Ora, não tendo o duque merecido tal proteção, nem a ela recorrido — este é o meu parecer — não pode tê-la. Retirando-o, portanto, do santuário,

que para ele o não é, não violais carta de liberdade alguma ou privilégio.

De homens já ouvi falar que se acolheram a lugares sagrados, não de crianças.

**CARDEAL** · Vossas razões, milorde, me convencem.

Não quereis ir comigo, milorde Hastings?

**HASTINGS** · Pois não, milorde.

**PRÍNCIPE** ·

Fazei, bons lordes, toda a diligência possível.

*(Saem o Cardeal Bourcbier e Hastings.)*

Tio Gloster, quando o mano chegar, onde ficamos até o dia de nossa coroação?

**GLOSTER** · Onde do agrado for de Vossa Grandeza. Mas no caso de me ser permitido dar conselhos, um dia ou dois vossa real pessoa repousará na Torre; com mais calma, depois, escolhereis o melhor ponto para a saúde e, assim, para recreio.

**PRÍNCIPE** · De todos os lugares, o que menos me agrada é a Torre. Não foi Júlio César que a construiu, milorde?

**BUCKINGHAM** · Sim, gracioso senhor; foi ele que lhe deu início; mas as idades sucessivas foram as que a reedificaram.

**PRÍNCIPE** · Essa notícia consta da história, ou tudo é simples lenda que através das idades nos vem vindo?

**BUCKINGHAM** ·

Consta da história, meu gracioso lorde.

**PRÍNCIPE** · Mas embora, milorde, essa notícia não tivesse ficado registrada, quero crer que a verdade passaria de um século para outro, como se ela, desse modo, ficasse dividida pela posteridade, até que fosse chegado o último dia.

**GLOSTER** *(à parte)* · Todos dizem que as crianças precoces vivem pouco.

**PRÍNCIPE** ·

Tio, que estais dizendo?

**GLOSTER** · Que ainda mesmo sem o auxílio da escrita, a fama vive por muito tempo. *(À parte.)* Assim, como no teatro

discorre a Hipocrisia, eu moralizo com termos dúbios.

**PRÍNCIPE** · Esse Júlio César foi um grande homem. Seu valor deu brilho ao próprio gênio, e o gênio emprestou vida sempiterna a seus feitos valorosos.

Não pôde conquistar a Morte o grande conquistador, que embora já não viva, ainda vive na fama. Desejara

dizer-vos uma coisa, primo Buckingham...

**BUCKINGHAM** · Quê, meu gracioso lorde?

**PRÍNCIPE** · Se eu tiver vida até me tornar homem, hei de reconquistar nossos direitos sobre a França, ou morrer como soldado, depois de ter vivido como rei.

**GLOSTER** *(à parte)* ·

Primavera precoce vem, de regra, depois de verão curto.

*(Entram York, Hastings e o Cardeal Bourcbier.)*

**BUCKINGHAM** · O Duque de York chega a tempo.

**PRÍNCIPE** · Ricardo de York, como se sente o amado irmão?

**YORK** · Bem, tremendíssimo senhor, que é assim que eu devo ora chamar-vos.

**PRÍNCIPE** ·

Sim, mano; ao meu mau grado, como ao vosso. Morreu de pouco o dono desse título que muita majestade a perder veio.

**GLOSTER** · Como se sente o nobre Lorde de York, nosso primo?

**YORK** · Obrigado, gentil tio.

Oh milorde, dissestes que erva inútil cresce depressa. O príncipe, meu mano, já me passou de muito em crescimento.

**GLOSTER** · É verdade, milorde.

**YORK** · É, pois, inútil?

**GLOSTER** · Oh, belo primo, não direi tal coisa.

**YORK** · Ele vos é obrigado mais do que eu.

**GLOSTER** · Como rei, ele pode me dar ordens; mas vós em mim mandais como parente.

**YORK** · Tio, podereis dar-me esse punhal?

**GLOSTER** · De todo coração, pequeno primo.

**PRÍNCIPE** · Que é isso, mano! És um pedinte, acaso?

**YORK** · Do meu bom tio; nada ele me nega.

Mormente coisa pouca ele não nega.

**GLOSTER** · Mas valioso presente eu vos daria.

**YORK** · Mais valioso? Dar-me-eis também a espada?

**GLOSTER** · Sim, poderia dar-vo-la, se fosse leve bastante para a carregardes.

**YORK** · Oh! Já sei! Só me dais presentes leves. Em coisas de mais peso dizeis “não”.

**GLOSTER** · O peso é muito para Vossa Graça.

**YORK** · Fosse ela mais pesada, eu a levava facilmente.

**GLOSTER** · Quereis, pequeno lorde, ficar com a minha espada?

**YORK** · Sim, que, em paga, eu agradecimentos vos daria de acordo como trato que me derdes.

**GLOSTER** · Como?

**YORK** · Pequeno.

**PRÍNCIPE** · Tem gênio brincalhão milorde de York. Vossa Graça, meu tio, sabe o jeito de suportá-lo.

**YORK** · Sim, de carregar-me, que é o que quereis dizer, não, suportar-me. O mano, tio, zomba de nós ambos.

Por eu ser quase, quase um macaquinho, ele diz que deveis levar-me ao ombro.

**BUCKINGHAM** · Com que espírito afiado ele responde! Para atenuar o modo zombeteiro com que se ri do tio, ele a si próprio com jeito e graça atira alguns remoques.

É admirável: tão moço e tão astuto.

**GLOSTER** · Não vos agrada prosseguir, milorde? eu e o primo de Buckingham iremos procurar vossa mãe para pedir-lhe que vá à Torre vos dar as boas-vindas.

**YORK** · Como, milorde! Ireis ficar na Torre?

**PRÍNCIPE** · Milorde protetor acha que o devo.

**YORK** · Não dormiria lá tranqüilamente.

**GLOSTER** · Por que razão? De que teríeis medo?

**YORK** · Ora, decerto da alma enraivecida de meu tio Clarence. A avó me disse que ele fora na Torre assassinado.

**PRÍNCIPE** · Não tenho medo dos meus tios mortos.

**GLOSTER** · Nem dos vivos, espero.

**PRÍNCIPE** · Não preciso ter medo deles, se estão vivos, creio.

Mas sigamos, milorde; é preocupado, por pensar neles, que na Torre eu entro.

*(Clarins. Saem todos, com exceção de Gloster, Buckingham e Catesby.)*

**BUCKINGHAM** ·

Milorde, não pensais que esse pequeno tagarela haja sido orientado

por sua sutil mãe, para tratar-vos por modo tão grosseiro e oprobrioso?

**GLOSTER** · Sem dúvida, sem dúvida. É um menino falador, vivo, ousado, inteligente, precoce e muito fino: é a mãe em tudo, de cabeça até aos pés.

**BUCKINGHAM** · Mas não falemos mais nisso. Catesby, vem para perto, juraste que serias tão zeloso na execução de quanto pretendemos, como discreto sobre o que dissermos. Em caminho já ouviste os argumentos. Qual é tua opinião: não te parece fácil ganharmos William Lorde Hastings para o nosso projeto de instalarmos o nobre duque no real assento desta ilha tão famosa?

**CATESBY** · Ele dedica tanta afeição ao príncipe, por causa do rei defunto, que não se deixara conquistar para lhe ir de encontro em nada.

**BUCKINGHAM** · E de Stanley, que pensas? Cederá?

**CATESBY** · Esse fará em tudo tal qual Hastings.

**BUCKINGHAM** · Bem; então, somente isto: vai, amável Catesby, ver, por alto, o que Lorde Hastings pensa do nosso plano e lhe transmite nosso convite para ir à Torre, amanhã, fazer parte do conselho em que se vai tratar da coroação.

Se o achares acessível, encoraja-o e expõe nossos motivos. Mas no caso de se mostrar com má vontade, frio, pesado como chumbo, faz o mesmo: corta logo a conversa e vem contar-nos o que achaste de suas preferências. Amanhã reuniremos dois conselhos diferentes, estando reservado para ti, em tudo isso, um grande posto.

**GLOSTER** · Recomenda-me a Lorde William e dize-lhe que à velha malta de seus perigosos adversários sangria será feita no Castelo de Pomfret, amanhã. Em regozijo dessas boas novas, recomenda a milorde que dê um beijo a mais em Mistress Shore.

BUCKINGHAM · Desincumbe-te,  
Catesby, de tudo com prudência.  
CATESBY ·  
Quanto em mim estiver, meus bons senhores.  
GLOSTER · Antes de nos deitarmos, ouviremos  
falar de vós, milorde?  
CATESBY · Sim, milorde.  
GLOSTER · Em Crosby-place podereis achar-nos.  
(*Sai Catesby.*)  
BUCKINGHAM · Ora dizei, milorde: que faremos  
no caso de observarmos que Lorde Hastings  
se recusa a ficar do nosso lado?

GLOSTER · Será decapitado; alguma coisa  
precisamos fazer. E agora me ouve:  
quando eu for rei, reclama-me o condado  
de Hereford, juntamente com os bens móveis  
que eram do rei meu mano.  
BUCKINGHAM · Hei de, sem falta,  
lembrar essa promessa a Vossa Graça.  
GLOSTER · Com o máximo prazer será cumprida.  
Vamos jantar; já é hora. Depois disso,  
cuidemos de dar forma aos nossos planos.  
(*Saem.*)

## Ato III · Cena II

*O mesmo. Diante da casa de Lorde Hastings.  
Entra um mensageiro.*

MENSAGEIRO (*batendo*) · Milorde! Milorde!  
HASTINGS (*dentro*) · Quem bate?  
MENSAGEIRO · Alguém da parte de Lorde Stanley.  
HASTINGS · Que horas são?  
MENSAGEIRO · Quatro horas já batidas.  
(*Entra Hastings.*)

HASTINGS · Não poderá dormir milorde Stanley,  
nesta noite tediosa?

MENSAGEIRO · Assim parece,  
pelo que tenho a vos dizer. Primeiro,  
ele se recomenda a Vossa Graça.

HASTINGS · Bem; e depois?

MENSAGEIRO · Depois, vos comunica  
que esta noite sonhou que o javali  
o elmo lhe derrubou. Mais; dois conselhos  
vão se reunir, diz ele, e que é possível  
num deles se resolva o que para ambos,  
ele e vós, seja causa de desgosto  
por não estardes nele. Esse o motivo  
de perguntar a Vossa Senhoria  
se a cavalo quereis montar com ele,  
já já, e a toda pressa galopar  
na direção do norte, por fugirdes  
dos perigos que na alma ele pressente.

HASTINGS · Amigo, volta para o teu senhor;  
dize-lhe que não tema os dois conselhos:  
num estou eu e Sua Honra; no outro.  
Catesby se acha, meu prezado amigo,

nada podendo acontecer neste último  
que nos toque de perto, sem que logo  
não venha eu a saber. Os seus receios,  
dize-lhe, são risíveis, não têm base.  
Quanto ao sonho, causou-me admiração  
vê-lo insensato a ponto de dar crédito  
às zombarias de um dormir inquieto.  
Fugir do javali, sem que por ele  
vistos ainda estivéssemos, é o mesmo  
que espicaçá-lo a vir em nosso encaço,  
e obrigá-lo a caçar contra a vontade.  
Vai; dize ao teu senhor que me procure;  
juntos à Torre iremos, onde logo  
se certificará do tratamento  
carinhoso que a fera nos vai dar.  
MENSAGEIRO · Irei, milorde, e lhe direi tudo isso.  
(*Sai*)  
(*Entra Catesby.*)

CATESBY · Muitos bons dias ao meu nobre lorde!

HASTINGS · Bom dia, Catesby; acordaste cedo.

Que é que há em nosso vacilante estado?

CATESBY · É certo, nobre lorde, o mundo oscila;  
sendo eu de parecer que ele só pode  
ficar firme de novo se Ricardo  
vier a usar a guirlanda da Inglaterra.

HASTINGS ·

Como! Usar a guirlanda? Com isso queres  
referir-te à coroa?

CATESBY · Sim, milorde.

HASTINGS · Dos ombros cortar-me-ão esta coroa,

antes, decerto, que a coroa eu veja  
tão vergonhosamente colocada.

Pensas que ele, realmente, aspira ao trono?

CATESBY · Por minha vida, sim, estando certo  
de à testa vos achar de seu partido,  
para poder obtê-lo. A esse respeito,  
manda-vos a notícia alvissareira  
de que hoje mesmo vossos inimigos,  
os parentes e adeptos da rainha  
hão de morrer em Pomfret.

HASTINGS · Tal notícia  
não me arranca lamentos, que eles todos  
sempre adversos me foram. Mas dar voto —  
meu voto! — aos partidários de Ricardo,  
com prejuízo patente dos legítimos  
herdeiros do meu mestre! Deus o sabe,  
jamais farei tal coisa, embora morra.

CATESBY · Que Deus conserve Vossa Senhoria  
com tão gracioso espírito.

HASTINGS · Mas hei de  
rir sem parar, durante doze meses,  
por ter visto a tragédia das pessoas  
que junto ao meu monarca me intrigaram.  
Catesby, é certo: antes de ter o tempo  
me deixado mais velho uma quinzena,  
hei de outros expedir que nem suspeitam.

CATESBY · É coisa horrível, meu gracioso lorde,  
morrer sem que se esteja preparado.

HASTINGS · Oh! Monstruoso, monstruoso! Isso acontece  
com Rivers, Vaughan, Grey, e o mesmo se há de  
verificar com mais alguns sujeitos  
que se julgam tão firmes quanto nós,  
nós, sempre caros, como não o ignoras,  
a Buckingham e ao ínclito Ricardo.

CATESBY · Têm-vos em alta estima esses dois príncipes.  
(*À parte.*) Pois a cabeça dele já contemplan  
sobre a ponte de Londres.

HASTINGS · Estou certo  
disso mesmo, e mereço esse conceito.

(*Entra Stanley.*)

Entrai, amigo. E o vosso javali?  
Receais o javali e andais sem armas?

STANLEY · Hastings, bom dia; Catesby, bom dia.  
Podeis zombar; mas, pela cruz sagrada,  
receio esses conselhos separados.

HASTINGS · Milorde, tenho tanto amor à vida  
quanto vós, porém nunca — assim protesto —  
me foi ela tão cara como agora.

Se eu não soubesse, então, que estamos firmes,  
poderia mostrar-me tão contente?

STANLEY · Ao viajarem de Pomfret para Londres,  
os fidalgos estavam muito alegres,  
considerando firme o seu estado,  
pois não tinham razão de desconfiança.  
Mas bem vedes que o dia ficou turvo.  
Tenho receio deste surto de ódio.

Queira Deus não me mostre, neste passo,  
covarde sem motivo. Então, iremos  
à Torre? O dia já está quase gasto.

HASTINGS · Calma, milorde! Não sabeis o que houve?  
Serão decapitados hoje todos  
os lordes que nomeastes.

STANLEY · Sob as luzes  
da lealdade, estes todos a cabeça  
poderiam usar com mais direito  
do que o chapéu seus próprios inimigos.  
Mas, milorde, partamos.

(*Entra um passavante.*)

HASTINGS · Ide adiante,  
que eu vou falar com este camarada.

(*Saem Stanley e Catesby.*)

Então, malandro! Como vai o mundo,  
no que te diz respeito?

PASSAVANTE · Bem, milorde;  
principalmente por mo perguntardes.

HASTINGS · Uma coisa eu te digo: meus negócios  
vão bem melhor agora do que quando  
nos falamos aqui. Então, eu ia  
levado para a Torre, por intrigas  
dos aliados da rainha. Mas agora —  
não o digas a ninguém — hoje esses mesmos  
adversários vão ser decapitados,  
e o meu prestígio está maior que nunca.

PASSAVANTE · Deus o mantenha assim, para deleite  
de Vossa Senhoria.

HASTINGS · Agradecido,  
meu caro. Vai; bebe isto em meu louvor.

(*Atira-lhe a bolsa.*)

PASSAVANTE · Deus guarde a Vossa Senhoria.  
Adeus.

(*Sai.*)

(*Entra um padre.*)

**PADRE** · Belo encontro, milorde; estou contente por ver Vossa Honra.

**HASTINGS** · Muito agradecido de todo o coração, meu bom Sir John. Estou vos devendo ainda algum serviço; procurai-me no sábado para isso.

*(Entra Buckingham.)*

**BUCKINGHAM** ·

Falais com o padre, Lorde Camareiro? Dele precisam só vossos amigos de Pomfret; Vossa Graça não tem nada que ver com confissões.

**HASTINGS** · Por minha fé, ao ver este santo homem, vêm-me à mente as pessoas a que vos referistes. Então, ides à Torre?

**BUCKINGHAM** · Sim, milorde, mas não demoro; penso estar de volta um pouco antes de Vossa Senhoria.

**HASTINGS** · É possível, que eu penso em jantar lá.

**BUCKINGHAM** *(à parte)* ·

E cear, muito embora a contragosto.

*(Alto.)* Como é? não vindes?

**HASTINGS** · Vou com Vossa Graça.  
*(Saem.)*

## Ato III · Cena III

*Pomfret. Diante do castelo*

*Entra Ratcliff com alabardeiros, conduzindo, para serem executados, Rivers, Grey e Vaughan.*

**RIVERS** · Quero dizer-te apenas, Sir Ricardo Ratcliff, que hoje verás morrer um súdito pela verdade, o seu dever e a honra.

**GREY** · De vossa malta Deus preserve o príncipe; não passais de vampiros sugadores.

**VAUGHAN** · Os vivos ainda haveis de lastimar-vos pelo que hoje se passa.

**RATCLIFF** · Vamos logo!

A hora de vossa morte já soou.

**RIVERS** · Oh Pomfret, Pomfret, sanguinário cárcere, ominoso e fatal para a nobreza!

No âmbito criminoso de teus muros

em pedaços foi feito o Rei Ricardo

segundo, e, para aumento da ignomínia

de tua sede horrenda, ora te damos

para beber o sangue de inocentes.

**GREY** · Caiu a maldição de Margarida sobre nossas cabeças, quando queixas amargas me lançou, em vós e em Hastings, por impassíveis termos presenciado Ricardo apunhalar seu caro filho.

**RIVERS** · Então, amaldiçoou também Ricardo; então, amaldiçoou Hastings e Buckingham.

Oh Deus! Exalça-lhe as ferventes preces contra eles, como contra nós fizeste.

Mas quanto à minha irmã, Oh Deus bondoso, que o nosso sangue leal te satisfaça

que, como o sabes, vai ser derramado contra toda justiça.

**RATCLIFF** · Vamos logo!

A hora de vossa morte já passou.

**RIVERS** ·

Vamos, Grey; Vaughan, vamos; abracemo-nos para no céu nos vermos novamente.

*(Saem.)*

## Ato III · Cena IV

*Londres. A Torre.*

*Buckingham, Stanley, Hastings, o Bispo de Ely, Ratcliff, Lovel e outros, sentados à volta de uma mesa; atrás, oficiais do Conselho.*

**HASTINGS** · Digo-vos sem rodeios, meus senhores, que a causa de aqui estarmos é o problema

da coroação. Em nome, pois, de Deus, dizei quando será o real dia.

**BUCKINGHAM** · Tudo está pronto para o tempo real?

**STANLEY** · Sim; falta apenas indicar a data.

**ELY** · Para mim, amanhã é um feliz dia.

**BUCKINGHAM** ·

Quem está a par do que sobre isso pensa

o lorde protetor? Quem é o mais íntimo  
confidente do muito nobre duque?

ELY · Vossa Graça é o primeiro a saber sempre  
quanto lhe diz respeito, é o que pensamos.  
Conhecemos somente nossos rostos;  
quanto ao que diz com o coração, nem ele  
conhece o meu, nem eu, milorde, o vosso,  
ou eu o dele, acaso, ou vós o meu.

Lorde Hastings, vós e o duque sois amigos.  
HASTINGS · Agradeço a Sua Graça; sei que o duque  
me tem amor. Mas quanto a seus projetos  
respeito à coroação, não sei de nada  
por não tê-lo sondado nem ter-me ele  
comunicado o seu prazer gracioso.  
Mas vós podeis fixar a data, nobres  
lordes; darei o voto pelo duque,  
certo de que ele há de ficar contente.

*(Entra Gloucester.)*

ELY · Eis o duque chegando na hora azada.  
GLOSTER · Bom dia primos e meus nobres lordes.

Sempre fui dorminhoco, mas espero  
que minha ausência ora não tenha sido  
prejudicial à marcha do projeto  
que, eu presente, haveria resolvido.

BUCKINGHAM · Mas embora, milorde, não tivésseis  
entrado à vossa deixa, William Lorde Hastings  
teria pronunciado vossa parte...

Quero dizer: teria dado o voto  
por vós para a coroação do rei.

GLOSTER · Ninguém é mais autorizado nisso  
do que Lorde Hastings. Sua Senhoria  
perfeitamente me conhece e tem-me  
bastante amor. Milorde de Ely, quando  
em Holborn eu estive, há pouco tempo,  
vi em vosso pomar belos morangos.

Por obséquio, mandai buscar alguns.

ELY · De todo o coração, meu caro lorde.

*(Sai.)*

GLOSTER · Uma palavra à parte, primo Buckingham.  
*(Tomando-o à parte.)*

Sobre este assunto Catesby sondou o Hastings,  
tendo achado o fidalgo rabugento  
de tal modo rebelde, que prefere  
vir a morrer a dar consentimento  
a que o filho do seu prezado mestre,  
como ele, respeitoso, o denomina,  
venha a perder o trono da Inglaterra.

BUCKINGHAM · Vamos sair daqui por uns instantes.  
*(Saem Gloucester e Buckingham.)*

STANLEY · Não marcamos ainda o grande dia.  
Amanhã, quero crer, é muito cedo,  
pois não estou ainda preparado  
como o estarei se houver adiamento.

*(Volta o Bispo de Ely.)*

ELY · Para onde foi milorde protetor?  
Mande alguém buscar estes morangos.

HASTINGS · Hoje Sua Graça está contente e brando.  
Algo bom lhe sorri ao pensamento,  
para nos desejar um dia alegre.

Em toda a cristandade não conheço  
homem nenhum que, como o nobre duque,  
não consiga ocultar os sentimentos.  
O coração no rosto se lhe estampa.

STANLEY · Vendo-lhe o rosto, que dizeis de quanto  
lhe vai no coração, tendo-se em conta  
que hoje ele está contente?

HASTINGS · Que não se acha  
zangado com nenhum dos circunstantes;  
aliás, no olhar de pronto o revelara.

*(Voltam Gloucester e Buckingham.)*

GLOSTER · Dizei-me, por obséquio, que castigo  
merece quem conspira minha morte  
por diabólicos planos e a maldita  
feiticeira, a dominar chegando  
com seus encantos infernais meu corpo?

HASTINGS ·

O terno amor que a Vossa Graça eu voto  
me dá coragem neste nobre círculo,  
para punir os ofensores, sejam  
eles quais forem. Digo, pois, milorde,  
que são merecedores da pena última.

GLOSTER · Sejam, pois, vossos olhos testemunha  
do mal que me fizeram. Vede como  
me encontro enfeitado: o braço vede-me  
desmedrado, qual broto emurchecido.

Foi a mulher de Eduardo, essa monstruosa  
feiticeira, de par com a marafona  
da Shore, que, com suas artes negras,  
me deixaram marcado deste jeito.

HASTINGS · Se tal coisa fizeram, nobre lorde...

GLOSTER · “Sei!” protetor da marafona imunda!  
Vens falar-me de “se”? És um traidor.  
Fora a cabeça dele! Por São Paulo,  
juro não comer nada, até ver isso.

Ratcliff e Lovel, incumbi-vos disso.

Os demais, que me amarem, acompanhem-me.

*(Saem todos, com exceção de Hastings, Ratcliff e Lovel.)*

HASTINGS · Desgraçada Inglaterra! Não me queixo, porque eu podia ter evitado isto, mas fui um louco: Stanley viu em sonhos que o javali lhe derrubara o casco. Dele me ri e a salvo não quis pôr-me. Tropeçou meu cavalo hoje três vezes, três vezes empinou diante da Torre, como se não quisesse carregar-me para este matadouro. Ora preciso do padre que há momentos me falava; pesa-me o que eu falei ao passavante com ar de triunfo, sobre os meus inimigos que hoje em Pomfret seriam massacrados e que em favor e graça eu me encontrava. Oh Margarida, Margarida! A tua pesada maldição caiu agora na cabeça infeliz do mísero Hastings.

RATCLIFF · Vamos, milorde! O duque quer cear. Confessai-vos depressa; ele está ansioso por ver vossa cabeça decepada.

HASTINGS · Oh graça transitória dos mortais, que procuramos mais do que a de Deus! Quem no ar de teus sorrisos põe as suas esperanças, a vida passa como marinheiro embriagado, junto ao mastro, pronto, a cada balanço, a ser cuspidido nas entranhas fatais do imenso abismo.

LOVEL · Despachai-vos! É inútil falar muito.

HASTINGS · Ricardo sanguinário! Oh pobre pátria! Profetizo-te tempos ominosos, como idade infeliz alguma viu.

Levai-me logo para o cruel cepo;

decepa-me a cabeça e ao duque a leva.

Muitos que hoje se riem do meu fado, morrerão também cedo, a seu mau grado.

*(Saem.)*

## Ato III · Cena V

*Londres. O parapeito da Torre.*

*Entram Gloster e Buckingham, com armaduras enferrujadas e numa admirável desordem.*

GLOSTER · Vamos, primo; tremer podes, acaso, mudar de cor, interromper o fôlego no meio do discurso e, após, de novo, começar a falar uma e mais vezes como quem estivesse delirando transido de terror?

BUCKINGHAM · Perfeitamente.

Sei imitar o trágico solene, olhar atrás, espiar à volta, em grandes discursos estirar-me, ficar trêmulo, estremecer de susto por um nada, suspeita aventar de grande alcance.

A meu serviço tenho olhares fúnebres, sorrisos contrafeitos, que executam de grado seus ofícios a toda hora, porque meus planos todos favoreçam. Mas Catesby partiu?

GLOSTER · Sim; mas ei-lo de volta com o prefeito.

*(Entram o lorde prefeito e Catesby.)*

BUCKINGHAM · Lorde prefeito...

GLOSTER · A ponte movediça!

BUCKINGHAM ·

Ouvi: som de tambores!

GLOSTER · A muralha,

Catesby! Cuidai disso.

BUCKINGHAM · Ao vos mandar buscar, lorde prefeito...

GLOSTER · Olha tuas costas!

Defende-te! São todos inimigos!

BUCKINGHAM · Deus e nossa inocência nos protejam!

*(Entram Lovel e Ratcliff com a cabeça de Hastings.)*

GLOSTER ·

Calma! Calma! São nossos companheiros: Ratcliff e Lovel.

LOVEL · Vedes a cabeça daquele vil traidor, o perigoso Hastings não suspeitado.

GLOSTER · Tanto afeto lhe dedicava, que conter as lágrimas a esta vista é impossível. Tive-o sempre pela criatura mais veraz e inócua que respirasse em toda a cristandade.

Fizera dele o livro em que minha alma fixara a história de seus mais secretos pensamentos. Com tanta habilidade soube ele disfarçar seus feios vícios com mostras de virtude que, tirante seu crime demonstrado, digo, o trato que ele mantinha com a mulher de Shore, a coberto vivia de suspeita.

**BUCKINGHAM** ·

Certo; foi o traidor mais resguardado que já viveu.

Poderíeis pensar, ou crer, ao menos, se por milagre, quase, não vivêssemos para vo-lo contar, que este astucioso traidor imaginara assassinar-nos hoje, em pleno Conselho, a mim e ao nobre Lorde de Gloster?

**PREFEITO** · Intentou tal coisa?

**GLOSTER** ·

Como! Tomais-nos por inficéis ou turcos?

Ou pensais que teríamos, acaso, ido de encontro às normas do direito no dar, com tanta urgência, a morte ao biltre, se não fosse o perigo que ameaçava nossas pessoas e até mesmo o reino nos ter forçado a esse ato decisivo?

**PREFEITO** · Que tudo vos sorria. Vossas Graças fizeram muito bem em dar-lhe a morte; é o que ele merecia. Isso há de medo infundir nos traidores do futuro.

Nunca esperei coisa nenhuma dele, desde que se meteu com Mistress Shore.

**BUCKINGHAM** ·

Não queríamos que ele a morrer viesse sem Vossa Senhoria ver-lhe o fim, o que o zelo impediu destes amigos, em parte contra nosso próprio alvitre. Desejara, milorde, que tivésseis ouvido como o biltre confessava trêmulo seus propósitos traiçoeiros, para que aos cidadãos os repetísseis, capazes, porventura, de atribuir-nos más intenções e lastimar-lhe a morte.

**PREFEITO** · Mas meu caro senhor, basta-me quanto me dissestes; é como se eu o tivesse visto e ouvido falar. Não tendes dúvida, mui nobres e leais príncipes, eu próprio

relatarei aos cidadãos virtuosos como andastes corretos nesta causa.

**GLOSTER** · Pois foi para esse fim que desejamos que Vossa Senhoria aqui estivesse, para evitar as críticas do mundo sempre pronto a ajuizar pela aparência.

**BUCKINGHAM** ·

Mais uma vez que, contra o nosso intento, não chegastes a tempo, testemunho dareis pelo que ouvistes sobre nossas intenções nisso tudo. E ora, meu caro lorde prefeito, aqui nos despedimos.

*(Sai o lorde prefeito.)*

**GLOSTER** · Vai atrás dele, corre, primo Buckingham; vai a Guildhall com ele a toda pressa.

Chegando lá, no instante mais azado alude à bastardia dos dois filhos de Eduardo e conta ao povo como Eduardo mandou matar um cidadão, somente por haver ele dito que faria do filho o herdeiro da coroa, sendo que aludia tão-só à própria casa que, pelo emblema, assim era nomeada. Descreve mais sua bestial luxúria sempre à procura de prazeres novos, que esposas atingia, filhas, servas, onde quer que seus olhos de rapina e o coração selvagem sem governo achassem fácil presa. Sendo o caso, podes chegar até minha pessoa.

Conta-lhes que no tempo em que se achava grávida minha mãe desse insaciável Eduardo, combatia em França o nobre Duque de York, o meu pai de régia estirpe, que à conclusão chegou, fazendo o cômputo exato das semanas, que o rebento não podia ser dele, o que em seus traços, aliás, se patenteava, diferentes em tudo aos do meu nobre pai, o duque. Mas tocai nisso muito pela rama, como que de passagem, pois, milorde, sabe-lo: minha mãe ainda está viva.

**BUCKINGHAM** ·

Não o duvideis, milorde, que o papel de orador eu farei como se a paga de ouro, por que me bato, fosse minha. E assim, milorde, adeus.

**GLOSTER** · Se conseguirdes tudo a contento, conduzi-os prestes ao Castelo Baynard onde hei de achar-me na santa companhia de eruditos bispos e reverendos sacerdotes.

**BUCKINGHAM** · Sigo já. Esperai pelas notícias de Guildhall mais ou menos às quatro horas.

**GLOSTER** · Com toda a urgência, Lovel, vai em busca do Doutor Shaw.

(Sai.)

(*A Catesby.*) Vai tu buscar frei Penker. Dizei-lhes que me venham ver no prazo de uma hora no Castelo de Baynard.

(Saem Lovel e Catesby.)

Agora vou entrar, para que possa confeccionar uma ordem reservada que liquide os fedelhos de Clarence, e ordenar que ninguém, em hora alguma, possa ser admitido junto aos príncipes.

(Sai.)

## Ato III · Cena VI

*O mesmo. Uma rua.  
Entra um copista.*

**COPISTA** · O ato de acusação contra o bom Lorde Hastings já está copiado, uma bela folha com letra grande, porque possa ser lido hoje em São Paulo. Agora vede como as coisas se seguem por si mesmas. Onze horas eu gastei neste trabalho, pois Catesby me enviou ontem à tarde

o original, que em tempo igual foi feito. No entanto apenas há cinco horas Hastings ainda vivia sem ser suspeitado, imaculado, livre, em liberdade. Belo mundo, realmente! Quem seria tão bronco que não visse tal embuste? Mas quem tão corajoso que o declare? Péssimo é o mundo, e acabará em nada porque tamanha infâmia é tolerada.

(Sai.)

## Ato III · Cena VII

*O mesmo. Pátio do Castelo Baynard.  
Entram Gloster e Buckingham, por lados diferentes.*

**GLOSTER** · Então, que tal? Os cidadãos que dizem?

**BUCKINGHAM** · Ora, ficaram mudos. Pela santa Mãe de Deus, ninguém disse uma palavra.

**GLOSTER** · Fizestes alusão à bastardia dos dois filhos de Eduardo?

**BUCKINGHAM** · Fiz; falei-lhes do contrato, também, com Lady Lucy, do casamento por procuração realizado na França, da insaciável avidez dos desejos, da violência feita a tantas mulheres da cidade, de sua tirania por nonadas, de sua bastardia, por ter sido

concebido no tempo em que se achava na França vosso pai, das feições dele que não fazem lembradas as do duque. Depois, passei-lhes a falar de vossa fisionomia, como sendo a cópia fiel da de vosso pai, não só na forma, como quanto à nobreza do intelecto. Relatei-lhes os vossos grandes feitos na Escócia, a disciplina nas campanhas, vosso saber na paz, vossa bondade, a virtude, a modéstia muito próprias... Cuidei de tudo, em suma, não deixando esquecido nenhum ponto importante que podia vos ser de algum proveito. E ao ver minha oratória terminada, disse-lhes: quem quiser o bem da pátria

grite comigo: “Deus guarde Ricardo, o mui nobre monarca da Inglaterra!”

**GLOSTER** · E eles assim fizeram?

**BUCKINGHAM** · Não, por Deus!

Ninguém falou palavra. Como estátuas ou pedras insensíveis, entreolhavam-se pálidos como a morte. A esse espetáculo, fiz-lhes censuras, tendo interrogado o prefeito a respeito do sentido daquela teimosia em não falarem.

Respondeu-me que o povo não tinha hábito de ser interpelado senão pelos prefeitos tão-somente. Então, forçado se viu a repetir minhas palavras:

“O duque assim concluiu, o duque disse deste modo...” mas nada em nome próprio.

Ao terminar, alguns dos meus criados, no fundo do recinto, sacudiram

os chapéus, exclamando umas dez vezes:

“Deus salve o Rei Ricardo!” Ao que eu, valendo-me dessa oportunidade, ripostei-lhes:

“Concidadãos e amigos, obrigado; estas exclamações francas e unânimes revelam vossa grande discrição e o amor que todos tendes a Ricardo”.

Neste ponto parei e vim embora.

**GLOSTER** · Que cepos mudos toda essa cambada!

Não quiseram falar? E acaso o lorde prefeito não virá com os vereadores?

**BUCKINGHAM** · Está à mão. Revelai algum receio; não faleis se não fordes muito instado.

Deveis apresentar-vos, caro lorde, com um livro de orações e entre dois pios sacerdotes, e, assim, com essa base construirei meu discurso edificante.

Não cedais facilmente aos nossos rogos; neste ponto fazei como as donzelas que dizem sempre não, mas vão cedendo.

**GLOSTER** · Bem; se pleiteardes com firmeza igual à que eu empregarei para esquivar-me, é certeza alcançarmos o objetivo.

**BUCKINGHAM** · Ide para o terraço. Eis o prefeito.

*(Sai Gloster.)*

*(Entram o lorde prefeito, vereadores e cidadãos.)*

Sois bem-vindo, milorde. Estou cansado de esperar pelo duque. Penso que ele não recebe ninguém.

*(Entra Catesby, saindo do castelo.)*

Catesby, e então?

Vosso mestre que disse ao meu pedido?

**CATESBY** · Ele suplica, instante, a Vossa Graça, nobre lorde, voltardes outro dia, amanhã ou depois. Está lá dentro com dois padres de muita reverência, inteiramente entregue às mais sublimes meditações. Assunto algum, terreno, poderá demovê-lo dessa prática.

**BUCKINGHAM** ·

Catesby, volta e ao nobre duque diz que eu, o prefeito e seus vereadores desejamos falar com Sua Graça sobre assunto de grande relevância que visa nada menos que ao bem público.

**CATESBY** · Sem demora vou pô-lo a par de tudo.

*(Sai.)*

**BUCKINGHAM** ·

Ah, milorde! bem vedes: este príncipe não é nenhum Eduardo! Este não vive recostado no leito da luxúria mas, de joelhos, passa todo o tempo rezando e meditando; não graceja com fúteis cortesãs, não; mas discute com teólogos assuntos de importância. A dormir, não engorda o corpo ocioso; opulenta, a rezar, a alma desperta.

Feliz da nossa pátria se este príncipe virtuoso a si chamasse o duro encargo de dirigir o reino. Mas receio que jamais consigamos demovê-lo.

**PREFEITO** · Deus não queira que o duque se recuse!

**BUCKINGHAM** ·

Estou muito apreensivo. Mas eis Catesby.

*(Volta Catesby.)*

Catesby, e então? Que disse Sua Graça?

**CATESBY** · Não atina com a causa que vos trouxe com tantos cidadãos a procurá-lo, sem ter sido Sua Graça previamente advertido de nada. Ele se teme, milorde, de algum mal de vossa parte.

**BUCKINGHAM** ·

Entristece-me ver que o nobre primo possa me suspeitar de não querer-lhe somente bem. Por Deus! Nossa visita só tem por móvel boas intenções.

Volta e diz isso mesmo a Sua Graça.

*(Sai Catesby.)*

Quando as pessoas santas e devotas  
estão com seus rosários, é difícil  
demovê-las do zelo religioso:  
tanto a contemplação é doce e grata!

*(Gloster aparece na galeria superior entre dois bispos.*

*Volta Catesby.)*

**PREFEITO** · Sua Graça ali está entre dois padres!

**BUCKINGHAM** · Duas estacas da virtude, próprias  
para impedir um príncipe cristão  
de cair em vaidade. Vede: um livro  
traz ele, de orações, sinal certíssimo  
por que reconhecemos o homem pio,  
Plantageneta ilustre, grande príncipe,  
concede-nos ouvidos favoráveis  
a este requerimento e nos perdoa  
por termos vindo interromper a tua  
devoção de cristão muito sincero.

**GLOSTER** · Não precisais, milorde, desculpar-vos.  
Eu, sim, é que suplico a Vossa Graça  
que me perdoe por haver posposto  
ao serviço de Deus os meus amigos  
que me vêm visitar. Mas, isso à parte,  
que deseja nesta hora Vossa Graça?

**BUCKINGHAM** · O que deseja Deus lá das alturas  
e os vassalos desta ilha sem governo.

**GLOSTER** · Temo haver perpetrado algum deslize  
que haja ofendido os olhos da cidade.  
Viestes me repreender por essa falta.

**BUCKINGHAM** · Com efeito, milorde, Vossa Graça  
quererá nos ouvir alguns momentos,  
para poderdes reparar a falta?

**GLOSTER** · Por isso vivo num país cristão.

**BUCKINGHAM** · Então ficai sabendo que consiste  
vossa falta em ceder a sede augusta,  
o majestoso trono, o ofício régio  
de vossos ascendentes, vosso estado  
natural, que no berço recebestes,  
a glória da real casa de onde vindes  
à corrupção de um galho desonrado.

A brandura dos vossos pensamentos  
adormecidos — que ora despertamos  
em bem da pátria — priva de seus membros  
esta ilha tão garrida. As cicatrizes  
da infâmia o belo rosto lhe deformam;  
seu tronco régio se acha sufocado  
pelos enxertos de daninhas plantas,  
quase imerso no pântano absorvente

da negra indiferença e o escuro oblévio.  
Para isso remediar, instantemente  
viemos pedir que vossa própria Graça  
chame a si o mais alto regimento  
deste vosso país, não como simples  
protetor, delegado ou substituto,  
nem obscuro feitor a cargo de outrem,  
mas como sucessor de sangue a sangue  
que a natural herança tem direito,  
vosso império, vós próprio. Por tudo isso,  
com estes cidadãos, vossos amigos  
respeitosos e fiéis, cedendo às suas  
instigações, em nome da justiça  
de nossa causa, venho a Vossa Graça  
certo de que hei de demover-nos o ânimo.

**GLOSTER** · Não sei se o retirar-me silencioso  
ou vos encher de repreensões amargas  
será mais condizente com o meu posto  
e vossa condição de requerentes.

Se nada eu responder, talvez com isso  
calculeis que a ambição de língua presa,  
por ter ficado muda, consentira  
em levar o áureo jugo do governo  
que me quereis impor a meu mau grado.  
Mas se eu vos censurar pelo pedido  
sazonado por vosso amor sincero,  
decerto irei magoar muitos amigos.

Assim, para falar, mas evitando  
bater naquele escolho, e, no decurso  
do que eu disser, não incidir no outro,  
definitivamente vos respondo:

Meus agradecimentos irrestritos  
merece o vosso amor; mas meu demérito  
não corresponde ao vosso alto pedido.

Primeiro, caso todos os obstáculos  
ficassem removidos, patenteando-se-me  
a estrada para o trono, como herança  
madura e jus do próprio nascimento,  
de tal maneira tenho pobre o espírito,  
tão grandes são os meus defeitos, tantos,  
que da minha grandeza eu me escondera —  
pequeno barco que o mar alto evita —  
antes de ser por ela dominado  
e asfixiado nos fumos da vanglória.

Mas, graças ao bom Deus, necessidade  
de mim não tendes. Mesmo que a tivésseis,  
não estaria em mim vos dar ajuda.

Deixou-nos um real fruto a árvore real,  
que, sazonado pelas horas bentas,  
adornará, decerto, o trono augusto  
da Majestade e nos fará felizes  
com seu governo. Ponho-lhe nos ombros  
todo o peso que viestes ora impor-me:  
o direito e a fortuna de seu signo.  
Não queira Deus que a defraudá-lo eu venha.

**BUCKINGHAM** ·

Consciência em Vossa Graça isso revela;  
mas as vossas razões se nos antolham,  
se bem considerarmos o problema,  
sem valor e triviais. Que seja Eduardo  
filho de vosso irmão, como o dissestes,  
é o que não contestamos; mas é filho  
de outra mulher, não da mulher de Eduardo.  
Primeiro, ele pedira Lady Lucy;  
vossa mãe, que ainda vive, é testemunha  
do que se deu. Depois, por delegados,  
o noivado firmou com Lady Bona,  
irmã do Rei da França. Postas ambas  
de lado, uma mesquinha suplicante,  
atribulada mãe de muitos filhos,  
beleza já fanada, infeliz viúva,  
que no ocaso se achava dos bons dias,  
fez presa e compra de seus olhos lúbricos,  
seduziu a grandeza de seu posto,  
ignominiosamente rebaixando-a  
ao estado de infame bigamia.

Nesse leito ilegítimo ele teve  
dela esse Eduardo a que chamamos príncipe,  
segundo velha praxe. Eu poderia  
prosseguir por maneira mais amarga,  
se o respeito a pessoa que ainda vive  
não me traçasse à língua estreitos lindes.

Por isso, meu bom lorde, aceitar deve  
vossa real pessoa o oferecido  
benefício da suma dignidade,  
se não por nosso bem e da Inglaterra,  
para livrar a vossa nobre casa  
da corrupção de uma época mesquinha  
por meio de uma sucessão legítima.

**PREFEITO** · Cedei, milorde; os cidadãos o pedem.

**BUCKINGHAM** · Não recuseis, milorde poderoso,  
tal oferta de amor.

**CATESBY** · Oh! Fazei todos  
felizes, concedendo o que vos pedem.

**GLOSTER** ·

Ai! Por que me depondes sobre os ombros  
tal fardo de cuidados? Eu não sirvo  
para o governo ou para a majestade.  
Não me leveis a mal, instante o peço,  
mas não quero nem posso ceder nisso.

**BUCKINGHAM** · Se por amor e zelo vos negardes  
a depor o menino, por ser ele  
filho de vosso irmão, pois conhecemos  
toda a ternura que vos enche o peito  
e a compaixão gentil e feminina  
que vos é própria, sempre que se trata  
de assuntos pertinentes à família  
e a muitas outras dignidades ainda:  
sabei que em qualquer caso, ou de anuência  
ou de recusa a quanto vos pedimos,  
jamais em nós há de reinar o filho  
de vosso irmão. No trono plantaremos  
qualquer pessoa, para eterno opróbrio  
e desgraça de toda vossa casa.  
Com esta decisão nos despedimos.  
Vamos, amigos; já falamos muito.

*(Saem Buckingham e os cidadãos.)*

**CATESBY** · Chamai-os, doce príncipe, de novo;  
acedei ao que pedem. Se reunirdes,  
todo o país virá a sofrer por isso.

**GLOSTER** · Quereis impor-me um mundo de cuidados?  
Chamai-os, pois.

*(Sai Catesby.)*

Não sou feito de pedra;  
por vossas carinhosas insistências  
me sinto penetrado, muito embora  
contra a minha consciência e o próprio gênio.

*(Tornam a entrar Buckingham e os outros.)*

Primo de Buckingham, e vós, sensatos  
concidadãos, já que quereis a sorte  
no dorso me depor, para que o peso  
dela eu suporte, a meu mau grado, embora,  
força é ter paciência e conformar-me.  
Mas se a negra calúnia ou o opróbrio horrendo  
no rasto dessa imposição me vierem,  
vossa própria insistência há de limpar-me  
de qualquer jaça, qualquer mancha impura,  
pois Deus o sabe e vós em parte vedes  
como estou longe de almejar tal coisa.

**PREFEITO** · Deus abençoe Vossa Graça! Vemos  
tudo isso, sim, e iremos proclamá-lo.

**GLOSTER** · Com o que não falareis senão verdade.  
**BUCKINGHAM** · Então eu vos saúdo com o real título:  
 Longa vida a Ricardo da Inglaterra!  
**TODOS** · Amém!  
**BUCKINGHAM** · Consentireis em ser coroado logo?  
**GLOSTER** ·  
 Já que o quereis, será quando o marcardes.

**BUCKINGHAM** ·  
 Amanhã, pois, por vós esperaremos.  
 E assim nos despedimos satisfeitos.  
**GLOSTER** (*aos bispos*).  
 Recomeçemos nosso pio estudo.  
 Adeus, meu primo; adeus, gentis amigos.

(Saem.)

## Ato IV · Cena I

*Londres. Diante da Torre.*

*Entram, por um lado, a Rainha Elisabete, a Duquesa de York e o Marquês de Dorset; pelo outro, Ana, Duquesa de Gloster, conduzindo Lady Margarida Plantageneta, filha pequena de Clarence.*

**DUQUESA** · Quem vim eu encontrar? Minha sobrinha Plantageneta, pela mão trazida da tia Gloster? Pela minha vida, ela vai indo à Torre, por impulso do terno coração, saudar os príncipes. Sede bem-vinda, filha.

**ANA** · Deus conceda a ambas dias alegres e felizes.

**RAINHA ELISABETE** ·

E a vós, boa irmãzinha. Para onde ides?

**ANA** · Até à Torre, somente, e, como creio, com as mesmas pias intenções que vós: para felicitar os gentis príncipes.

**RAINHA ELISABETE** ·

Obrigada, irmãzinha; entremos juntas.

(*Entra Brakenbury.*)

Eis o tenente que vem vindo a tempo.

Mestre tenente, por obséquio, como está passando o príncipe e o moço York?

**BRAKENBURY** · Perfeitamente bem, minha senhora, Mas desculpai-me: consentir não posso que os visiteis. O rei me deu severas ordens nesse sentido.

**RAINHA ELISABETE** · O rei! Quem é ele?

**BRAKENBURY** · Quero dizer, o lorde protetor.

**RAINHA ELISABETE** ·

Que o Senhor o proteja do real título.

Pensa ele, acaso, em levantar barreiras

entre mim e meus filhos? Sou mãe deles.

Quem, pois, me impedirá de visitá-los?

**DUQUESA** · Sou a mãe do pai deles; quero vê-los.

**ANA** · Por lei sou tia deles; no amor, mãe.

Leva-me aonde estão; assumo o risco, limpando-te de toda e qualquer culpa.

**BRAKENBURY** ·

Não, senhora; é impossível; não o consinto.

Prende-me um juramento; desculpai-me.

(Sai.)

(Entra Stanley.)

**STANLEY** · Nobre senhora, caso eu vos encontre dentro de uma hora, é certo que no posto de respeitoso espectador eu posso cumprimentar a Vossa Graça de York como graciosa mãe de duas belas rainhas.

(*À Duquesa de Gloster.*) É preciso que, depressa, vades a Westminster, muito real princesa, para serdes coroada, como esposa do Rei Ricardo.

**RAINHA ELISABETE** · Oh! Desatai-me o laço, porque possa bater o comprimido coração. Do contrário, ante essas novas perderei os sentidos.

**ANA** · Oh! que odioso recado! Que notícia abominável!

**DORSET** · Coragem, mãe! Que sente Vossa Graça?

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh! Não me fales, não, Dorset! Retira-te!

A morte e a destruição atrás te ladram.

É fatal para os filhos o só nome

de tua mãe. Se a morte evitar queres,

os mares atravessa e vai em busca

de Richmond, longe do poder do inferno.

Vai! Foge, fuge deste matadouro,  
se acrescentar não queres mais um número  
aos que morreram, e fazer que eu morra  
conforme a maldição de Margarida:  
nem esposa, nem mãe, nem soberana  
da Inglaterra.

STANLEY · Prudente é este conselho,  
minha senhora.

(*A Dorset.*) Aproveitai com urgência  
a vantagem das horas. Hei de cartas  
vos dar para meu filho, apresentando-vos.  
Haveis de achá-lo a vos servir disposto;  
que nada aqui vos poderá dar gosto.

DUQUESA · Oh vento portador só de misérias!  
Oh ventre amaldiçoado, leito fúnebre  
que lançaste no mundo um basilisco  
de olhar fatal, de que ninguém escapa!

STANLEY · Vinde, senhora; é urgente o meu recado.

ANA · Sigo-vos sem vontade alguma disso.  
Oh! Se o céu permitisse que a orla de ouro  
que a fronte vai cingir-me fosse de aço  
até ao rubro aquecido, para o cérebro  
me destruir de uma vez! Mortal veneno  
seja o óleo sacrossanto, porque eu morra  
antes de ouvir dizer: Deus salve a rainha!

RAINHA ELISABETE ·

Vai, coitadinha; não te invejo a glória;  
nenhum mal te deseja o meu destino.

ANA · Não! Por quê? Quando o meu presente esposo  
para mim veio, ao tempo em que eu seguia  
o cadáver de Henrique; quando apenas  
podia ter lavado as mãos do sangue  
daquele anjo que fora meu esposo  
e do defunto santo que eu seguia  
desfeita em lágrimas, ao ver Ricardo  
fiz-lhe este voto: “Sê maldito”, disse-lhe,  
“por de mim teres feito uma viúva  
velha, sendo eu tão moça. Que a tristeza,  
quando casares, te circunde o leito;  
que a tua esposa — se uma louca achares —  
seja mais infeliz com a tua vida

do que eu com a morte do meu jovem dono!”  
Mas vede! Antes que o tempo me sobrasse  
para dizer a maldição de novo,  
o fraco coração senti cativo  
de suas expressões açucaradas,  
tornando-me, desta arte, a própria vítima  
da minha maldição, que desde essa hora  
dos olhos me baniu todo sossego,  
porque em seu leito nunca o orvalho de ouro  
do sono me alegrou, sim pesadelos  
me traziam desperta a todo instante.  
Além do mais, ele me odeia, em vista  
de ser eu filha de Warwick. É certeza  
desfazer-se de mim em pouco tempo.

RAINHA ELISABETE ·

Coitada! Adeus! Lastimo-te o destino.

ANA · Como eu, de coração, lastimo o vosso.

RAINHA ELISABETE ·

Saudadora infeliz da glória, adeus!

ANA · Mísera, adeus, que dela te despedes!

DUQUESA (*a Dorset*) ·

Vai procurar Richmond. Felicidades!

(*A Ana.*) Dirige-te para onde está Ricardo.

Que os anjos te acompanhem.

(*À Rainha Elisabete.*) Ao santuário  
te dirige, onde achar possas consolo.

Eu vou para o meu túmulo, esperando  
vir a encontrar repouso e paz eterna.

Oitenta anos vivi, em que eram presas  
as poucas alegrias das tristezas.

RAINHA ELISABETE ·

Ainda um momento. Olhemos para a Torre.

Compaixão, pedras velhas, dos meninos  
que a inveja emparedou nos vossos muros!

Leito duro demais para os pequenos,  
ama áspera e selvagem, companheiros  
velhos e taciturnos dos folguedos  
de príncipes tão moços, cuidai deles!

Assim, de vossas pedras, como adrede,  
minha louca tristeza se despede.

(*Saem.*)

## Ato IV · Cena II

*O mesmo. Uma sala de Estado do palácio.*

*Clarins. Ricardo, em pompa, coroado; Buckingham, Catesby, um pajem e outros.*

**REI RICARDO** · Fiquem todos de lado. Primo Buckingham!

**BUCKINGHAM** · Meu gracioso soberano!

**REI RICARDO** ·

Dá-me a mão.

*(Sobe para o trono.)*

Desse modo, nesta altura, por teu conselho e teu auxílio, se acha sentado o Rei Ricardo. Mas devemos vestir toda esta glória um dia apenas, ou será perdurável, porque sempre tenhamos alegria?

**BUCKINGHAM** · Viva a glória quanto tempo de vida vós tiverdes!

**REI RICARDO** ·

Ah, Buckingham, agora eu faço o toque para ver se és, realmente, ouro legítimo. Vive o jovem Eduardo; ora adivinha quanto quero dizer.

**BUCKINGHAM** · Dizei-o, embora, meu caro soberano.

**REI RICARDO** · Ora meu primo, desejava ser rei.

**BUCKINGHAM** ·

Rei sois, de fato, meu três vezes ilustre soberano.

**REI RICARDO** ·

Sou rei? Que o seja: mas Eduardo vive.

**BUCKINGHAM** ·

É certo, nobre príncipe

**REI RICARDO** · Oh! Que amarga conseqüência que Eduardo esteja vivo: “É certo, nobre príncipe!” Antes, primo, não eras tão obtuso. É, pois, preciso que eu me torne mais claro: quero a morte dos bastardos e quero que isso seja resolvido depressa. Então, que dizes agora? Fala logo e sê conciso.

**BUCKINGHAM** ·

Vossa Graça fará como entender.

**REI RICARDO** · Bá, bá! Ficaste frio! Congelou-se todo o teu zelo! Dize-me se eu posso contar contigo para que eles morram?

**BUCKINGHAM** · Deixai-me respirar, meu soberano, refletir um momento. Não demora, virei vos dizer algo sobre o assunto.

*(Sai.)*

**CATESBY** *(à parte)* ·

O rei está zangado; morde os lábios.

**REI RICARDO** *(descendo do trono)* ·

Vou tratar desse assunto com malucos de espírito maciço, com rapazes de pouca reflexão. Não se coadunam com meus planos pessoas que me espiam com olhares muito atentos. Nas alturas Buckingham vai ficando circunspecto. Rapaz!

**PAJEM** · Milorde!

**REI RICARDO** ·

Conheces algum homem que se deixe levar pelo ouro sedutor a um ato secreto de homicídio?

**PAJEM** · Um gentil-homem conheço, descontente, cuja humilde posição não condiz com seu espírito por demais ambicioso. Junto dele o ouro tem a eloqüência de vinte hábeis oradores, capaz de demovê-lo a fazer não importa que façanha.

**REI RICARDO** · Como se chama?

**PAJEM** · Chama-se, milorde, Tyrrell.

**REI RICARDO** · Parece que o conheço. Corre, pequeno, vai chamá-lo.

*(Sai o pajem.)*

Esse finório

Buckingham, cujo espírito não pára de remexer as coisas, por mais tempo não será meu vizinho de conselho. Até agora pôde ele acompanhar-me sem se mostrar cansado. De repente, precisa tomar fôlego? Que seja!

*(Entra Stanley.)*

Lorde Stanley, então! Quais são as últimas?

**STANLEY** · Sabei, caro senhor, que o Marquês Dorset, pelo que me dizem, fugiu para Richmond, indo juntar-se-lhe na terra em que ele habita.

**REI RICARDO** · Ouve-me, Catesby,  
 espalha por aí que minha esposa  
 Ana está muito mal. Vou tomar todas  
 as precauções para retê-la em casa.  
 Procura-me, também, um gentil-homem  
 sem recursos, que sirva para esposo  
 da filha de Clarence. É caso urgente.  
 O rapaz é tontinho; não o temo.  
 Estás sonhando em pé? Torno a dizer-te  
 que espalhes a notícia da doença  
 de Ana, minha mulher: acha-se à morte.  
 Mãos à obra! Desde já me importa muito  
 cercear as esperanças cujo aumento  
 possa vir a me ser prejudicial.

(*Sai Catesby.*)

Preciso desposar minha sobrinha,  
 sem perder tempo. Do contrário, é como  
 se estivesse o meu reino em vidro frágil.  
 Privá-la dos irmãos e desposá-la!  
 Estranho modo de jogar as cartas!  
 Mas tão metido em sangue ora me encontro,  
 que um crime provoca outro. Nestes olhos  
 não se aloja a piedade choraminga.

(*Volta o pajem, com Tyrrell.*)

Teu nome é Tyrrell?

**TYRRELL** · James Tyrrell, vosso  
 súdito devotado.

**REI RICARDO** · Com certeza?

**TYRRELL** · Ponde-me à prova, meu gracioso lorde.

**REI RICARDO** · Estarias, então, determinado  
 a matar um amigo que eu mostrasse?

**TYRRELL** · Se isso vos agradar, mas preferira  
 que fossem dois imigos.

**REI RICARDO** · Pois vais tê-los.

São justamente dois grandes imigos,  
 perturbadores do meu doce sono  
 os que vais liquidar. Tyrrell, refiro-me  
 aos dois bastardos que na Torre se acham.

**TYRRELL** · Mostrai-me o meio de chegar até eles  
 e livre ficareis do medo deles.

**REI RICARDO** ·

Doce música é a tua. Ouve-me, Tyrrell:  
 fica com este penhor. Vem para perto.

(*Fala-lhe ao ouvido.*)

Não precisa mais nada; vem dizer-me  
 que já está feita a coisa, e obterás todo  
 meu afeto, fazendo-te eu ditoso.

**TYRRELL** · Vou cuidar disso já.

(*Sai.*)

(*Volta Buckingham.*)

**BUCKINGHAM** · Milorde, refleti bastante acerca  
 da pergunta que há pouco me fizestes.

**REI RICARDO** ·

Deixai. Dorset fugiu para Richmond.

**BUCKINGHAM** · Sim, milorde, disseram-me.

**REI RICARDO** ·

É vosso enteado, Stanley. Bem; cuidado!

**BUCKINGHAM** ·

Vim vos lembrar, milorde, da promessa  
 que me fizestes, penhorando nisso  
 a honra e a palavra: falo do condado  
 de Hereford e de todos os bens móveis  
 que, segundo o dissestes, meus seriam.

**REI RICARDO** ·

Vigiai de perto vossa esposa, Stanley.  
 Se ela vier a cartear-se com Richmond,  
 respondereis por isso.

**BUCKINGHAM** · Que responde  
 Vossa Grandeza ao meu pedido justo?

**REI RICARDO** ·

Lembro-me muito bem que Henrique VI  
 profetizou um dia que Richmond  
 viria a ser coroado, quando ainda  
 não passava este de um rapaz franzino.  
 Rei!... Pode ser...

**BUCKINGHAM** · Milorde!

**REI RICARDO** · Por que causa o profeta não me disse  
 nessa ocasião, se perto eu me encontrava,  
 que eu viria a matá-lo?

**BUCKINGHAM** · Prometestes,  
 milorde que o ducado me daríeis...

**REI RICARDO** ·

Richmond! Quando eu estive, há pouco tempo,  
 em Exeter, o prefeito, gentilmente  
 me levou ao castelo, a que deu nome  
 de Rougemont... Estremeci, ouvindo-o,  
 porque um bardo, na Irlanda, me dissera  
 que eu não teria vida muito longa  
 depois de ver Richmond.

**BUCKINGHAM** ·

Milorde!

**REI RICARDO** · Ah! Que horas são?

**BUCKINGHAM** · Tenho a ousadia  
 de lembrar Vossa Graça da promessa  
 que me foi feita.

**REI RICARDO** · Bem; mas que horas são?

BUCKINGHAM · Dez horas, quase.

REI RICARDO · Pois deixai que soem.

BUCKINGHAM · Por que deixar que soem?

REI RICARDO · Porque te  
[achas,

como o João do relógio, colocado  
entre o meu pensamento e o teu pedido.  
Não estou hoje em veia de presentes.

BUCKINGHAM · Dizei apenas se o quereis ou não.

REI RICARDO · Tu me incomodas; não estou de veia.  
(*Sai o Rei Ricardo com o séquito.*)

BUCKINGHAM · Ah, é assim? É com esse pouco caso  
que paga tudo o que lhe fiz? Para isso  
foi que o fiz rei? Pensemos no pobre Hastings.  
Irei para Brecknock, enquanto posso,  
enquanto não me cortam o pescoço.

## Ato IV · Cena III

*O mesmo.*

*Entra Tyrrell.*

TYRRELL · Já fiz a ação tirana e sanguinária,  
o mais infame e abominável feito  
de que esta terra se tornou culpada.  
Dighton e Forrest, subornados para  
levar a cabo essa carnificina  
despiedosa, conquanto requintados  
vilãos, cães sanguinários, derretendo-se  
de piedade e de doce compaixão,  
choravam como crianças ante o quadro  
da morte deles. “Desse modo”, disse  
Dighton, “estavam os gentis meninos”.  
“Sim”, disse Forrest, “ambos enlaçando-se  
nos inocentes braços de alabastro.  
Os lábios tinham como quatro rosas  
que se beijassem no mais belo estio.  
Um livro de orações se achava em cima  
da almofada dos dois; por pouco,” disse  
Forrest, “não se alterou meu pensamento.  
Mas o demônio...” Nessa altura o biltre  
se deteve. Porém continuou Dighton:  
“Asfixiamos as duas obras-primas  
mais admiráveis, certo, do que quantas  
já havia a natureza dado ao mundo”.  
Ambos se foram, com a consciência cheia  
de remorsos. Falar nenhum podia.  
Desse modo os deixei, para a notícia  
levar ao sanguinário soberano.  
Ei-lo que chega.

(*Entra o Rei Ricardo.*)

Salve, meu rei lorde!

REI RICARDO · Vão deixar-me feliz tuas notícias,  
amado Tyrrell?

TYRRELL · Se feliz ficardes  
com saber que está feito o que ordenastes,  
fiquei feliz, então, porque está feito.

REI RICARDO ·  
Mas viste os mortos?

TYRRELL · Vi, meu soberano.

REI RICARDO ·  
E enterrados também, meu caro Tyrrell?

TYRRELL · O capelão da Torre os enterrou,  
mas como e em que lugar, não sei dizer-vos.

REI RICARDO ·  
Vem ver-me, Tyrrell, logo após a ceia,  
para me relatares a sua morte.  
Pensa, entrementes, no que eu possa dar-te  
e o herdeiro sejas do teu próprio anelo.  
Adeus.

TYRRELL · Humildemente me despeço.

(*Sai.*)

REI RICARDO · Mandei prender o filho de Clarence;  
dei um marido desigual à filha;  
os dois filhos de Eduardo estão dormindo  
no seio de Abraão; minha esposa Ana  
já deu Boa noite ao mundo. Ora, sabendo  
que pretende o bretão Richmond casar-se  
com a minha sobrinha Elisabete  
e que olha altivo para o trono, graças  
a esse enlace, para ela me dirijo,  
pretendente jovial e prazenteiro.

(*Entra Catesby.*)

CATESBY · Milorde!

REI RICARDO · Para entrares assim, trazes notícias  
boas ou más?

**CATESBY** · Ruins notícias. Morton fugiu para Richmond. Há mais, que Buckingham, por audazes galenses reforçado, se acha em campo; sua força está crescendo.

**REI RICARDO** · Muito mais apreensivo fico à nova de Ely e Richmond do que ante o que me dizes dos recrutas de Buckingham. Em campo!

Aprendi que o medroso comentário é o servidor de chumbo da demora

sonolenta. A demora traz consigo a pobreza impotente e rastejante. Seja a celeridade minhas asas, o Mercúrio de Jove, real arauto! Arranja tropas; meu conselho é escudo resistente; sejamos expeditos, quando a revolta nos acorda a gritos.

(*Saem.*)

## Ato IV · Cena IV

*O mesmo. Diante do palácio.  
Entra a Rainha Margarida.*

**RAINHA MARGARIDA** ·

Fica a prosperidade, assim, madura e cai nas fauces pútridas da morte. Pus-me astuciosamente neste ponto para o ocaso espreitar dos meus imigos.

Já presenciei um bárbaro prefácio. Vou para a França, com a expectativa de que a continuação seja igualmente negra, amargosa e trágica. Retira-te, infeliz Margarida. Quem vem vindo?

(*Entram a Rainha Elisabete e a Duquesa de York.*)

**RAINHA ELISABETE** ·

Ah, meus filhos, meus príncipes queridos, botões mimosos, doces esperanças, se.vossas gentis almas ainda pairam pelo ar, se acaso imóveis não se encontram por nenhuma sentença permanente, adejai ao redor de mim com vossas asas aéreas e escutai as queixas e vossa aflita mãe.

**RAINHA MARGARIDA** · Vinde dizer-lhe que da justiça eterna o duro açoite mudou vossa manhã em velha noite.

**DUQUESA** · Tão fraca tenho a voz pelo infortúnio, que a língua, fatigada de queixumes, se me torna parada e silenciosa.

Como foste morrer, Plantageneta? Por que deixaste de viver, Eduardo?

**RAINHA MARGARIDA** ·

Paga a dívida, assim, Plantageneta a outro Plantageneta; um Eduardo a outro, morrendo, a mortal dívida resgata.

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh Deus! Atras tenras ovelhinhas às entranhas do lobo? Onde dormias, quando esta feia ação foi praticada?

**RAINHA MARGARIDA** ·

Onde a morte não viu do santo Henrique nem do meu doce filho.

**DUQUESA** · Vida morta, vista cega, fantasma de um vivente, sede da dor, vergonha do universo, propriedade do túmulo, que a vida já de muito usurpou, resumo rápido, recordação de dias infundáveis de sofrimento, oh alma inquieta sempre! repousa um pouco sobre o legal solo da Inglaterra, tornado ilegalmente bêbedo com o sangue de inocentes.

(*Senta-se no chão.*)

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh terra! Se pudesses conceder-me logo uma sepultura, como podes arranjar-me um repouso melancólico! Então, em vez de dar repouso aos ossos, aqui mesmo os guardara. Quem tem causas, senão só eu, de se queixar da vida?

(*Senta-se ao lado da duquesa.*)

**RAINHA MARGARIDA** ·

Se a dor antiga inspira reverência mais do que as outras, concedei à minha, pelo menos nesta hora, o privilégio da ancianidade, permitindo que ela fique em primeira plana.

(*Senta-se ao lado das duas.*)

Caso as mãgoas admitam sociedade, novamente contai as vossas, tendo ao lado as minhas.

Tive um Eduardo, até ser ele morto por um Ricardo; meu era um Henrique, mas um Ricardo mo tirou dos braços; um Eduardo tiveste, enquanto a morte pela mão de Ricardo o não levou; um Ricardo tiveste, até que morto fosse por um Ricardo.

**DUQUESA** · Eu também tive um Ricardo; por ti foi ele morto; um Rutland também tive, e foste parte na morte dele.

**RAINHA MARGARIDA** · Teu foi um Clarence, também, mas morto foi por um Ricardo. Esgueirou-se da cova de teu ventre um mastim infernal que se diverte caçando-nos de morte, um cão que teve dentes antes dos olhos, porque ovelhas dilacerasse e lhes bebesse o sangue.

O fero destruidor da obra divina, esse tirano sem igual na terra, que o império tem em olhos tumefeitos de pessoas que choram, de teu ventre pôde fugir, tão-só para lançar-nos na sepultura. Oh Deus, o verdadeiro distribuidor da celestial justiça! como te sou agradecida, em vista de devorar esse mastim os frutos do ventre de sua mãe e de obrigá-la a se associar ao sofrimento alheio!

**DUQUESA** · Mulher de Henrique, não te rejubiles com a minha dor, que Deus é testemunha de que eu também sofri como que sofreste.

**RAINHA MARGARIDA** · Perdão; eu tenho fome de vingança e fico satisfeita em contemplá-la. Morreu o teu Eduardo, que matara meu Eduardo; morreu teu outro Eduardo, para me compensar do meu Eduardo. Ao lado deles, York é secundário, que ambos muito aquém ficam da grandeza da minha imensa perda. O teu Clarence que matou meu Eduardo, já foi morto, bem como todos os espectadores daquela peça trágica: o falso Hastings, Vaughan, Rivers e Grey, já, prematuros, foram lançados na sombria cova.

Ricardo apenas vive, o negro agente do inferno, a quem foi dado o triste encargo de comprar almas para o reino escuro. Mas não demora, não demora! Perto já vem seu triste fim e não chorado. A terra se escancara, o inferno abrasa, os demônios regougam, rezam santos para que ele daqui seja levado sem mais tardança. Oh Deus! Rasga-lhe o título da existência, porque ainda eu tenha vida para dizer: Morreu esse cachorro!

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh! Tu profetizaste que haveria de chegar o momento em que eu te fosse pedir auxílio para lançar minha maldição nessa aranha barriguda, nesse sapo disforme e repugnante!

**RAINHA MARGARIDA** ·

Então, eu disse que eras tão-somente o fantasma da minha antiga dita, pobre sombra, rainha de pintura, arremedo do que eu havia sido, lisonjeira feição de uma tragédia dolorosa, mulher posta nos píncaros para ser logo derrubada, mãe irrisória de dois filhos belos, um sonho do que foras, um suspiro, simples bolha, uma insígnia de nobreza, pendão vistoso para ficar alvo de tiros perigosos, soberana de brincadeira para encher a cena. Onde está teu marido? Onde os irmãos? Teus dois filhos? As tuas alegrias? Quem te faz um pedido e se ajoelha, para gritar que Deus proteja a rainha? Os pares onde estão, que te adulavam? As grandes multidões que te seguiam? Relembra agora quanto foste, para veres ao que desceste: em vez de esposa feliz, uma viúva desditosa; em vez de mãe alegre, em desespero ao só nome de mãe; em vez de ver-se solicitada, alguém que humilde pede; em vez de uma rainha, verdadeira cativa coroada de cuidados; em vez de uma criatura que me tinha

desprezo, desprezada por mim própria;  
em vez de comandar a todo o mundo,  
não ser obedecida por ninguém.

Assim virou a roda da justiça  
para de ti fazer presa do tempo,  
deixando-te a lembrança do que foste  
para que sofras mais com o que és agora.

O lugar me usurpaste; por que causa  
não haverias de usurpar-me as dores?

Metade do meu fardo já se encontra  
nesse pescoço altivo; desprendendo  
de sob ele a cabeça fatigada,

deixo que por inteiro em ti ele pese.

Adeus, esposa de York; adeus, rainha  
de sorte desditosa; a dor inglesa  
vai-me deixar na França sem tristeza.

**RAINHA ELISABETE** ·

Oh tu que em maldições tens experiência,  
a amaldiçoar me ensina os inimigos.

**RAINHA MARGARIDA** ·

Passa vîgil as noites e jejuna  
todos os dias; as tristezas vivas  
compara com as venturas do passado;  
imagina teus filhos mais bonitos  
do que eles eram e o assassino deles  
mais monstruoso do que é. Se exagerares  
tua perda, de pronto o mal se agrava  
e a maldizer aprendes como escrava.

**RAINHA ELISABETE** ·

São fracos os meus termos; dá-me os teus.

**RAINHA MARGARIDA** ·

A dor os deixará iguais aos meus.

(*Sai.*)

**DUQUESA** · Por que a calamidade é faladora?

**RAINHA ELISABETE** ·

Procuradores aéreos da desgraça,  
sucessores vazios de alegrias  
que não foram testadas, oradores  
infelizes de males: dai-lhes ansa!  
Muito embora não sirvam para nada,  
a alma deixam da dor desabafada.

**DUQUESA** · Então não fiques muda; vem comigo;  
com o sopro de palavras amargas  
asfixiemos meu filho amaldiçoado  
que asfixiou teus dois filhos tão mimosos.

(*Ouve-se toque de trombeta.*)

Estás ouvindo? Em maldições sê pródiga.

(*Entra o Rei Ricardo, com sua comitiva, em marcha.*)

**REI RICARDO** ·

Quem ousa interceptar o meu caminho?

**DUQUESA** · Quem teria podido interceptar-se,  
em seu maldito ventre te asfixiando,  
para evitar os crimes, miserável,  
que no mundo fizeste!

**RAINHA ELISABETE** · A fronte escondes  
nessa coroa de ouro? Se a justiça  
fosse justiça, nela se veria

com fogo assinalada a triste morte  
do verdadeiro dono da coroa,  
de meus irmãos, dos meus queridos filhos.  
Oh miserável, onde estão meus filhos?

**DUQUESA** · Sapo, onde está o teu irmão Clarence?  
Onde o seu filho, o pequenino Ned  
Plantageneta?

**RAINHA ELISABETE** · E Rivers, Vaughan, Grey?

**DUQUESA** ·

E o bondoso Hastings? Que foi feito dele?

**REI RICARDO** ·

Clarins! Trombetas! Toques de tambores!  
Que o céu não ouça essas mulheres loucas  
no ungido do Senhor lançar insultos.

(*Clarins, tambores.*)

Ou me falai em termos e com calma,  
ou afogarei nestes clamores bélicos  
vossas exclamações disparatadas.

**DUQUESA** · És meu filho?

**REI RICARDO** · Decerto; a Deus dou graças,  
a meu pai e a vós mesma.

**DUQUESA** · Então escuta  
pacientemente a minha impaciência.

**REI RICARDO** ·

Tenho o gênio, senhora, como o vosso,  
incapaz de agüentar qualquer censura.

**DUQUESA** · Oh! Deixa-me falar!

**REI RICARDO** · Seja! Eu não ouço.

**DUQUESA** · Só direi termos brandos e afetuosos.

**REI RICARDO** ·

Sede concisa, mãe, que eu tenho pressa.

**DUQUESA** · Estás tão apressado? Só Deus sabe  
quanto esperei por ti no meu tormento.

**REI RICARDO** ·

E, afinal, não vos trouxe algum consolo?

**DUQUESA** · Sabes que não, pelo sagrado lenho.  
Tua vinda me fez da terra o inferno;  
teu nascimento foi pesado fardo;  
impertinente e má foi tua infância;  
como escolar, terrível e selvagem,  
ruim, furioso, bárbaro; no tempo  
da adolescência, audaz e aventureoso;  
como homem, sanguinário, cruel, hipócrita,  
orgulhoso e sutil; no ódio, mais calmo,  
por isso mesmo muito mais daninho.  
Poderias mostrar-me uma hora, ao menos,  
de prazer que me houvesse ensejado  
com tua companhia?

**REI RICARDO** · Não, decerto,  
se não for a hora de Humphrey, como era hábito  
Vossa Graça dizer quando almoçava  
sem minha companhia. Mas se eu causo  
tão grande desconforto a vossa vista,  
deixai que eu parta, sem vos dar desgosto.  
Tocai, tambores!

**DUQUESA** · Por obséquio, escuta-me!

**REI RICARDO** · Soi muito azeda.

**DUQUESA** · Uma palavra apenas.

**REI RICARDO** · Que seja!

**DUQUESA** · Ou morres por decreto de Deus justo,  
antes de vitorioso retornares  
desta guerra, ou, de velha e de tristeza  
morrerei sem tornar a ver-te o rosto.  
A minha maldição, por isso, leva,  
que te deixe no dia da batalha  
mais cansado que o peso da armadura  
que nessa hora envergares. Minhas preces  
ao lado lutarão dos teus contrários;  
as pequeninas almas dos dois filhos  
de Eduardo hão de, em segredo, nos ouvidos  
falar dos teus inimigos, prometendo-lhes  
vitória e êxito pleno. És sanguinário;  
vais ter banhado em sangue o teu sudário.

(*Sai.*)

**RAINHA ELISABETE** ·

Embora eu tenha muito mais motivos  
para te amaldiçoar, falta-me o espírito  
necessário; só sei dizer Amém.

(*Faz menção de se retirar.*)

**REI RICARDO** · Senhora, uma palavra, por obséquio!

**RAINHA ELISABETE** ·

Já não tenho outros filhos de real sangue  
que tu possas matar, que minhas filhas,

Ricardo, vão rezar dentro de um claustro,  
não chorar sobre o trono. Não atentes,  
por isso, contra a vida das coitadas.

**REI RICARDO** · Elisabete, vossa filha é bela,  
de condição real e muito digna.

**RAINHA ELISABETE** ·

E vai morrer, por isso, a coitadinha?

Oh! Deixai-a viver! Vou conspurcar-lhe  
toda a beleza e corromper-lhe os hábitos;  
darei que eu própria fui infiel a Eduardo;  
sobre ela atirarei o véu da infâmia.

Porque não caia do assassino à fúria,  
proclamarei ser ela filha espúria.

**REI RICARDO** ·

Não lhe manches o berço; é de real sangue.

**RAINHA ELISABETE** ·

Para salvá-la, negarei até isso.

**REI RICARDO** ·

Assegura-lhe a vida o nascimento.

**RAINHA ELISABETE** ·

Assim, seguros, seus irmãos morreram.

**REI RICARDO** · Foi tudo força de funestos astros.

**RAINHA ELISABETE** ·

Não; inimigos maus é que o quiseram.

**REI RICARDO** · São fatais os decretos do destino.

**RAINHA ELISABETE** ·

Quando o destino pelos maus é feito.

Aos meus filhos tocara pela morte,  
se o céu te houvesse dado vida bela.

**REI RICARDO** ·

Dais a entender que assassinei meus primos.

**RAINHA ELISABETE** ·

Primos, realmente, as minhas obras-primas,  
pelo tio privados do conforto,  
da liberdade, da família, reino,  
da própria vida, enfim. Fosse qual fosse  
a mão que lhes furasse o terno peito,  
partiu dessa cabeça a ordem para isso,  
por caminhos tortuosos. É verdade  
que o cutelo assassino ficaria

sem corte algum, se afiado ele não fosse  
no coração de pedra do teu peito,  
para orgia fazer nas tenras carnes

das minhas ovelhinhas. Se a dor bárbara  
com o próprio tempo não ficasse branda,  
não te gritara o nome de meus filhos  
sem que estas unhas encontrassem porto  
para âncora lançarem nos teus olhos.

E eu, pobre barco, na mortal baía,  
a vela rota, a cordoalha esfeita,  
me quebrantara nesse pétreo peito.

**REI RICARDO** ·

Senhora, possa eu ter um bom sucesso  
nesta empresa de guerra sanguinosa,  
como desejo bem a vós e as vossos,  
sem nunca vos ter feito nenhum dano.

**RAINHA ELISABETE** ·

Que bem o céu encobre e vai ser visto,  
porque eu senti-lo possa?

**REI RICARDO** · A elevação  
de vossos próprios filhos, gentil dama.

**RAINHA ELISABETE** ·

Ao cadafalso, para aí morrerem?

**REI RICARDO** · À dignidade, aos cimos da fortuna,  
à real imagem da terrena glória.

**RAINHA ELISABETE** ·

Adula a minha dor com tua fala:  
dize-me o estado, a dignidade, o título  
que a qualquer filho meu conceder podes.

**REI RICARDO** ·

Tudo o que tenho; sim, eu próprio, tudo  
doarei a um dos teus filhos, porque possas  
no Letes do teu peito atribulado  
mergulhar a lembrança dolorosa  
dos males que supões te haver eu feito.

**RAINHA ELISABETE** ·

Então sê breve, para que este acesso  
de bondade, ao ser dito, tenha dura  
maior do que a bondade que te é própria.

**REI RICARDO** · De coração direi que amo tua filha.

**RAINHA ELISABETE** ·

De coração a mãe de minha filha  
pensa isso mesmo.

**REI RICARDO** · Que pensais, portanto?

**RAINHA ELISABETE** ·

Que amas a minha filha idolatrada,  
de todo o coração, tal como amavas  
seus irmãos. De igual modo, do mais fundo  
do coração, eu te agradeço tudo.

**REI RICARDO** · Não dês sentido irônico ao que digo.

Disse que amo tua filha do mais fundo  
do coração, e assim, vou fazer dela

Rainha da Inglaterra.

**RAINHA ELISABETE** · Bem; e o esposo,  
quem pretendes que seja?

**REI RICARDO** · Justamente  
quem dela vai fazer rainha, não?

**RAINHA ELISABETE** · Como! Tu?

**REI RICARDO** · Precisamente. Que pensais do caso?

**RAINHA ELISABETE** ·

De que maneira a corte lhe farias?

**REI RICARDO** · Isso convosco aprenderei, por terdes  
cabal conhecimento do seu gênio.

**RAINHA ELISABETE** ·

Quererás que to ensine?

**REI RICARDO** · Sim, senhora;  
de todo o coração.

**RAINHA ELISABETE** · Então lhe envia  
pelo homem que matou seus irmãozinhos  
dois corações sangrentos, em que estejam  
gravadas as palavras: York e Eduardo.  
É possível que chore; de presente,  
lhe manda um lenço — como Margarida  
fez com teu pai, mandando-lhe um no sangue  
de Rutland mergulhado — que tivesse  
bebido a seiva rútila do corpo  
de seu irmão, e dize-lhe que enxugue  
com ele as ternas lágrimas. Se o mimo  
não tiver o poder de demovê-la,  
escreve-lhe uma carta em que relates  
tuas nobres ações; conta-lhe como  
liquidados por ti foram seus tios  
Clarence e Rivers e, por causa dela,  
tão-somente, apressaste a despedida  
de Ana, sua boa tia. Conta-lhe isso.

**REI RICARDO** ·

Senhora, estais zombando; desse modo,  
não poderei chegar a vossa filha.

**RAINHA ELISABETE** ·

Não conheço outro; a menos que pudesses  
assumir outra forma, sem mais seres  
o Ricardo assassino deles todos.

**REI RICARDO** · Dizei-lhe que por ela fiz tudo isso.

**RAINHA ELISABETE** ·

Ela terá de odiar-te, por haveres  
comprado o amor com tão sangrento espólio.

**REI RICARDO** · Vede,

o que está feito já não tem remédio.

Por vezes o homem faz algum dislate,  
de que venha mais tarde a arrepende-se.

Se a vossos filhos eu privei do trono,  
em recompensa a vossa filha o entrego.

Se os frutos eu matei de vosso ventre,  
 para vos aumentar os descendentes,  
 em vossa filha gerarei herdeiros  
 de quem serás avó, nome não menos  
 caro do que o de mãe. Vossos serão  
 do mesmo modo, um grau, somente, abaixo,  
 mas do mesmo vigor, do mesmo sangue.  
 Os mesmos sofrimentos vos custaram,  
 salva uma noite, apenas, de gemidos,  
 sofridos por quem vós iguais sofrestes.  
 Vossos filhos encheram-vos de luto  
 na mocidade; os meus só de consolo  
 vos servirão nos dias da velhice.  
 Vossa perda consiste só num filho  
 que deixou de ser rei; mas dessa perda  
 resulta ser rainha vossa filha.  
 Dar-vos não me é possível mais escusas;  
 aceitai, pois, o bem que dar vos posso.  
 Dorset, o vosso filho, que a alma tímida  
 passeia, descontente, no estrangeiro,  
 será, por essa aliança, incontinenti,  
 chamado para a pátria, porque seja  
 promovido às mais altas dignidades.  
 O rei que chama esposa à vossa filha,  
 familiarmente o chamará de irmão.  
 Sereis de novo mãe de um soberano,  
 ficando reparadas as ruínas  
 de um passado infeliz, pelos tesouros  
 duplamente valiosos da alegria.  
 Ainda temos na frente belos dias;  
 as claras gotas de água que chorastes  
 se mudarão em pérolas do Oriente,  
 pagando-vos o empréstimo com juros  
 vinte vezes maior, só de venturas.  
 Ide, mãe; ide; vede vossa filha;  
 vossa experiência há de infundir coragem  
 a seus tímidos anos; os ouvidos  
 lhe preparai para escutar o canto  
 de um pretendente; no seu tenro peito  
 lançai a chama altiva da realeza;  
 tornai-a familiar com as silenciosas  
 e doces horas das felizes núpcias.  
 Quando este braço houver dado o castigo  
 ao pequeno rebelde e cabeçudo  
 Buckingham, voltarei com a fronte ornada  
 dos louros da vitória, para ao leito  
 de um vencedor encaminhar tua filha,  
 a quem entregarei o rico espólio,  
 assim tornando-a o César deste César.

**RAINHA ELISABETE ·**

Como devo dizer-lhe: que esposá-la  
 deseja o irmão do pai, ou é preferível  
 chamar-lhe tio? Ou o homem, simplesmente,  
 que os tios lhe matou e os irmãozinhos?

Que título escolher, para pedi-la,  
 que Deus, a lei, minha honra deixar possam  
 mais agradável a seus tenros anos?

**REI RICARDO ·** Dizei-lhe que decorre dessa aliança  
 tranqüilidade para a nossa pátria.

**RAINHA ELISABETE ·**

Que ela há de conseguir com dura guerra.

**REI RICARDO ·**

Dizei-lhe que lhe pede um rei que manda.

**RAINHA ELISABETE ·**

Pede-lhe o que proíbe o Rei dos reis.

**REI RICARDO ·** Ela se tornará grande rainha.

**RAINHA ELISABETE ·**

Para, como sua mãe, chorar o título.

**REI RICARDO ·**

Dizei-lhe que hei de amá-la eternamente.

**RAINHA ELISABETE ·**

Mas quanto tempo o “eternamente” dura?

**REI RICARDO ·** Durará tanto quanto a vida dela.

**RAINHA ELISABETE ·**

E a sua bela vida será longa?

**REI RICARDO ·** Quanto o céu o quiser e a natureza.

**RAINHA ELISABETE ·**

Quanto o quiser Ricardo e o negro inferno.

**REI RICARDO ·**

Dizei-lhe que eu, seu rei, sou seu vassalo.

**RAINHA ELISABETE ·**

Mas, vassala, tem ela ódio à realeza.

**REI RICARDO ·** Sede eloqüente a meu favor junto a ela.

**RAINHA ELISABETE ·**

Deve ser curta uma proposta honesta.

**REI RICARDO ·**

Sede, pois, breve, ao lhe dizer que a adoro.

**RAINHA ELISABETE ·**

Breve mas desonesto, é estilo duro.

**REI RICARDO ·** Argumentais por cima e com viveza.

**RAINHA ELISABETE ·**

Não, com profundidade e em tom funéreo,  
 como meus filhos, mortos, em seus túmulos.

**REI RICARDO ·** Não insistais, senhora, nessa corda.

**RAINHA ELISABETE ·**

Hei de insistir, contudo, até que a corda  
 do coração se parta.

REI RICARDO · Por meu Jorge,  
minha liga, meu trono...

RAINHA ELISABETE · Profanado,  
desonrada, usurpado...

REI RICARDO · Juro...

RAINHA ELISABETE · Nada!  
Não jureis, que essa jura não vos prende.

Teu Jorge já perdeu a honra sagrada;  
manchada, a liga sem virtude se acha;  
usurpado, o real trono não tem glória.  
Se queres que eu te creia, faz a jura  
por algo que não tenhas conspurcado.

REI RICARDO ·  
Está bem: pelo mundo...

RAINHA ELISABETE · Esse está cheio  
de teus crimes.

REI RICARDO · A morte de meu pai...

RAINHA ELISABETE ·  
Tua vida a manchou.

REI RICARDO · Então, por mim...

RAINHA ELISABETE ·  
Tu próprio te aviltaste.

REI RICARDO · Nesse caso,  
por Deus...

RAINHA ELISABETE · Deus em tudo isso está ofendido.

Se temesses quebrar um juramento  
feito em seu nome, não terias nunca  
quebrado a união feita por meu marido;  
meus irmãos ainda vivos estariam.

Se temesses quebrar um juramento  
feito em seu nome, essa imperial coroa

que te cinge a cabeça, fora posta  
na mimosa cabeça de meu filho,  
vivos estando, ainda, os meus dois príncipes,  
que ora, associados à poeira dura,  
tua perfídia fez presa dos vermes.  
Por que podes jurar?

REI RICARDO · Pelo futuro.

RAINHA ELISABETE ·  
Ofendido por ti foi no passado.  
Eu própria hei de lavar com minhas lágrimas  
o futuro por quanto me fizeste;  
vivem ainda os filhos das pessoas  
que assassinaste, abandonados jovens  
que se não de lastimar por toda a vida;  
ainda vivem os pais dos que mataste,  
velhas plantas mirradas, que não de o grande  
infortúnio chorar por toda a vida.  
Pelo futuro, não; isto te baste:

com teus crimes passados o manchaste.

REI RICARDO · Se sincero não for o meu propósito  
de reparar todas as minhas faltas,  
desejo fracassar neste guerreiro  
cometimento. Eu próprio me confunda!  
Privem-me da alegria o céu e a sorte.  
Dia, tira-me a luz! Noite, o repouso!  
Que os astros bons a mim sejam adversos,  
se não for com os mais puros sentimentos,  
imaculada devoção e pias  
intenções que eu aspiro a ser o dono  
da beleza de tua nobre filha.

Nossa felicidade nela se acha.  
Sem ela, sobre mim cair já vejo,  
sobre ela própria, sobre ti, sobre almas  
cristãs inumeráveis, sobre a pátria,  
morte e desolação, ruína e ocaso.  
Só esse enlace poderá evitá-lo.

Por isso, cara mãe — assim vos chamo —  
sede o advogado do meu puro amor;  
mostrai-lhe o que hei de ser, não meu passado;  
não quanto sou, mas quanto ainda me espera.  
Falai-lhe sobre as condições do tempo,  
sobre a necessidade, sem mostrar-vos  
mesquinha em se tratando de altos planos.

RAINHA ELISABETE ·  
Terei de ser tentada pelo diabo?

REI RICARDO · Sim, se para algo bom fores tentada.

RAINHA ELISABETE ·  
Eu própria esquecerei que sou eu mesma?

REI RICARDO · Sim, se a vossa lembrança prejudica.

RAINHA ELISABETE ·  
No entanto, és o assassino de meus filhos.

REI RICARDO · Para enterrá-los, sim, em vossa filha.  
É nesse seio odoro que eles não de  
renascer para vosso próprio alívio.

RAINHA ELISABETE ·  
Terei de lhe falar a teu respeito?

REI RICARDO ·  
Mãe feliz ficareis, se assim fizerdes.

RAINHA ELISABETE ·  
Pois bem, fá-lo-ei. Escreve-me depressa,  
porque saibas o que ela tiver dito.

REI RICARDO ·  
Meu beijo lhe levei. E agora, adeus!

(Beija-a.)

(Sai a Rainha Elisabete.)

Louca sentimental! Mulher mudável!

(Entra Ratcliff; Catesby o segue.)

Então, que novidades?

**RATCLIFF** · Poderoso senhor, na costa oeste vê-se uma grande armada. Pelas praias se apinha multidão de amigos dúbios, de coração vazio, desarmados e incapazes da mínima defesa.

Richmond é o almirante, é o que eles dizem, parados todos, a esperarem Buckingham, que deve vir desembarcar o imigo.

**REI RICARDO** ·

Manda ao Duque de Norfolk um dos nossos amigos expeditos; vai tu próprio, ou Catesby. Onde Catesby se encontra?

**CATESBY** · Aqui, milorde.

**REI RICARDO** · Catesby, depressa, vai procurar o duque.

**CATESBY** · Irei, milorde,

com a maior rapidez que for possível.

**REI RICARDO** · Ouve-me, Ratcliff; corre a Salisbury, chegando lá...

(*A Catesby.*) Idiota, desmiolado,

que fazes que não corres para o duque?

**CATESBY** · Primeiro, poderoso soberano, me deverá dizer Vossa Grandeza o que é preciso que eu lhe comunique.

**REI RICARDO** · É verdade, bom Catesby. Ele deve levantar, sem demora, toda a força que possível lhe for e vir reunir-se-me em Salisbury com a maior urgência.

**CATESBY** · Irei.

(*Sai.*)

**RATCLIFF** · É em Salisbury que farei, milorde?

**REI RICARDO** ·

Que poderás fazer na minha ausência?

**RATCLIFF** · Vossa Grandeza disse que eu fosse antes.

(*Entra Stanley.*)

**REI RICARDO** · Mas já mudei de idéia. Que notícias, Stanley, nos vens trazer?

**STANLEY** · Nenhuma boa bastante para ouvirdes com agrado, mas nenhuma, também, tão grave, acaso, que não vos possa ser logo contada.

**REI RICARDO** · Olá! Temos charada? Nem tão boa, nem tão ruim... Por que dás tantas voltas, se contar podes toda a tua história pelo atalho mais curto? Novamente: que notícias?

**STANLEY** · Richmond está nos mares.

**REI RICARDO** ·

Que naufrague e sobre ele os mares fiquem. Que faz nos mares esse vagabundo de fígado sem sangue?

**STANLEY** · A causa, a ignoro; mas creio adivinhá-la.

**REI RICARDO** · Que adivinhas?

**STANLEY** ·

Talvez por Morton, Buckingham e Dorset espiçado, vem para a Inglaterra com o fim de reclamar o real trono.

**REI RICARDO** · Está vazio o trono? A espada pende sem dono, acaso? O rei já não respira?

Já não tem dono o império? A quem podemos chamar Rei da Inglaterra, afora o herdeiro, somente, do grande York? E agora diz: que pode ele no mar estar fazendo?

**STANLEY** · Afora esse motivo, nada posso conjecturar.

**REI RICARDO** · Afora esse motivo, ele vem para ser o vosso mestre.

Não sabeis porque vem esse galense, não é assim? Estou bem desconfiado de que queres passar para o seu lado.

**STANLEY** · Não desconfieis de mim, meu soberano.

**REI RICARDO** · Nesse caso, onde estão teus efetivos, para ires combatê-lo? Os teus tenentes?

Teus seguidores? Não se encontram todos na praia ocidental, para os rebeldes desembarcar a salvo?

**STANLEY** · Estão no norte todos os meus amigos, soberano.

**REI RICARDO** · Frios amigos para mim. Que fazem eles no norte, em vez de no ocidente servirem seu monarca?

**STANLEY** · Ordem nenhuma receberam, senhor, nesse sentido.

Se a Vossa Majestade for do agrado, vos reunir os amigos e encontrar-me com Vossa Graça no lugar e em tempo que a Vossa Majestade for mais útil.

**REI RICARDO** · Eu sei! Queres partir para juntar-te a Richmond. Desconfio de tudo isso.

**STANLEY** · Poderoso senhor, não tendes causa para em dúvida pôr minha amizade. Jamais traidor eu fui; nunca hei de sê-lo.

**REI RICARDO** · Está bem; vai reunir os teus amigos.  
Mas deixa aqui teu filho Jorge Stanley.  
Se firme o coração não revelares,  
perigo correrá a cabeça dele.  
**STANLEY** · Com ele procedei como eu convosco.

(*Sai.*)

(*Entra um mensageiro.*)

**MENSAGEIRO** ·

Gracioso, soberano, em Devonshire,  
como estou informado por amigos,  
estão em armas Sir Eduardo Courtney,  
o altanado prelado, Bispo de Exeter  
seu irmão, e outros muitos associados.

(*Entram outros mensageiros.*)

**SEGUNDO MENSAGEIRO** ·

Meu soberano, em Kent, armados, se acham  
os Guildfords; sem cessar, para eles chegam  
grupos frescos de novos rebelados  
que lhes reforçam, desse modo, o exército.

(*Entra terceiro mensageiro.*)

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

As forças, meu senhor, do grande Buckingham...

**REI RICARDO** ·

Fora daqui, corujas! Cantos fúnebres  
é toda vossa fala? Então toma isto,

(*esbofeteia-o.*)

para contares novas mais alegres.

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

O que eu vinha dizer é que por súbitas  
inundações e chuvas abundantes,  
ficou disperso o exército de Buckingham  
e ele errante, por onde ninguém sabe.

**REI RICARDO** · Então, perdoo. Toma a minha bolsa  
para que te refaças das pancadas.

Fez proclamar algum discreto amigo

que será concedida recompensa  
para quem o traidor me trouxer preso?

**TERCEIRO MENSAGEIRO** ·

Isso foi proclamado, soberano.

(*Entra quarto mensageiro.*)

**QUARTO MENSAGEIRO** ·

Dizem, milorde, que Sir Tomás Lovel  
e o Marquês Dorset se acham em Yorkshire,  
em armas. Mas decerto Vossa Alteza  
vai se alegrar, ouvindo outra notícia:  
a esquadra do bretão foi dispersada  
por temporal violento. Em Dorsetshire  
Richmond mandou um dos batéis à praia  
para inquirir dos que por lá se achassem  
se podia contar ou não com eles.  
Responderam-lhe que eram todos homens  
de Buckingham, dispostos a servi-lo.  
Mas ele, desconfiando, fez-se à vela,  
tomando o rumo, logo, da Bretanha.

**REI RICARDO** ·

Marchemos logo, enquanto temos armas;  
se não para lutar contra os de fora,  
para em casa bater os rebelados.

(*Volta Catesby.*)

**CATESBY** · Meu soberano, Buckingham foi preso:  
essa é a notícia boa. A outra, que o Conde  
de Richmond, com possante contingente  
desembarcou em Milford, é mais fria,  
mas precisa ser dita sem reboços.

**REI RICARDO** · Corramos logo para Salisbury.

Enquanto conversamos, é possível  
que se perca ou se ganhe uma batalha.  
Providencie alguém para que Buckingham  
seja levado para Salisbury.

Os demais me acompanhem.

(*Saem.*)

## Ato IV · Cena V

*O mesmo. Um quarto em casa de Lorde Stanley.  
Entra Stanley com Sir Cristovão Urswick.*

**STANLEY** · De minha parte, Sir Cristovão, dize  
a Richmond que meu filho Jorge Stanley  
se acha agora trancado na pocilga  
do fero e sanguinário javali.

Se eu me passar para ele, o moço Jorge  
será decapitado. O medo disso  
é que me impede de ir em seu socorro.  
Vai logo; recomenda-me ao teu amo.  
Ao mesmo tempo dá-lhe a boa nova  
de que a rainha consentiu, de grado,  
em que ele Elisabete a esposar venha.

que o sangue vos aspira como se ele fosse lavagem suja, e em vossos troncos estripados constrói o imundo cocho: esse porco monstruoso se rebolca presentemente bem no centro da ilha, na cidade de Leicester, segundo com certeza o soubemos. De Tamworth até lá é um só dia de caminho. Em nome, pois, de Deus, bravos amigos, por meio desta sanguinosa prova de um áspero combate, preparemo-nos para a colheita de uma paz durável.

**OXFORD** · Cada consciência vale por mil homens para lutar contra o homicida horrendo.

**HERBERT** · Não duvido de que seus partidários nos virão procurar.

**BLUNT** · Seus partidários só o são forçados pelo medo. No auge da precisão, sozinho há de encontrar-se.

**RICHMOND** · Só temos a lucrar. Com Deus, avante! Veloz como a andorinha é a fé, eu o sei: de reis faz deuses, de um campônio, um rei.

(*Saem.*)

## Ato V · Cena III

*Campo de Bosworth.*

*Entra o Rei Ricardo, com tropas; o Duque de Norfolk, o Conde de Surrey e outros.*

**REI RICARDO** · Neste lugar armai a tenda: aqui, no campo de Bosworth. Milorde Surrey, por que vos mostrais triste?

**SURREY** · Vinte vezes mais leve tenho o coração que o rosto.

**REI RICARDO** · Milorde Norfolk...

**NORFOLK** · Aqui estou, meu príncipe!

**REI RICARDO** · Que te parece? Vamos ter, decerto, pancadaria grossa.

**NORFOLK** · Sim, havemos de dar e receber, meu soberano.

**REI RICARDO** · Armai a tenda! Aqui dormirei hoje. (*Os soldados começam a armar a tenda.*)

E amanhã? Pouco importa? Quem já sabe qual o número certo dos traidores?

**NORFOLK** · Ao todo seis ou sete mil, se tanto.

**REI RICARDO** · Temos, então, três vezes mais do que isso. Depois, o nome "Rei" é um burgo forte com que não contam nossos adversários. Vamos, à tenda! Vinde, gentis-homens, vejamos as vantagens do terreno. Chamai pessoas de provado senso. Transmitem ordens; ninguém fique ocioso, que amanhã vai ser dia trabalhoso.

(*Saem.*)

*(No outro lado do campo entram Richmond, Sir William Brandon, Oxford e outros oficiais. Alguns soldados armam a tenda de Richmond.)*

**RICHMOND** · O sol cansado teve ocaso de ouro e pelo rasto claro de seu carro flamejante promete um belo dia.

Sir William Brandon, levareis meu lábaro.

Papel e tinta me trazei à tenda, para eu traçar o plano de batalha, determinar a cada um seu posto e distribuir nossa pequena força com justa proporção. Milorde de Oxford, Sir William Brandon, vós, Sir Walter Herbert, ficai comigo. Com seu regimento fica o Conde de Pembroke. Bondoso Capitão Blunt, por mim dai-lhe boa noite e lhe dizei que na segunda hora da manhã ele deve procurar-me.

Mais uma coisa, capitão, dizei-me:

sabeis da posição de Lorde Stanley?

**BLUNT** ·

Se eu não me equivoquei com suas cores — o que é quase certeza não ter feito — seu regimento a meia milha se acha, para o sul, quando muito, das reais forças.

**RICHMOND** · Se for possível vê-lo sem perigo, bondoso capitão, de minha parte lhe dai este papel; é caso urgente.

**BLUNT** · Fá-lo-ei, por minha vida. E assim, milorde, Deus vos conceda uma tranqüila noite.

**RICHMOND** · Boa noite, caro Blunt. E ora, senhores, passemos à consulta dos negócios de amanhã. Minha tenda à mão se encontra; o ar aqui fora está cortante e frio.

*(Entram para a tenda.)*

*(Ricardo entra para a sua tenda, com Norfolk, Ratcliff e Catesby.)*

**REI RICARDO** ·

Que horas já são?

**CATESBY** · Milorde, é hora da ceia: são nove horas.

**REI RICARDO** · Não quero cear hoje.

Dá-me papel e tinta.

Minha viseira corre facilmente?

A armadura na tenda já foi posta?

**CATESBY** · Perfeitamente; tudo está de jeito.

**REI RICARDO** ·

Assume, meu bom Norfolk, o teu posto; cuida da guarda; escolhe bons vigias.

**NORFOLK** · Pois não, meu soberano.

**REI RICARDO** · Levanta-te amanhã com as cotovias, gentil Norfolk.

**NORFOLK** · Prometo-o, soberano.

*(Sai.)*

**REI RICARDO** · Ratcliff!

**RATCLIFF** · Milorde?

**REI RICARDO** · Manda um passavante de armas dizer a Stanley, em seu regimento, que antes de o sol nascer traga seus homens; do contrário, cairá seu filho Jorge na cova cega da eternal caligem.

Dá-me um copo de vinho... Traze um facho.

Sela para amanhã meu Surrey branco.

Vê o estado das lanças; todas devem ser resistentes, mas sem muito peso.

Ratcliff!

**RATCLIFF** · Milorde?

**REI RICARDO** · Viste, acaso, o melancólico Lorde Northumberland?

**RATCLIFF** · Vi-o, em pessoa, junto com o Conde Surrey, à tardinha; iam de tropa em tropa, percorrendo todas as filas, a animar os homens.

**REI RICARDO** · Isso me deixa alegre. Dá-me vinho. Não sinto a alacridade costumeira, nem a coragem de antes... Deixa aí!... E o papel, já está pronto?

**RATCLIFF** · Sim, milorde.

**REI RICARDO** · Deixa-me, e recomenda à sentinela que faça boa guarda. Em meio à noite, Ratcliff, retorna à minha tenda, para me ajudares a armar-me. Sai, já o disse.

*(O Rei Ricardo se retira para a sua tenda.)*

*Saem Ratcliff e Catesby.)*

*(Abre-se a tenda de Richmond, deixando vê-lo com seus oficiais.)*  
*(Entra Stanley.)*

**STANLEY** ·

Que a sorte e o triunfo no elmo se te aninhem.

**RICHMOND** ·

Meu nobre sogro, almejo-te o conforto que possa conceder-te a negra noite.

E a nossa cara mãe, como se encontra?

**STANLEY** · Tenho procuração para abençoar-te.

da parte dela que, sem pausa, reza pela prosperidade de Richmond.

Quanto a isso, basta. As horas silenciosas deslizam e o negrume floconoso se esbate no nascente. Resumindo,

que o tempo não nos deixa ser prolixos: dispõe teus homens para amanhã cedo e entrega à decisão dos rubros golpes e à guerra de fatais e fixos olhos

toda tua fortuna. Do meu lado, quanto me for possível — que não posso fazer tudo o que quero — hei de esforçar-me por enganar o tempo e para ser-te de vantagem no embate duvidoso.

Mas não posso mostrar-me diligente para te socorrer, que, se for visto, Jorge, teu terno irmão, executado será à vista de seu próprio pai.

Passa bem; o vagar e o tempo incerto não nos permitem mostras afetuosas nem troca demorada de palavras agradáveis, tal como é de costume entre amigos, há muito, separados.

Deus nos conceda tempo para os ritos da amizade. Mais uma vez: adeus!

Não esmoreças e conquista a glória.

**RICHMOND** · Lordes, reconduzi-o às suas tropas. Não obstante os cuidados que me afligem, vou procurar dormir um pouco, para sobre mim não pesar o plúmbeo sono,

quando raiar o dia em que é forçoso  
que eu me libre nas asas da vitória.  
Mais uma vez, boa noite, caros lordes.

*(Saem todos, menos Richmond.)*

Oh tu, de quem eu me confesso simples  
capitão, lança a vista compassiva  
para os meus homens! Dá que eles manejem  
os destruidores ferros de tua cólera,  
porque amassar consigam com seus golpes  
os orgulhosos elmos dos inimigos!  
Usa-nos como meio de castigo  
porque em tua vitória te exaltemos!  
Entrego-te minha alma vigilante  
ao cerrar as janelas destes olhos.  
Que eu durma e vele... Oh! Não me desampares!

*(Dorme.)*

*(O espectro do Príncipe Eduardo, filho de Henrique VI,  
aparece entre as duas tendas.)*

**ESPECTRO** *(ao Rei Ricardo)* ·

Amanhã pesarei sobre tua alma!  
Relembra a punhalada que me deste  
em Tewksbury, no albor da mocidade.  
Enche-te, pois, de desespero, e morre!  
*(A Richmond.)* Alegra-te, Richmond, porque  
[combatem

de teu lado os espíritos dos príncipes  
mortos injustamente antes do tempo.  
Filho do Rei Henrique eu sou; coragem!

*(Aparece o espectro do Rei Henrique VI.)*

**ESPECTRO** *(ao Rei Ricardo)* ·

O corpo unguido, em vida, me crivaste  
de feridas mortais. Pensa na Torre;  
enche-te, pois, de desprezo, e morre!  
*(A Richmond.)* Santo e virtuoso, vence! O mesmo  
[Henrique

que predisse que havias de ser rei,  
no sono ora te anima. Vive e cresce!

*(Aparece o espectro de Clarence.)*

**ESPECTRO** *(ao Rei Ricardo)* ·

Amanhã pesarei sobre tua alma,  
eu, que fui afogado em vinho infame,  
pobre Clarence, que entregaste à morte.  
Pensa em mim na batalha de amanhã  
e cair deixa a tua espada romba.  
Enche-te, pois, de desespero, e morre!  
*(A Richmond.)* Salve, broto a casa de Lencastre!  
Rezam por ti os ultrajados Yorkes.

Que os anjos te protejam. Vive e cresce!

*(Aparecem os espectros de Rivers, Grey e Vaughan.)*

**ESPECTRO DE RIVERS** *(ao Rei Ricardo)* ·

Amanhã pesarei sobre tua alma!  
Fala-te Rivers, por ti morto em Pomfret.  
Enche-te, pois, de desespero, e morre!

**ESPECTRO DE GREY** *(ao Rei Ricardo)* ·

Pensa em Grey e que tua alma desespere!

**ESPECTRO DE VAUGHAN** *(ao Rei Ricardo)* ·

Pensa em Vaughan com medo criminoso  
e cair deixa tua lança romba!  
Enche-te, pois, de desespero, e morre!

**OS TRÊS ESPECTROS** *(a Richmond)* ·

Desperta e pensa que por ti combate  
no peito de Ricardo o que sofremos.  
Desperta e sê o vencedor do dia!

*(Aparece o espectro de Hastings.)*

**ESPECTRO** *(ao Rei Ricardo)* ·

Sanguinário e culpado, acorda em culpa  
e em batalha sangrenta acaba os dias.  
Pensa em Lorde Hastings, desespera e morre!  
*(A Richmond.)* Alma tranqüila, acorda, e nesta guerra  
mostra-te o braço forte da Inglaterra!

*(Aparecem os espectros dos dois jovens príncipes.)*

**ESPECTROS** *(ao Rei Ricardo)* ·

Sonha com teus dois primos asfixiados  
na Torre! Como chumbo pesaremos  
em teu peito, Ricardo, para a ruína  
te obrigar a baixar e para a morte.  
Falam-te as almas de teus dois sobrinhos;  
enche-te, pois, de desespero, e morre!  
*(A Richmond.)* Dorme, Richmond, em paz e acorda  
[alegre!

Que os anjos te protejam do javardo!

Vive e dá nascimento a florescente  
casa de sangue real. Os infelizes  
filhos de Eduardo querem que prosperes.

*(Aparece o espectro de Lady Ana.)*

**ESPECTRO** *(ao rei Ricardo)* ·

Ricardo, tua esposa, a desgraçada  
Ana, tua esposa que, jamais, uma hora  
pôde junto de ti dormir tranqüila,  
com pesadelos ora te enche o sono.  
Pensa em mim na batalha de amanhã  
e cair deixa a tua espada romba.  
*(A Richmond.)* Alma tranqüila, dorme um sono  
[calmo.

Sonha com a glória, a paz seja contigo,  
que por ti reza a esposa do inimigo.

*(Aparece o espectro de Buckingham.)*

**ESPECTRO** *(ao Rei Ricardo)* ·

Fui o primeiro a te elevar ao trono,  
o último a te provar a tirania.

Oh! Durante a batalha pensa em Buckingham  
e morre no terror de tua infâmia.

Sonha com sangue, com traições e morte,  
sem que na vida encontres mais suporte.

*(A Richmond.)* Morri sem te poder ser ajudante.

Não reveles temor; luta confiante.

Estarão Deus e os anjos ao teu lado;

Ricardo vai cair presa do fado.

*(Desaparecem os espectros; o Rei Ricardo acorda  
Sobressaltado.)*

**REI RICARDO** ·

Outro cavalo, outro cavalo! Os golpes  
me pensai! Meu Jesus, tende piedade!

Devagar! Devagar! Foi tudo sonho.

Oh consciência covarde, tu me assustas!

Azul a chama se acha; é meia-noite,  
hora mortal. Um suor frio escorre-me  
pelos trêmulos membros. Como! Medo?

Medo de quê? Não há ninguém por perto.

Ricardo ama Ricardo; eu sou eu mesmo.

Haverá aqui dentro um criminoso?

Não... Sim: eu próprio. Então, foge depressa.

Mas, fugir de mim mesmo? Justifica-se:

poderia vingar-me. Como! Eu próprio  
de mim tomar vingança? Amo-me muito.

Por quê? Por algum bem que eu me fizesse?

Oh, não! Antes me odeio, por odiosas

ações que eu pratiquei. Sou um miserável!

Minto; não o sou. Não digas, tolo, coisas

feias de ti! Oh tolo, não te adules!

De mil línguas distintas é dotada

minha consciência; uma por uma, as línguas,

conta uma história à parte, e todas elas

me chamam miserável. O perjúrio

em seu mais alto grau, crimes horrendos

em seu mais alto grau, todos os crimes

nos mais variados graus, me gritam do alto

do tribunal: Culpado! Criminoso!

Desespero; criatura alguma me ama.

Se eu morrer, nenhuma alma há de chorar-me.

Aliás, por que o fariam, se eu não tenho

piedade de mim próprio? Pareceu-me  
que à minha tenda tinham vindo as almas  
de quantos eu matei e que elas todas  
prometiam lançar dura vingança  
amanhã na cabeça de Ricardo.

*(Entra Ratcliff.)*

**RATCLIFF** · Milorde!

**REI RICARDO** · Quem está aí?

**RATCLIFF** · Sou eu, milorde,  
[Ratcliff.

o matutino galo do povoado

a aurora já saudou por duas vezes.

De pé, vossos amigos se preparam.

**REI RICARDO** ·

Oh Ratcliff! Eu sonhei um sonho horrível!

Que pensas? Estarão eles conosco?

**RATCLIFF** · Sem dúvida, milorde.

**REI RICARDO** ·

Oh! temo... temo...

**RATCLIFF** · Não reveleis, senhor, medo de sombra.

**REI RICARDO** ·

Sim, por São Paulo Apóstolo, esta noite

sombras lançaram na alma de Ricardo

muito mais medo do que poderiam

fazê-lo mil soldados aguerridos

sob o comando do imbecil Richmond.

Ainda é noite. Vem; saiamos juntos.

Vamos ficar de escuta junto às tendas

para saber se alguém pensa em trair-nos.

*(Saem.)*

*(Richmond desperta; entra Oxford e outros.)*

**LORDES** · Bom dia, Richmond!

**RICHMOND** · Peço perdão, zelosos gentis-homens,  
por terdes surpreendido um dorminhoco.

**LORDES** · Dormistes bem, milorde?

**RICHMOND** · Desde a vossa saída, meus senhores,

tive o mais doce sono, os mais risonhos

e promissores sonhos que podiam

penetrar num espírito cansado.

Pareceu-me que as almas cujos corpos

Ricardo assassinara, tinham vindo

à minha tenda me gritar: Vitória!

O coração, afirmo-o, ora se encontra

jucundo à só lembrança desse sonho.

A quanto estamos da manhã, milordes?

**LORDES** · Prestes a bater quatro.

**RICHMOND** ·

Tempo é de nos armarmos e ordens darmos.

*(Oração de Richmond aos soldados.)*

Além do que eu vos disse, compatriotas,  
me impede ora falar-vos a premência  
do tempo e as circunstâncias. Fervorosas  
preces de santos e de violentadas  
almas à nossa frente se levantam  
como fortes baluartes. Se excetuarmos  
Ricardo, os que no campo oposto se acham  
preferem que tenhamos a vitória  
a dá-la ao que eles seguem. Pois que espécie  
de chefe é que eles seguem? Gentis-homens,  
um assassino e um tirano sanguinário,  
que subiu pelo sangue e pelo sangue  
se firmou, que lançou mão dos recursos  
mais vis para chegar onde ora se acha,  
e que sacrificou seus auxiliares,  
horrível pedra sem valor, tornada  
preciosa tão-somente pelo engaste  
do trono da Inglaterra que ele usurpa,  
declarado inimigo de Deus grande.  
Se fordes contra o imigo de Deus grande,  
Deus, em sua justiça, há de amparar-vos,  
por serdes seus soldados. Se suardes  
para depor o monstro, heis de ter sono  
sossegado, uma vez morto o tirano.  
Se os imigos da pátria combaterdes,  
tereis a recompensa das canseiras  
no bem-estar da pátria. Se lutardes  
para as esposas libertar, por elas  
sereis saudados como vencedores  
de volta a vossos lares. Se livrardes  
da espada vossos filhos, vossos netos  
vos darão na velhice a recompensa.  
Em nome, pois, de Deus e do Direito  
desfraldai as bandeiras, empunhando  
vossas espadas prestes. O resgate  
desta minha audaciosa tentativa  
consistirá em dar o frio corpo  
à terra também fria. Mas no caso  
de eu sair vencedor, heis de ter todos  
vossa parte nos lucros deste dia.  
Clarins, tambores, eia! Para a glória!  
Deus e São Jorge! Richmond e vitória!

*(Saem.)*

*(Voltam o Rei Ricardo, Ratcliff, auxiliares e soldados.)*

**REI RICARDO** ·

Northumberland que disse de Richmond?

**RATCLIFF** · Que desconhece quanto à guerra toca.

**REI RICARDO** ·

Falou a verdade. E Surrey, que lhe disse?

**RATCLIFF** · Sorrindo, acrescentou: “Melhor assim”.

**REI RICARDO** ·

Ele está com a razão; é assim, de fato.

*(O relógio bate horas.)*

Soam horas... Trazei-me um calendário.

Quem já viu hoje o sol?

**RATCLIFF** · Eu não, milorde.

**REI RICARDO** · É que ele, então, a aparecer se nega;

porque, pelo almanaque, já devia  
há uma hora ter surgido no nascente.

Para alguém será negro o dia de hoje.

Ratcliff!

**RATCLIFF** · Milorde?

**REI RICARDO** · Não veremos hoje o sol.

O céu se adensa sobre os nossos homens;

quisera que essas lágrimas de orvalho  
viesses da terra. Não haver sol hoje!

Mas por que para mim será mais grave

do que para Richmond? O mesmo céu

que para mim se mostra carrancudo,

lança sobre ele olhares também tristes.

*(Entra Norfolk.)*

**NORFOLK** · Milorde, às armas! O inimigo avança!

**REI RICARDO** ·

Vamos, depressa! Aprontem meu cavalo!

Dizei a Lorde Stanley que nos traga

seus contingentes. Levarei meus homens

para a planície. Assim vou distribuí-los:

disporei a vanguarda numa linha,

partes iguais de peões e de cavalos;

os arceiros no centro serão postos.

João, Duque de Norfolk, e Tomás,

Conde de Surrey ficarão com o mando

desses homens de pé e de cavalo.

Desse modo disposto, seguiremos

com o corpo principal, cuja potência

reforçada será de cada lado

pela nossa melhor cavalaria.

São Jorge nos proteja. Que achas, Norfolk?

**NORFOLK** · Plano excelente, belicoso príncipe.

Encontrei isto, cedo, em minha tenda.

*(Dá-lhe um papel enrolado.)*

**REI RICARDO** ·

“Jóquei de Norfolk, sê mais precavido,

porque teu mestre Dick está vendido.”  
 Não passa de invenção dos inimigos.  
 Ide, senhores, para os vossos postos.  
 Não nos perturbem a alma nossos sonhos  
 faladores. Consciência é uma palavra  
 que os covardes empregam, inventada  
 para infundir temor nos homens fortes.  
 Seja nossa consciência o braço forte;  
 nossa lei, as espadas. Eia, avante!  
 Juntos conquistaremos nome eterno,  
 ou baixaremos juntos para o inferno.

*(Sua oração para os soldados.)*

Que vos direi, além do que já disse?  
 Pensai em quem tereis de dar combate:  
 um bando de velhacos, vagabundos,  
 desertores, a borra da Bretanha,  
 vis lacaios do campo, vomitados  
 pelo país saciado, para a todos  
 destruir com jogá-los nesta empresa.  
 Dormíeis calmamente; eles vos trazem  
 somente inquietação. Possuíis terras,  
 tendes belas esposas; eles querem  
 tomar-vos umas, desonrar as outras.  
 Quem lhes serve de chefe? Um ser risível,  
 desde muito criado na Bretanha  
 a expensas da Inglaterra idolatrada,  
 um fracalhão que nunca, em toda a vida,  
 sentiu mais frio do que o dos sapatos,  
 quando a neve os recobre. Eia! Obriguemos  
 essa corja a cruzar de novo os mares,  
 metamos o chicote na canalha  
 da França, esses mendigos esfaimados,  
 fátigados da vida, que enforcado  
 se teriam, decerto, por penúria —

pobres ratos famintos! — se não fosse  
 terem sonhado com esta bela empresa.  
 Se tivermos de ser hoje vencidos,  
 que o sejamos por homens, não por esses  
 bastardos da Bretanha, que se viram  
 por nossos pais batidos em seu próprio  
 país, espezinhadados, amassados  
 e herdeiros se tornaram de vergonha.  
 Essa gente virá a ficar de posse  
 do que é nosso? Tomar-nos as esposas?  
 Desonrar-nos as filhas?

*(Tambores, ao longe.)*

Atenção!

Ouço os tambores deles! Gentis-homens  
 da Inglaterra, ao combate! Para a luta,  
 valorosos campônios! Pontaria,  
 meus archeiros! Visai-lhes as cabeças!  
 Metei esporas nos cavalos árdegos!  
 Atolai-vos em sangue; estupefacto  
 deixai o céu com os cotos dessas lanças!

*(Entra um mensageiro.)*

Que disse Lorde Stanley? Traz seus homens?  
**MENSAGEIRO** · Milorde, ele se nega a obedecer.  
**REI RICARDO** · Fora a cabeça de seu filho Jorge!  
**NORFOLK** · Milorde, o imigo já passou o pântano;  
 deixai a execução de Jorge Stanley  
 para depois do encontro e da vitória.  
**REI RICARDO** ·  
 Mil corações me pulsam no imo peito.  
 As bandeiras à frente! Aos inimigos!  
 Que o nosso antigo grito de combate:  
 “Por São Jorge!” a coragem nos insufla  
 dos dragões ardorosos. Vamos! A eles!  
 Paire a vitória sobre os nossos elmos!

*(Saem.)*

## Ato V · Cena IV

*Outra parte do campo de batalha.*

*Alarma. Movimento de tropas. Entra Norfolk, com tropas. Catesby corre ao seu encontro.*

**CATESBY** · Vinde em socorro, caro Lorde Norfolk!  
 O rei realiza coisas sobre-humanas  
 sem temor enfrentando os inimigos.

Mataram-lhe o cavalo; a pé combate.  
 Anda à procura de Richmond té mesmo  
 na garganta da morte. Vinde logo,  
 meu caro lorde, ou tudo está perdido.

*(Alarma. Entra o Rei Ricardo.)*

**REI RICARDO** · Um cavalo! Um cavalo! Dou meu reino  
 por um cavalo!

CATESBY · Retirai-vos, príncipe;  
que eu vos arranjaré outro cavalo.

REI RICARDO · Joguei a vida num só lanço, escravo;  
aceito o que me der o azar dos dados.

Parece que no campo há seis Richmonds,  
já matei cinco, em vez do verdadeiro...

Um cavalo! Um cavalo! Dou meu reino  
por um cavalo!

*(Saem.)*

*(Alarma. Entram, por diferentes lados, o Rei Ricardo e Richmond, e saem, combatendo. A seguir, tornam a entrar Richmond, Stanley, que traz a coroa, com diversos outros nobres e tropas.)*

RICHMOND · Seja louvado Deus e vossas armas,  
amigos vitoriosos. Nosso é o dia:  
o sanguinário cão está sem vida.

STANLEY · Corajoso Richmond, foi com bravura  
que te desobrigaste. Aqui te trago  
esta real jóia há muito profanada,  
que eu próprio retirei da frente morta  
do monstro sanguinário, porque ornasses  
com ela o teu conspecto. Ei-la! Recebe-a,  
usa-a, dela te goza e dá-lhe brilho.

RICHMOND · Que a tudo isso diga Deus Amém.  
E o moço Jorge Stanley, está vivo?

STANLEY · Está salvo, milorde, na cidade  
de Leicester, para onde poderemos  
retirar-nos, se for do vosso agrado.

RICHMOND ·  
Que homens de prol caíram dos dois lados?

STANLEY ·  
João, Duque de Norfolk, Walter, Lorde Ferrers,  
Sir Roberto Brakenbury e Sir William Brandon.

RICHMOND ·

Sepultai-os de acordo com seus títulos.

Proclamai que serão perdoados todos  
os fugitivos que nos procurarem  
para se submeter. E após, conforme  
juramos ao tomar o sacramento,  
uniremos as rosas branca e rubra.

Sorri, Oh céu, para esta união sincera,  
já que tanto ensombraste antigos ódios!  
Que traidor, ao me ouvir, não diz amém?

Louca estava a Inglaterra, havia muito;  
feria-se a si própria. Dementado,  
sangue fraterno o irmão, cego, vertia;  
furioso, o pai matava o próprio filho;  
forçado, o filho ao pai sacrificava.

Tudo isso York e Lencastre ocasionavam,  
em horrível discórdia divididos.

Ora deixai que os lídimos herdeiros  
das duas casas reais de tanto brilho,  
Richmond e Elisabete, por desígnio  
de Deus a se unir venham. Que seus netos —  
se assim, Deus o quiseres! — o futuro  
enriqueçam com a paz de faces brandas,  
com fartura risonha e dias prósperos.

Oh gracioso Senhor, embota as armas  
dos traidores que queiram novamente  
nos trazer esses dias sanguinários  
e forçar a Inglaterra desditosa  
a se afogar num mar de sangue e lágrimas.

Não chegue a ver a pátria sorridente  
quem nos privar da paz traiçoeiramente.

Unidos, todos, ora a paz mantém;  
para ser longa, diga Deus: Amém.

*(Saem.)*